

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP

MARINA APARECIDA OLIVEIRA DOS SANTOS CORREA

Alteração das Características Tradicionais da Igreja
Assembléia de Deus

Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo

SÃO PAULO
2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP

MARINA APARECIDA OLIVEIRA DOS SANTOS CORREA

**Alteração das Características Tradicionais da Igreja
Assembléia de Deus**

Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação da Prof Dr João Décio Passos.

SÃO PAULO
2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Correa, Marina Aparecida Oliveira dos Santos

Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembléia de Deus: Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo / Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa. -- São Paulo: PUC / SP, 2006.

xii, 170f. ; 7 cm

Orientador: Prof. Dr. João Décio Passos

Dissertação (Pós-Graduação *Stricto sensu*) – PUC / SP, Pós-Graduação *Strictu sensu* em Ciências da Religião, 2006.

1. Religião – Histórico. 2. Religião – Igrejas Evangélicas. 3. Pentecostalismo. 4. Movimento Neopentecostal – Tese. I. Passos, João Décio. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. III. Título. IV. Título: Alteration of the traditional characteristics of the Assembly of God church.

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR

PROF. DR.

PROF. DR.

PROF. DR.

Dedico este trabalho a minha família: Carlos, esposo e grande companheiro que com carinho e dedicação soube esperar pacientemente o término desse trabalho; aos meus filhos: Carlos Alberto, de caráter forte e genioso, nunca deixou de demonstrar o seu amor. Marco Aurélio, meigo e terno, sempre amigo nas horas difíceis; e a minha filha e sobrinha Jane, discreta e amorosa, sabe me consolar com o gesto mais nobre: a dedicação. Sem vocês, Jamais me sentiria uma mulher completa.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente, agradeço a Deus pela conclusão deste trabalho, ele me fez sentir forte nas horas mais difíceis, me inspirou, transbordou a minha paciência e, muitas vezes me colocou de pé quando quis parar, para continuar nesta tarefa até o fim.

Gostaria de agradecer a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que proporcionou o valioso espaço e atenção para que este trabalho pudesse ser realizado.

Ao Prof. Dr. João Décio Passos, um agradecimento especial, pela orientação paciente e animadora durante o tempo em que estive cursando as disciplinas e desenvolvendo essa dissertação; por ter lido minhas idéias iniciais e me mostrado o caminho da dedicação para que este trabalho fosse realizado.

Aos professores da Banca qualificadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – Ênio José da Costa Brito e Antonio Elias Silveira Leite (Tolias) pelas orientações e sugestões valiosas que muito me ajudaram para a finalização deste trabalho.

Honradamente agradeço aos meus pais, João Bispo dos Santos e Francina Gonçalves de Oliveira, os melhores educadores que já tive, eles me ensinaram a caminhar com garra, honestidade e determinação e nunca desistir diante dos meus ideais.

Agradeço ao padre Geraldo Alves Pereira, pároco da Igreja Santa Teresinha do Jaçanã, pela amizade, dedicação e, principalmente, pela compreensão e incentivo no decorrer desta jornada.

Em especial agradeço a professora, psicóloga e amiga Larissa Zeggio Figueredo, que dedicou horas de seu tempo para me ouvir, incentivar, corrigir,

elogiar, sorrir...Muitas vezes, acalentou meu pranto, usando o saber que a Psicologia lhe ensinou e, ao mesmo tempo, os ensinamentos de sua vida. Muito obrigada.

A todos os colegas pela interação e agradável convívio ao longo do curso que nos proporcionou este caminhar mais leve.

Aos meus amigos e amigas que não ousaria citar nomes por medo de esquecer alguém, que souberam esperar por esse longo tempo de ausência.

Cordialmente, agradeço a Livraria Cortez, representada nas pessoas de Antonio Deusivan de Oliveira (Ivan) e Patrícia Macedo de Oliveira, pela simpatia e pela informação disponível em todos os momentos que procurei ajuda.

À amiga e futura nora, Karine Teresa dos Santos, pelo sorriso, dedicação e empenho dispensado nas correções textuais, sugerindo sempre um novo caminho de escrita, me ensinando brincar com as palavras.

Quero registrar também meu agradecimento a minha amiga e futura nora, Mariana Rossi Massitelli, pelo carinho e confiança.

Aos pastores da Igreja Assembléia de Deus – Bom Retiro: o pastor Rubinho pelo carinho com que me recebeu no primeiro contato com a igreja; O pastor Alencar Gonçalves, pelas entrevistas e pastor Aécio Ribeiro pela simpatia, compreensão e respeito dispensado a mim todas as vezes que precisei de dados para esse trabalho.

Gentilmente, gostaria de registrar meu agradecimento aos professores com os quais tive a oportunidade de discutir sobre as idéias desse tema.

Desejo agradecer as pessoas que direta e ou indiretamente contribuíram para a realização desta tese de mestrado em especial a minha querida cunhada Valéria Cristina Correa, pela amizade sincera.

Aos colegas de trabalho da UNINOVE representados por Aline Alves de Andrade e Renato Rodrigues dos Santos pelo apoio e compreensão em todos os momentos em que senti cansada diante dessa árdua tarefa.

Não poderia deixar de agradecer ao amigo Renato Soares Ramos pela amizade e a paciência que me socorreu nos momentos em queria desistir.

Finalmente, aos meus familiares eu peço desculpas pela ausência durante o período do curso e agradeço por me apoiarem. Este caminho de crescimento não seria possível sem eles.

“(...) Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é MUITO para ser insignificante” (Chaplin)

RESUMO:

Correa, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembléia de Deus: Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo* (dissertação de mestrado). São Paulo: PUC / SP, 2006.

A presente pesquisa é fruto de constantes inquietações sobre como a igreja se transforma frente à renovação do ambiente e de seus fiéis, bem como de sua época.

Alterar uma característica significa muito mais que fazer diferente, antes é preciso renovar posturas e pensamentos, sem os quais não se atinge o sucesso previsto.

Estudar a igreja Assembléia de Deus no bairro paulistano do Bom Retiro, suas características tradicionais e fatores sócio-culturais, dentre outros, possibilitou entender como as sociedades humanas estabelecem vínculos a partir de necessidades em comum; e, em nosso caso, como a procura de novos perfis de fiéis gera uma nova imagem para a igreja.

Existe também, um rompimento com suas origens filósofo-teológicas, aparecendo novas formas, práticas, maneiras distintas e divergentes de se articular com a fé, gerando assim, um pluralismo religioso e novas teologias de compreensão em seus discursos.

Essa alteração de características vem ao encontro com fatores econômicos relacionados ao bem estar e ao modo de vida arraigado na idéia do estado mínimo, ou seja, a auto determinação das pessoas frente aos seus objetivos almejados.

Portanto, temos hoje uma igreja em trânsito, que segue os perfis objetivados em determinados momentos ou situações, não necessariamente em acordo com as regras pré-estabelecidas, mas rompendo com esses padrões tradicionais e ampliando sua continuidade de trabalhos.

Hoje, parece não ser mais o fiel quem se adapta aos moldes da igreja, mas a igreja quem se adapta aos perfis de seus fiéis.

Palavras-chave: Assembléia de Deus, tradicionalismo, pentecostalismo, cisão, neopentecostalismo, modernidade, adaptação social.

ABSTRACT:

Correa, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alteration of the traditional characteristics of the Assembly of God church. (Master in Religious Science). São Paulo: PUC / SP, 2006.

The present research is fruit of constant fidgets on as the church if it transforms front to the renewal of the environment and its people, as well as of your time.

To modify a characteristic means that not to make different, before is necessary to renew positions and thoughts, without which the foreseen success is not reached.

To study the church Assembly of God in the São Paulo's neighbor of the Bom Retiro, its traditional characteristics and socio-cultural factors, amongst others, made possible to understand as the societies human beings establish bonds from interests in common; and, in ours case, the search of new profiles of people appears a new image for the church.

It also exists, a disruption with its philosopher-theological origins, appearing new forms, practical, distinct and divergent ways of if articulating with the faith, thus generating, a religious pluralism and new theology of understanding in its speeches.

This alteration of characteristics comes of meeting with economic factors related to the welfare and the way of life based in the idea of the minimum state, or either, the auto determination of the people front to its longed for objectives.

Therefore, we today have a church in transit, that follows the profiles objectified at definitive moments or situations, not necessarily in agreement with the daily pay-established rules, but breaching with these traditional standards and extending its continuity of works.

Today, it is not more the people that adapts to the molds of the church, but is the church that adapts to the profiles of its people.

Key-words: Assembly of God, Traditionalism, Pentecostalism, split, Neo-Pentecostalism, modernity, social adaptation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO	25
1. RAÍZES HISTÓRICAS DO PENTECOSTALISMO	26
2. METODISMO E A DOCTRINA DA SANTIFICAÇÃO	29
3. O PENTECOSTALISMO NO BRASIL	39
4. CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL	42
5. PERFIL DOS PENTECOSTAIS	48
CAPÍTULO II A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS	55
1. AS “ONDAS” DO PENTECOSTALISMO	56
2. O PERFIL DA ASSEMBLÉIA DE DEUS	61
3. AS CISÕES DENTRO DA PRÓPRIA IGREJA AD	65
4. O TRÂNSITO RELIGIOSO NOS ADEPTOS DA AD	74
5. CISÕES INTERNAS, EXTERNAS E O PRENÚNCIO DAS ALTERAÇÕES DA IGREJA AD	79
CAPÍTULO III A ASSEMBLÉIA DE DEUS DO BOM RETIRO	82
1. DO DEPÓSITO AO TEMPLO	82
2. GRANDE TEMPLO E MÚLTIPLAS OFERTAS	88
2.1. Cultos: o receptor como foco	89
2.2. Os comunicadores da emoção: falando ao coração	91
3. A NEOPENTECOSTALIZAÇÃO DA AD	94
3.1. Neopentecostalismo: a ruptura com o tradicional	98
4. AS PRODUÇÕES NEOPENTECOSTAIS DA AD BOM RETIRO	105
4.1. O discurso e a orientação para a prosperidade na AD	106
4.2. Os rituais e símbolos da AD – Bom Retiro	111
4.3. Teatro e templo na AD	113
4.4. Organização e lógica empresarial	115
4.5. Ofertas carismáticas e organização racional	116
CAPÍTULO IV AD – BOM RETIRO: PENTECOSTALISMO E MODERNIZAÇÃO	121
1. O BOM RETIRO: DAS VARANDAS ÀS TELEVISÕES	122
1.1. Dias antes da Luz	124
1.2. De capital da solidão para capital do desassossego	126
2. O PENTECOSTALISMO DA PERIFERIA AO CENTRO	129

2.1. <i>O microcosmo das vilas operárias na transição da realidade</i>	130
2.2. <i>Igrejas: em busca de necessidades da comunidade</i>	132
2.3. <i>Arrebatação evangélica teocentrista</i>	134
3. IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS NA MODERNIDADE	138
3.1. <i>Os fiéis da AD – Bom Retiro: convicção do próprio valor</i>	143
3.2. <i>O pastor: perito nos ensinamentos</i>	147
3.3. <i>Discurso: o palco da prosperidade</i>	150
3.4. <i>Culto: espetáculo da emoção ao efêmero</i>	152
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 154
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 160
 ANEXOS	 164
 ANEXO 1: ROTEIROS DE ENTREVISTAS PILOTO	164
ANEXO 2: FOLDER DA PROGRAMAÇÃO DOS HORÁRIOS DOS CULTOS ..	165
ANEXO 3: FOLDER DETALHADO COM HORÁRIOS, CURSOS E FICHA PARA VISITANTES.....	166
ANEXO 4: ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS	167
ANEXO 5: ENVELOPE DO DÍZIMO	169
ANEXO 6: FICHA DE MEMBROS	170
ANEXO 7: FOLDER DA CAMPANHA PORTAS ABERTAS	171
ANEXO 8: FOLDER DE CURSOS	172
ANEXO 9: FOLDER DA FESTA DOS ESTADOS	173

INTRODUÇÃO

O Brasil ainda possui uma forte tradição católica e, grande parte da população permanece adepta a essa religião, todavia, os dados apresentados por inúmeras pesquisas têm mostrado cada vez mais o decaimento do número de adeptos da igreja católica. Por outro lado, as igrejas denominadas evangélicas que, como veremos, vêm de um histórico protestante e pentecostal, têm crescido assustadoramente em relação ao número de igrejas e adeptos.

Na primeira década do séc XX, no Brasil, surgiram as duas primeiras igrejas pentecostais, com práticas independentes uma da outra, e com apenas um ano de diferença na chegada ao país. Essas igrejas foram originárias dos movimentos de santidade que eclodiram nos Estados Unidos nessa mesma época.

Diversos autores discutem sobre o surgimento do pentecostalismo no Brasil e sobre a fundação da Assembléia de Deus (AD) entre eles, Souza apresenta o primeiro estudo sistemático e de caráter científico sobre as denominações pentecostais em nosso meio, analisando as múltiplas funções da vida religiosa nas sociedades contemporâneas. D'Epinay contribui com um estudo sobre as demandas da fé cristã no contexto latino-americano, descrevendo o surgimento, desenvolvimento e mudanças sociais ocorridas principalmente no Chile, Mariano descreve as origens do pentecostalismo, seu crescimento e anuncia a chegada do neopentecostalismo e suas características, Freston interpreta as igrejas pentecostais e as classificam em “ondas”, Campos e Rolin abordam o pentecostalismo no Brasil. Todos eles procuram demonstrar o surgimento e crescimento dos pentecostais a

partir do processo de urbanização ocorridas na América Latina e, conseqüentemente, às mudanças sócio-culturais e religiosas.

A primeira igreja pentecostal a chegar no Brasil foi à igreja “Congregação Cristã do Brasil” fundada em 1910, no bairro do Brás, em São Paulo; e, em seguida, em 1911, a fundação da igreja “Assembléia de Deus”, em Belém do Pará, no extremo oposto do país. Ambas formam o marco do pentecostalismo brasileiro, com um novo tipo de igreja e experiência religiosa. Neste período, os missionários suecos Vingren e Berg chegaram ao Brasil, em Belém do Pará, e fundaram a Assembléia de Deus nesse mesmo ano. Nascida de cisão da igreja batista, em 1914, se organizou com o nome de “General Council” nos Estados Unidos. Se firmou depois com o nome Igreja Assembléia de Deus e, atualmente, é conhecida como a maior igreja pentecostal brasileira em números de adeptos. É considerada também como uma igreja de “primeira onda”¹ e teve um papel importantíssimo em nosso meio por apresentar maneiras e técnicas diferentes vivenciada até aquele momento. Os fundadores da AD eram tidos como *escolhidos de Deus*. Firmavam nos corações dos fiéis a presença e os sinais de Deus para serem vividos e revividos na história e converter até aqueles de corações mais adormecidos e que viviam distantes da esperança.²

O objeto desta dissertação é a investigação sobre a alteração das características tradicionais da igreja Assembléia de Deus – O estudo é feito a partir

¹ FRESTON, P, apresenta aos movimentos das igrejas como ondas. O autor se utiliza a analogia “ondas” para referir-se ao início, expansão e reversão desses movimentos religiosos ao longo do tempo. Ele coloca que existem três períodos dos movimentos, que correspondem cronologicamente a primeira, segunda e terceira onda. A primeira onda é da década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 1950 e início de 1960 e a terceira onda como no final dos anos 1970 e ganha força nos anos 1980. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus, (1980). Cf. FRESTON, P, *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*.

² Os principais autores que apresentam o histórico do pentecostalismo e da história da AD nos Estados Unidos e no Brasil são: ROLIN, F.C. *Pentecostalismo, Brasil e América Latina*. SOUZA, B. M. *A experiência da salvação – pentecostais em São Paulo*.

da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo e busca a relação entre essa igreja e os fatores sócio-culturais que influenciam uma possível alteração nos seus paradigmas tradicionais.

A análise centra-se no contraste entre as características da igreja AD no momento de sua fundação no Brasil e entre as características atuais, observadas na igreja Assembléia de Deus, localizada na cidade de São Paulo, na rua Afonso Pena, n. 560 – bairro do Bom Retiro. A localização, como veremos, denuncia a relação inerente entre o neopentecostalismo e a atual fase sócio-cultural produzida pela grande cidade. De fato, o Bairro do Bom Retiro expressa, nas suas condições atuais, o processo histórico de mudança dos bairros, enquanto lugar de habitação e de oferta de serviços ocorrida principalmente pela ocupação dos grandes comércios.

Nesse sentido, o objetivo da presente tem como ponto central, a análise da alteração das características tradicionais da igreja Assembléia de Deus, descrevendo seu perfil, na época do surgimento e seu perfil atual, e discutindo quais são os elementos que influenciam neste processo. Dentre os objetivos específicos são propostos: a) caracterizar a igreja Assembléia de Deus no momento de sua fundação; b) identificar as características da igreja Assembléia de Deus que foram alteradas desde a sua fundação até os dias de hoje; e c) discutir os motivos que levaram a alteração das características da Assembléia de Deus no Brasil e, em especial, em São Paulo.

A partir da problemática e do objeto expostos, a hipótese desse trabalho gira em torno da idéia de que as igrejas pentecostais “tradicionais”, isto é, aquelas consideradas de “primeira onda”, estão alterando suas características rígidas (ascéticas) para atrair mais adeptos, segundo os parâmetros do neopentecostalismo.

Assim, a hipótese específica desse projeto é que a igreja Assembléia de Deus (Bom Retiro – SP) alterou suas características em função dos valores e das práticas sócio-culturais atuais que giram em torno: a) do prazer imediatista e, não mais tanto, do sofrimento para obter prazer e recompensa apenas no reino dos céus, b) que se centra no indivíduo e não tanto na comunidade restrita e de relações diretas; c) que utiliza em seus cultos, estratégias de espetáculo e não tanto o apelo ético, e d) que todas essas mudanças significam uma adaptação do pentecostalismo às dinâmicas sócio-culturais das grandes cidades modernas.

Foram usados dois roteiros de entrevistas: o primeiro roteiro de entrevista continha questões que versavam sobre o perfil sócio-demográfico dos adeptos; perfil do adepto na AD; e um relato de experiência de conversão. O segundo roteiro de entrevista é mais complexo e está dividido em cinco categorias: a) perfil sócio-demográfico do adepto; b) perfil de entrada na AD; c) rotina e características atuais da AD; d) mudança da rotina e características da AD nos últimos anos; e e) percepção do impacto e motivos da mudança pelo adepto. Ambos os roteiros são apresentados em anexo, ao final do trabalho. As entrevistas e visitas efetuadas na AD - Bom Retiro se iniciaram em maio de 2005 e terminaram em julho de 2006. Todas as referências a visitas e/ou entrevistas referem-se aos dados coletados nesse período.

A pesquisa encaminhará conjugando duas abordagens metodológicas. Uma primeira estratégia para a validação da hipótese apresentada que é a descrição das características da AD por meio de sondagem e levantamento empírico. Os dados apresentados foram obtidos por meio de observação direta (visita aos templos e cultos da igreja em diferentes horários) e de entrevistas que complementaram as observações que foram feitas em dois momentos desta pesquisa. Assim, trata-se de

uma pesquisa de natureza qualitativa que busca estabelecer relações entre as alterações institucionais da AD e as alterações sociais contemporâneas.

Uma segunda estratégia metodológica se constitui da análise de recuperação e sistematização de noções já construídas sobre os paradigmas da AD, buscando um aprofundamento e uma nova interpretação de estudos clássicos sobre a temática. Podemos também manusear fontes históricas fornecidas pela igreja AD.

. A AD era composta, em sua maioria, de adeptos com baixa escolaridade e de camadas mais pobres da população, e era perseguida tanto pela igreja católica quanto pelos protestantes históricos.³ Se caracterizava também pela ênfase no “dom de línguas”, na crença no retorno de Cristo, na salvação paradisíaca, no forte apelo ao sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo, além do grande antagonismo à igreja católica.⁴

A igreja AD é tradicionalmente conhecida como rígida, pela maneira de vestir e se comportar frente às demais igrejas, classificada como igreja pertencente à primeira “onda” pentecostal (Freston), sempre despertou curiosidade no mundo evangélico, por apresentar exuberante número de adeptos no Brasil (a maior das igrejas evangélicas) e, até mesmo, maior diante de sua matriz nos Estados Unidos.

Em princípio, será feito um levantamento histórico da igreja AD, com base nos estudos históricos do sociólogo Francisco Rolin, sobre a origem e desenvolvimento da AD e da classificação de Paul Freston sobre o desenvolvimento histórico do Pentecostalismo, com o conceito de “ondas”. Essa classificação tem o mérito de fornecer uma visão da dinâmica de ruptura e transformação das igrejas pentecostais no Brasil, assim, como fornecer a base para a análise das mudanças ocorridas na igreja AD em particular, como objetamos nesse estudo.

³ MARIANO, R, *Neopentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p. 20.

⁴ SOUZA, B. M. *A experiência da Salvação - Pentecostais em São Paulo*, passim.

Será feita também uma análise mais profunda da posição da AD, comparando os resultados das entrevistas e visitas realizadas nesse trabalho com os dados de autores que já analisaram o pentecostalismo de terceira “onda”, o neopentecostalismo, como Mariano e Campos.⁵

Todavia, as igrejas consideradas de terceira “onda” possuem uma cultura de constante alteração, que prega cada vez mais o individualismo e o prazer imediato a todo custo – herdada e aprofundada do *éthos*⁶ capitalista -, onde agora o lucro e o prazer imediato são tidos como “obrigatórios” – certas características dos próprios indivíduos estão se exacerbando. As pessoas não querem apenas ser felizes “no paraíso”, viver em sofrimento para obter prazer e recompensa no céu. O imediatismo traz a tendência de colocar os preceitos da igreja tradicional em segundo plano e se apoiar muito mais numa teologia da prosperidade⁷. Assim, as características das próprias igrejas pentecostais clássicas, que possuem condutas mais rígidas em relação às vestimentas, comportamentos, etc – como a AD marcadamente um ícone do pentecostalismo brasileiro de primeira “onda” – parecem estar se alterando.

Atualmente, denotam-se novos hábitos dos adeptos da igreja AD, principalmente na maneira de se vestir, o uso de adornos, cabelos alinhados (no caso das mulheres), e até mesmo no discurso dos pastores: a modernidade parece ter chegado a essa igreja. Visivelmente observa-se que a AD dos velhos tempos está mesmo ficando apenas na memória dos fiéis mais antigos.

⁵ As obras desses autores que servirão de base na análise desse trabalho são: MARIANO, R, *Neopentecostais - Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* e CAMPOS, L. S. *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina*, um desafio aos protestantes históricos. São Paulo.

⁶ *Éthos*: conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, idéias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Exemplo: o *éthos* da Antiguidade grega, do povo brasileiro, dos nordestinos, dentre outros. Dicionário Houaiss.

⁷ A teologia da prosperidade refere-se a um aglomerado de idéias, formuladas nos Estados Unidos, que valorizam o consumo de bens e serviços como forma de demonstrar o que adepto, ou fiel, convive com Deus. Cf. CAMPOS, L.S. *Ibidem* pp.54-55.

O forte e rígido controle que norteava essa igreja parece estar passando por uma revisão ou, até mesmo, a urgência da criação de um novo modelo frente a tantas igrejas e divisões causadas pelos tempos atuais.

O fervor usado pelas igrejas pentecostais sempre causou espanto e, ao mesmo tempo, despertou curiosidade daqueles que de alguma maneira buscam respostas para seus problemas considerados insolúveis. Assim, os adeptos, levados pela informalidade e simplicidade familiar que o ambiente pentecostal oferece, encontraram respostas e segurança para desfrutar de salvação imediata.

O movimento pentecostal que antes era tido como prática de pequenos grupos, assustou a burguesia e nunca mais parou de crescer. A oração em “línguas estranhas” trazida pelos missionários rompeu o silêncio de um povo sofrido, acostumado à obediência. O resultado foi uma explosão de novas igrejas, credos e maneiras diferentes de falar com Deus, alargando assim, as portas da sociedade e das igrejas que reinavam nas classes médias de antes, abrindo caminhos para as camadas populares que não se faziam ouvir diante do poder.

O pentecostalismo encontrou formas de acomodação no interior da cultura latino-americana e da nova sociedade de consumo, porque no decorrer do processo de surgimento e desenvolvimento, foi incorporando símbolos, discursos e forças que seguem o processo ideológico da “teologia da prosperidade”.

Seguindo a análise de Freston – que categorizou o pentecostalismo brasileiro em três “ondas”, a AD será analisada em relação as suas características atuais e a análise das características da terceira “onda”, denominada por diversos autores de neopentecostalismo.

O pentecostalismo, particularmente em sua última versão neopentecostalista, participa com sua nova visão no mundo e do novo modo de

apresentação da religião em nossa sociedade, isto é, um modo marcadamente centrado nos problemas dos adeptos, seja estes de ordem espiritual, afetiva ou financeira.⁸

Mariano diz que o prefixo neo é apropriado, principalmente, por duas razões: a primeira diz respeito à formação recente (temporal) dessas igrejas; e a segunda se refere ao caráter inovador do neopentecostalismo.

Cabe ressaltar que a postura contrária ao ascetismo tradicional pentecostal faz dos neopentecostais uma vertente de aceitação e vivência no mundo. Existe uma inversão de valores: o que antes era rejeitado – como a riqueza e o gozo no mundo – hoje é incentivado, principalmente, pela Teologia da Prosperidade.

Essa alteração da ênfase dos valores que norteiam os adeptos e suas crenças também versa sobre a observância de regras bíblicas como *“tornar-se herdeiro das bênçãos divinas”* e, nesse sentido, o principal sacrifício demandado por Deus aos seus fiéis é de natureza financeira: dízimos, e entrega de ofertas com alegria, amor e desprendimento.

As mudanças detectadas na AD serão classificadas e analisadas sobre a ótica da teoria weberiana, destacando os tipos de dominação. Max Weber aponta que a relação de dominação não acontece, necessariamente, apenas por influência de meios econômicos nem, essencialmente, para esse mesmo fim, como classicamente ela é concebida. A dominação pode se dar por interesses materiais ou por motivos ideais e também por aqueles afetivos ou racionais, e precisa ser considerada legítima para que a relação de dominação aconteça.

⁸ CAMPOS, L. S., *op. cit.*, pp. 54-55.

Nesse sentido, a tipologia de dominação de Max Weber pode oferecer elementos para compreender as mudanças de paradigma da AD, como a passagem da tradicional para a carismática (esta última que o autor descreve com características emocionais e de cunho participativo). Além disso, é possível ainda analisar a AD do ponto de vista do tipo racional, na medida em que se observa certa racionalidade midiática nas práticas da AD, que vão de encontro às práticas do neopentecostalismo. A passagem de uma organização tradicional para uma prática carismática e uma organização racional configura um quadro que, à luz da teoria weberiana, mistura no tempo e no espaço aqueles tipos puros⁹.

Serão também investigados os processos sócio-culturais subjacentes às mudanças religiosas ocorridas nos últimos tempos nas igrejas evangélicas, em específico da Assembléia de Deus – Bom Retiro, no contexto da sociedade moderna urbanizada, utilizando-se dos estudos realizados pelos teóricos Giddens e Harvey frente aos aspectos de individualização, competitividade, prazer imediato e consumo, derivados do conceito de modernidade.

De fato, atualmente, nunca se falou tanto em “Um ser Supremo”, “Deus”, “Energia”, “Demônios”, “reencarnação” entre tantos outros nomes e denominações no Brasil, unindo a ciência e a razão, mudando discursos, fixando novos comportamentos na sociedade, buscando novas estruturas, seja para suprir as necessidades humanas, carências ou até mesmo firmar dentro de si o que podemos chamar de “Fé”.

Dentro do próprio crescimento evangélico é possível perceber diferenças entre as igrejas. Desde 1960 as várias igrejas no Brasil romperam com as suas respectivas unidades ideológico-teológicas, aparecendo novas formas, práticas,

⁹ Cf. WEBER, M, *Economia e Sociedade*, pp.139 – 160.

maneiras distintas e divergentes de se articular com a fé, gerando assim, um pluralismo religioso e novas teologias de compreensão em seus discursos.

A sociedade atual cria um novo perfil religioso e tem atraído grande parte da população. Os grupos “evangélicos” atuais – ao contrário da rigidez das igrejas tidas como clássicas (pentecostalismo tradicional) que antes se preocupavam com a vida após morte – hoje não são voltados apenas para a salvação pós-morte, mas buscam um poder mágico que, se manipulado corretamente, conserta os danos que o “demônio” causou na vida de cada um para viver as promessas e bênçãos de Deus nesse mundo. *“Os homens não estão atrás de Deus. Estão atrás do milagre”* *“Deus é o poder que faz a vontade dos homens, se as fórmulas mágicas forem usadas segundo a receita”*.¹⁰

Assim, quais seriam as possibilidades para a insatisfação dos adeptos?

Podemos pensar que, se os adeptos estão insatisfeitos, existem duas possibilidades para os movimentos religiosos: a primeira diz respeito ao trânsito religioso, isto é, a migração dos adeptos de uma igreja para a outra, na tentativa de encontrar um espaço que seja parecido com aquilo que o adepto necessita e deseja, o que, conseqüentemente, gera uma diminuição do número de adeptos às igrejas clássicas; a segunda possibilidade se refere também a uma mudança, mas agora não do adepto e sim da igreja, para que esta não perca seus adeptos e ainda tenha possibilidade de atrair, inclusive, os indivíduos sem religião e/ou descontentes com suas igrejas atuais.

As igrejas evangélicas são as que mais crescem atualmente. Fica a indagação de porque esse fenômeno acontece e o que faz, não só as novas igrejas – aquelas de “terceira onda” -, mas as igrejas tidas como tradicionais estarem

¹⁰ ALVES, R, *Religião e Repressão*, p.13.

aumentando seu número de adeptos. Qual seria a fórmula? Não é possível imaginar que os paradigmas não tenham mudado... Algum movimento interno (das igrejas) ou externo (da sociedade) deve ter desencadeado a migração religiosa efetiva...

Uma das proposições possíveis é que para as igrejas não desaparecerem, e crescerem, elas precisam se adaptar. A análise dessa nova quimera auxiliará, em certa medida, a compreensão do fenômeno religioso brasileiro e das igrejas brasileiras tidas como tradicionais, como é o caso da AD.

O corpo do trabalho organiza-se de forma a tentar responder as duas questões centrais apresentadas: a alteração das características da AD tradicional e a sua transição para o neopentecostalismo.

Dessa forma, foi abordado o histórico do pentecostalismo que eclodiu no séc. XIX, nos Estados Unidos, sua origem e fundadores passando por Martinho Lutero, João Calvino, João Wesley entre outros, relatando a chegada ao Brasil em 1910, com a fundação das igrejas Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembléia de Deus (AD) em Belém do Pará em 1911, descrevendo ainda o perfil dos pentecostais na América Latina e seu crescimento, principalmente sobre o viés de seus fundadores Vingren e Berg; as características da AD; dados estatísticos; crescimento; além dos testemunhos de conversão realizados na igreja AD do Bom Retiro – SP.

Complementarmente, apresenta o histórico do pentecostalismo e suas cisões desde a chegada ao Brasil, apontando as diferentes características das igrejas que se consideram pentecostais. Poderemos observar três cisões principais no pentecostalismo, denominadas de primeira, segunda e terceira ondas pentecostais, as diferenças e os inúmeros “recomeços” do pentecostalismo no Brasil

que alteraram os paradigmas clássicos dessa vertente religiosa e, nos dias atuais, encontra sua maior expressão no neopentecostalismo.

As observações empíricas e entrevistas realizadas com adeptos da AD do Bom Retiro – SP visaram apresentar uma nova AD, realizando discussões sobre as alterações das características tradicionais da AD e propondo que esta esteja se tornando mais um exemplo do neopentecostalismo.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO

O Pentecostalismo é um movimento religioso que eclodiu nos Estados Unidos no começo do século XX. Ele é considerado descendente do metodismo Wesleyano e do movimento “holiness”. Segundo Mariano, o pentecostalismo diferencia-se do protestantismo por acreditar na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais destacam-se três principais características: a glossolalia (falar em línguas), a cura, e o discernimento de espíritos.¹¹

Assim, os pentecostais acreditam em Deus por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo. Praticam e acreditam nas mesmas características do cristianismo primitivo, isto é, acreditam na realização de milagres através da cura de enfermos, bênçãos e distribuição de dons espirituais e também praticam a expulsão de demônios, bem como acreditam no diálogo com Cristo.

De certa forma, as raízes históricas do pentecostalismo vão ainda mais longe e estão impregnadas com os movimentos protestantes que se iniciaram nos Estados Unidos em 1901. Desses movimentos, e da cisão com a igreja católica, vieram as principais características e crenças existentes no pentecostalismo.

¹¹ MARIANO, R, *op cit*, p. 23.

1. Raízes históricas do Pentecostalismo

As raízes do pentecostalismo estão ligadas à vários nomes, um deles é o monge agostiniano, Martinho Lutero (1483-1546) que protestou contra as práticas vividas pela Igreja Católica pela maneira de agir e viver do clero romano no início do séc. XVI, ganhando força à partir da publicação das 95 teses do próprio Lutero, entre o período de 1517 e a morte de João Calvino (1509-1564).¹²

Martinho Lutero protestava contra o papado e a igreja da sua época em favor da liberdade de consciência individual relacionada com a fé, tendo como base as escrituras sagradas. Nas suas discórdias com relação à igreja romana, Lutero tinha dois pontos importantes de sua doutrina: a justificação individual pela fé, isto é, onde as pessoas com fé seriam salvas pela misericórdia de Deus, mediante o sacrifício do seu filho Jesus Cristo, e não necessariamente por seus atos como pregava a igreja católica; e a autoridade da Bíblia, maior de que a autoridade da igreja, diminuindo assim a mediação do sagrado por meio da igreja católica, uma vez que o fiel deveria interpretar a mensagem de Deus por meio da Palavra Divina (que está na Bíblia), que até aquele momento era interpretada apenas pelo clero romano.

Assim, Lutero entendia que as pessoas deveriam interpretar as escrituras a partir do seu interior, seguindo os seus corações, para compreender o verdadeiro significado da Palavra de Deus e alimentar-se dessa Palavra.

Para entender melhor a doutrina da justificação que Martinho Lutero defendia se faz necessário explicitar aqui, um pouco da história da igreja e a interpretação da justificação citada pelo apóstolo Paulo no Novo Testamento que foi seguido por Lutero como base.

¹² FILORAMO, G. *As Religiões de Salvação*, p. 83-89.

O apóstolo Paulo afirma em suas encíclicas Bíblica, que somos justificados pela fé, somente pela fé (Rm 5,1) e por mediação em Jesus Cristo é que teremos acesso à graça, sem ele não há porque o homem se glorificar, pois a glória da justiça de Deus está em reconhecer a salvação somente pelo sangue derramado pelo Cordeiro Divino (Rm 5,9). Claramente, isto significa que o homem precisa entrar em comunhão com Deus, pois o mesmo se encontra em pecado, está fragilizado, incapaz de se libertar de tal situação, agindo pelo livre arbítrio não tem visão suficiente para sair do pecado, mas, a justificação se dá, justamente, em reconhecer a misericórdia de Deus pela fé e pela graça salvadora em Jesus Cristo, só assim o homem pode agradar a Deus.

Para a igreja católica além da fé, as pessoas deviam praticar também as boas obras. As práticas diárias seriam um contrapeso para se justificar diante de Deus e o pecado. A igreja pregava que a graça e a cooperação humana com Deus serviam para impedir o pecado.

Acreditava-se, mais concretamente, que a justificação é uma transformação, é a aquisição de novas disposições, a formação de um estado moral e espiritual particular que, a partir daí, os indivíduos seriam transformados pela graça de Deus e, pela ação divina, seriam agraciados pelos Dons espirituais existentes em cada um.¹³

Assim, para receber a justificação, as pessoas deveriam se preparar para a chegada da graça divina - uma vez que a graça não vinha sem aviso - sendo que o mérito era indiscutivelmente gratuito de Deus e o próprio Deus a distribuía conforme a sua vontade, pois a todo tempo a ação de Deus era livre.

¹³ *Ibidem*, p.85.

Lutero acreditava que Deus era quem tomava as decisões na vida dos homens, sendo Cristo o mediador. Dessa forma, a vontade humana era inerente a vontade divina, o poder decisivo era único e exclusivamente de Deus, pois, os homens seriam incapazes de possuir e até mesmo cultivar a graça transformadora se não fosse por decisão do próprio Deus em Jesus Cristo.

Dessa maneira, Lutero acreditava na importância de Cristo como mediador entre Deus e os homens. Cristo fez o resgate das nossas dívidas com a própria vida, homem justo e obediente, era o único fiel capaz de requerer a nossa redenção diante de Deus. Assim, fomos agraciados pela virtude de Jesus, o único sacerdote santo capaz de firmar a aliança da salvação entre Deus e a humanidade por meio da sua santidade.

Lutero combatia também, as práticas que a igreja desenvolveu desde o início da sua formação, como exemplo a prática das indulgências, o comércio das relíquias, a alienação em que eram tratados seus fiéis. Por ter formação teológica, acreditava que tudo aquilo que ele conheceu nos estudos deveria ser extensivo a todos e não um privilégio para uma pequena parcela.

Para ele a igreja já não tinha mais a importância mediadora entre Deus e os homens – visto que Cristo era o único mediador habilitado a essa mediação -, o clero não podia agir como juiz da vontade “Divina”. Na sua visão, Lutero acreditava que na medida em que os adeptos se abrissem para as inspirações do Espírito, mais se aproximariam da justificação em Cristo e, essa prática exercitada no dia-a-dia, os levaria a herdar a misericórdia divina, uma vez que a graça de Deus é um dom gratuito.

A Reforma contou com a adesão de novos movimentos religiosos e diferentes confissões de fé. O luteranismo conduzido pelo próprio Lutero, o

Calvinismo por João Calvino e o Anglicanismo de Henrique VIII, foram os principais reformadores que participaram desse movimento.

Os acontecimentos não pararam, o povo sempre buscou incessantemente uma experiência mística com Deus. Cada movimento que surgia em nome de Deus, deixava clara uma vontade de transcender as inspirações ensinadas pelos nossos reformadores na história da igreja. E as divisões religiosas discutidas até aqui geraram outra divisão no protestantismo, a divisão do protestantismo em pentecostalismo.

Para compreender as características atuais do pentecostalismo é necessário discutir mais atentamente a figura de John Wesley (1703-1791), teólogo anglicano, que liderou uma reforma dentro do anglicanismo (séc. XVIII), que resultou na igreja metodista.

2. Metodismo e a doutrina da santificação

John Wesley, membro da Igreja Anglicana, por iniciativa própria, fundou outro movimento religioso renovado em Oxford em 1729, notável e radical pela maneira de dedicar-se ao estudo da Bíblia usando métodos específicos e também pela prática diária de oração pessoal, com hinos, cânticos, celebração da santa ceia e ainda, no campo social, não podia deixar de lado as obras de caridade. Ele acreditava em um *“cristianismo missionário e leigo que ultrapassasse as fronteiras formais estáticas do anglicanismo provocando uma experiência de fé”*.¹⁴

¹⁴ PASSOS, J.D. *Teogonias Urbanas: O Re-nascimento Dos Velhos Deuses: Uma Abordagem Sobre A Representação Religiosa Pentecostal*, p. 115.

Dessa maneira, John Wesley acreditava que a conversão exigia santidade, mudança plena na vida do adepto que, uma vez convertido, deveria viver e mudar seus hábitos praticados até o momento. A oração metódica (origem do nome metodista) o levaria a uma proximidade maior com Deus, libertando-o da vida pecaminosa do passado.

Wesley, inspirado por Lutero, acreditava no dom da fé, não pela crença, mas pela confiança, *“senti que realmente acreditava em Cristo, Cristo apenas nele, para a salvação; e me foi dada uma certeza de que ele levou meus pecados, e me salvou da lei do pecado e da morte”*¹⁵ e foi pela palavra de Deus que o mesmo começou a proclamar a graça redentora de Deus em Cristo.

Assim, John Wesley proclamava que os seus pecados haviam sido perdoados pelo salvador do mundo e, seguindo literalmente a Bíblia, afirmava que o Cristo lhe fizera, o Espírito de Deus confirmara e a confiança tomara conta dos seus atos transformando-o para sempre.

As inspirações de John Wesley sobre a santificação, inovaram a alma dos fiéis. Para ele, o fim do homem era a salvação e o meio para alcançar a salvação era a fé. Ao mesmo tempo ele definia as duas palavras (fé e salvação), como sendo difíceis de serem definidas, pois essas palavras seriam a coluna central da Bíblia e não poderiam sofrer desvio de interpretação.¹⁶

Diante do questionamento entre a salvação e a fé, Wesley lançava a primeira pergunta: *“o que é salvação?”*, Wesley questionava as pessoas além das suas razões, onde dizia que pela palavra *“salvação”* o fiel deveria entender que a graça alcançada era para ser vivida no tempo presente e não no final da vida, ou no céu, após a morte. Era algo presente, a benção de Deus era imediata para aqueles

¹⁵ SHELLEY, B.L. *História do cristianismo: ao alcance de todos*, p.374.

¹⁶ WESLEY, J. *Sermões*, vol. 2, pp. 58-77.

que se arrependessem de seus pecados e com fé acreditassem na misericórdia de Deus, a graça seria alcançada “*desde o primeiro despertar*” na alma daqueles que se lançassem em busca da glória eterna.

O fiel deveria ampliar a alma para alcançar a “*graça preveniente*”, buscar o “*atrair do Pai*”, as inspirações de Deus e submeter-se a ela para ir em direção do Cristo, e, sendo o Cristo a direção, a lâmpada para esse mundo, o guia, o fiel deveria praticar a justiça, amar a misericórdia e depois caminhar com o próprio Deus, seguindo as inspirações do Espírito Santo.¹⁷

Para John Wesley o fiel deveria, então, se apoiar na justificação e na santificação como caminho certo para a remissão dos pecados. Sendo o próprio Cristo o justificador dos pecados, depois do arrependimento, o fiel receberia imediatamente a aceitação de Deus, pois o sangue derramado pelo cordeiro divino seria a fonte do resgate diante de Deus (justificação), que por sua vez, derramaria o Espírito Santo de amor nos corações dos fiéis e santificação pela fé.

Dessa forma, o amor de Deus abriria caminho para a salvação afastando o fiel das paixões mundanas, a inveja, os maus pensamentos, a raiva, o luxo, as vaidades entre outras coisas, seriam banidas da mente humana e depois em Cristo experimentar o “*nascer de novo*”.

A santificação era o ponto primordial proclamado por Wesley. Dizia ele, que a graça transformadora invadiria os corações dos fiéis. O perdão do Pai era o canal do AMOR, arrependido, o convertido era chamado a uma intimidade maior com as inspirações vindas do Espírito Santo em Cristo para experimentar uma nova pureza, uma comunhão ininterrupta herdando, assim, os propósitos do Pai celestial.

¹⁷ *Ibidem*, p. 27.

A contemplação, a oração, o falar com Deus, aquecia de tal maneira o coração de Wesley que o levava as mais diversas experiências com Deus. O próprio Wesley pensava que ele era *“uma criatura de um dia”* que a sua existência fora apenas de um dia, seria como um passar de um raio, ou, uma flecha, que pairava sobre o abismo a caminho do céu. Até as palavras ditas por Wesley eram cuidadosamente pensadas, para que a sua pronúncia não tomasse o rumo da intelectualidade, ele temia as palavras rebuscadas, por medo de não levar ao entendimento aqueles que os ouviam.

Como verdadeiro herói, Wesley sai dos campos, para o mundo, vencendo todas as barreiras passadas, todos os obstáculos experimentados até o momento, para se tornar o *“homem de coração aquecido”* um verdadeiro missionário, que chegou a pregar para milhares de pessoas, difundindo o metodismo não só na Inglaterra, mas para o mundo inteiro.

A nova maneira de pregação usada por Wesley trazia um novo ardor. Cansados da descrença social, a pregação convidava os indivíduos a se tornarem pregadores, bastava para isso ouvir as novas inspirações dadas pelo Espírito Santo e anunciar, depois disso, a *“boa nova em nome de Deus”*.

Essa experiência não foi transformadora somente para Wesley, mas, também para a maioria das pessoas de classes de baixa renda da época que, em sua maior parte, eram mineiros e viviam de pouca esperança.

A intenção de Wesley não era fundar uma nova igreja, mas, ao contrário, levá-los para a igreja anglicana a qual pertencia e da qual nunca se desligou. A sua preocupação era, especialmente, levar para o povo uma nova vida espiritual e também material em favor do próprio povo, daí o surgimento posterior de orfanatos,

ambulatórios, centro de artesanato entre outros recursos, de acordo com os pressupostos de caridade.

Todavia, diante da expulsão dos púlpitos da igreja anglicana a qual pertencia, Wesley começou a sua pregação em espaços livres para todo aquele que também desejava uma mudança. Em 12 de maio de 1739, foi fundada a “primeira capela” metodista, segundo Mateo Lelievre:

(...) com solenidade, exclamações de louvor e ações de graças, a pedra fundamental daquele modesto templo que viria ser a primeira capela metodista a levantar-se no mundo inteiro.¹⁸

Em suma, o carisma de Wesley como pregador e revitalizador da fé era sem dúvida centralizado em Jesus Cristo e na Palavra de Deus, sendo seguido como modelo e fonte inspiradora para a realidade da época. Essa herança foi seguida e levada adiante até os dias atuais.

Uma característica marcante, até hoje, no meio pentecostal vinda de Wesley é a oração pelos nossos perseguidores e inimigos; com o novo nascimento o adepto demonstra uma nova capacidade de perdoar não somente para quem perdoa, mas também uma mudança no coração dos perseguidores.

Com base nas doutrinas ensinadas por John Wesley, surgiu nos Estados Unidos, em meados do século XIX, o movimento de santificação ou (*holiness*) como foi chamado. Distinguindo conversão de santificação, este movimento pregava uma nova oferta de salvação, pois o fiel além da conversão deveria se santificar passando por um novo batismo, o “batismo do Espírito Santo”, conforme narrado no

¹⁸ LELIEVRE, M. *João Wesley*, p.78.

Livro de Atos capítulo 2, os pregadores acreditavam na promessa do “derramamento do Espírito Santo” como forma de se elevar a Deus.

Essa prática intitulada como movimento de santidade “holiness” e seguida por várias igrejas, entre elas a Igreja dos Nazarenos (1906). Os adeptos acreditavam em uma conversão individual, da conduta de vida. A salvação não era justificada somente por vontade de Deus, mas, em nome de Cristo, o fiel deveria temer o pecado e sentir a necessidade de mudança.¹⁹

A base teológica do movimento está sustentada em dois pontos: a justificação, o primado da graça sobre a liberdade e a santificação: certificação da salvação imediata, no “aqui e agora”.

O movimento “holiness” desenvolveu a teologia da “segunda benção”, posteriormente intitulada por outros seguidores de: “batismo no Espírito Santo”. Quem passava por esse “batismo” ganhava poder espiritual, recebia os dons do Espírito Santo, orava em línguas e, em nome de Jesus, curava os enfermos, expulsava “demônios”, entre outros poderes.

Essa experiência de salvação vinha do sentimento imediato de santificação por meio de práticas de base extremamente emocional, incluindo as leituras bíblicas que eram feitas de forma extremamente marcante, na tentativa de tocar emocionalmente os seguidores.

Max Weber comenta que:

A ênfase sobre o sentimento (...) levou o metodismo, que desde o início, viu a sua missão entre a massa, a tomar um caráter fortemente emocional, especialmente na América. A obtenção do arrependimento envolvia, em certas circunstâncias, uma luta emocional de tal intensidade que levava aos

¹⁹ CAMPOS, L.C, *Pentecostalismo*, p.36.

mais terríveis êxtases, que, na América, muitas vezes ocorriam em reuniões públicas.²⁰

Esses fenômenos de experiência de salvação e santificação aconteciam pela ação do Espírito Santo sobre o adepto e por intermédio de Cristo. O Espírito é concebido como uma grandeza divina e transcendente e, dentre as suas funções e efeitos, ele pode manifestar-se de maneira perceptível. Os fenômenos físicos e psíquicos que os adeptos exibem são os próprios “sinais exteriores e irrefutáveis” da presença e ação do Espírito Santo.²¹

Todavia, era na figura do líder carismático que a ação do Espírito Santo acontecia e era possível, isto é, havia a necessidade de um “condutor” da ação do Espírito para que as graças (salvação e santificação) fossem alcançadas. Wesley, nesse sentido, era a figura do líder carismático, aquele que possuía *“poderes ou qualidades sobrenaturais ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então tomado como enviado por Deus”*.²²

O movimento “holiness” pode ser considerado um fenômeno baseado na relação de dominação (a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas, dentro de um determinado grupo de pessoas), assim como grande parte dos movimentos religiosos.

Weber aponta que a relação de dominação não acontece, necessariamente, apenas por influência de meios econômicos nem, essencialmente, para esse mesmo fim, como classicamente ela é concebida. A dominação pode se dar por interesses materiais ou por motivos ideais e também por aqueles afetivos ou

²⁰ WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, p 98.

²¹ LACOSTE, J. (org). *Dicionário Crítico De Teologia*, pp. 650 – 653.

²² WEBER, M. *Economia e Sociedade*, p.159.

racionais, e precisa ser considerada legítima para que a relação de dominação aconteça.

Dentre os tipos puros de dominação que Weber apresenta, se encontram dois que merecem destaque:

(...) de caráter tradicional: baseada na crença cotidiana da santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional); de caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática).²³

Pode-se dizer que a figura do padre, pastor ou quaisquer representantes das igrejas, exercem dominação, em parte, pelo caráter tradicional, visto que são representantes legais das tradições cotidianas. Alguns movimentos que tiveram início com o surgimento do pentecostalismo (e outros mais contemporâneos que serão discutidos nos próximos capítulos, como é o caso do neopentecostalismo), somaram ao poder de dominação tradicional (institucional), o poder de dominação de caráter carismático, fazendo da figura de um indivíduo, “líder”, isto é, alguém que precisa ser obedecido por suas características extracotidianas.

A “*experiência do coração aquecido*”, chamada por John Wesley de “novo nascimento” serviu de base para a plenitude espiritual cristã da época e também serviu de semente germinadora para o mundo pentecostal nos dias atuais.

Os eleitos, isto é, aqueles indivíduos que foram escolhidos por Deus para serem salvos e se mostrarem escolhidos através da sua fé acreditavam que dessa

²³ WEBER, M. *op.cit.*, p. 141.

maneira por meio da santificação e das práticas de estudo da Bíblia, atendiam os desígnios de Deus, que a verdade contida na Bíblia pertenciam a eles. Conhecedores da verdade poderiam se tornar reveladores da mesma palavra, influenciando pregadores antigos, gerando novos missionários com práticas diferentes vivenciadas até o momento, criando novas técnicas de falar com Deus. “A pregação de Wesley despertou grande interesse e atraiu numerosos ouvintes”.²⁴

Uma oferta certa e imediata de salvação parece responder, de fato, aos anseios de uma sociedade, que passa por profundas transformações e adaptações econômicas, sociais e culturais. O surgimento do movimento “holiness” aconteceu, ao mesmo tempo, em que surgiu a grande cidade moderna, do tipo industrial e, conseqüentemente, dos fenômenos urbanos. Assim, pode-se imaginar que esse movimento se expande por atender, predominantemente, duas funções sociais: a) uma função identitária e relacional da prática religiosa (visto que os diversos conjuntos de imigrantes necessitavam de algo em torno do que se agrupar); b) uma prática espiritual que confirma a imediaticidade da sociedade modernizada.²⁵

O movimento “holiness” também disseminou valores e experiências significativas capazes de alterar, não só uma pequena parcela de adeptos, mas de uma sociedade, a sociedade inglesa em plena revolução social.

As igrejas e líderes que simbolizaram essa mudança no cenário protestante – no início do pentecostalismo americano e brasileiro – são bastante estudados até hoje. As datas mais significativas de mudança nesse cenário americano são os anos de 1901, em Topeka, Kansas, 1906, em Los Angeles, e 1907, em Chicago, onde os movimentos pentecostais se enraizaram. Apenas alguns anos depois, as sementes dessas mudanças já haviam chegado ao Brasil.

²⁴ LELIEVRE, M, *op. cit.* p. 92.

²⁵ PASSOS, J.D, *Pentecostais*, Origens e começo, p. 50.

No início do século XX, pessoas insatisfeitas com o protestantismo questionavam as próprias experiências. Nesse contexto, Seymour, um pastor negro da igreja dos nazarenos em Los Angeles, tendo como referência a passagem da Bíblia Atos 2,4: *“Todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”*. Começou a pregar uma forma primitiva de oração, baseada nos dons do Espírito Santo. Estes dons, entre eles a oração em línguas (também chamada de glossolalia) cria uma nova maneira de falar com Deus, onde além da conversão e da santificação, o batismo pelo Espírito Santo era considerado uma benção essencial.²⁶

Devido a essa experiência, Seymour foi expulso da igreja a qual pertencia pastoreada por Neeley Terry, também negra. Isso fez com que Seymour começasse a se reunir em casas particulares para continuar sua pregação.

Em um desses encontros, no dia 06 de abril de 1906, um menino de oito anos, entre outras pessoas, começou a orar em línguas fazendo com que Seymour reafirmasse a sua crença e, junto com alguns seguidores, alugasse um novo espaço para seus encontros. Esse espaço ficou famoso e reconhecido como base de formação e divulgação mundial do moderno movimento pentecostal, seu endereço era: Azuza Street, 312.

Pessoas de todo mundo, curiosas com esse movimento, vinham conhecer de perto os acontecimentos no templo de Seymour e de lá saíam missionárias para o restante do mundo.

Com dissidência dos metodistas, a prática pentecostal foi difundida rapidamente entre outros países, com maior aceitação na América Latina. Com ênfase no Espírito Santo, os missionários estrangeiros queriam encontrar novas

²⁶ Para conhecer com maiores detalhes a história de W. J. Seymour, ver CAMPOS JR, L.S., *Pentecostalismo*, p.22.

terras levando em suas bagagens a “segunda benção” e a “santificação”: a novidade de Deus para aqueles que ainda viviam do passado.

3. O pentecostalismo no Brasil

Diversos autores discutem sobre o surgimento do pentecostalismo no Brasil e sobre a fundação da Assembléia de Deus (AD) entre eles, D`Epinay, Mariano, Freston, Campos, e Rolin, nas obras supracitadas. O histórico e questionamentos descritos a seguir se baseiam nos estudos, principalmente, desses autores.

Na primeira década do séc XX, no Brasil, surgem as duas primeiras igrejas pentecostais, com práticas independentes uma da outra, e com apenas um ano de diferença na chegada ao país. Essas igrejas foram originárias dos movimentos de santidade que eclodiram nos Estados Unidos nessa mesma época, apresentados anteriormente.

Fundada em 1910, no bairro do Brás, em São Paulo, a primeira igreja pentecostal a “Congregação Cristã do Brasil” e, em seguida em 1911, a fundação da igreja “AD” em Belém do Pará, no extremo oposto do país formam o marco do pentecostalismo brasileiro, com um novo tipo de igreja e experiência religiosa.

Assim, missionários cheios de fervor e sob as inspirações do Espírito Santo, querendo ganhar o mundo para Cristo, levaram as primeiras pregações às terras estrangeiras, tendo como alvo as classes sociais marginalizadas pela pobreza, encontrando solo fértil no Brasil na cidade de Belém do Pará, com a chegada dos suecos Vingren e Berg.

Vale ressaltar que a forma como o pentecostalismo surgiu remete a idéia apresentada anteriormente de que a viabilização de novos grupos religiosos, assim como o surgimento de diversos grupos não religiosos está baseado na relação de dominação pelo caráter carismático discutida por Weber.²⁷ Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, foi através da figura de um líder que o pentecostalismo se expandiu e atraiu novos seguidores.

O sueco Vingren, um convertido ao pentecostalismo, direcionado por um “sonho profético”, recebeu a missão de pregar no Brasil, juntamente com seu amigo Berg. Os mesmos procuraram o endereço em uma biblioteca em Chicago e chegaram ao Brasil, mais exatamente no Pará. Foram acolhidos por uma igreja batista, da qual também foram expulsos depois de contestar o diácono sobre a oração em línguas realizada por uma mulher, argumentando que o importante é levar o maior número de almas para Deus.

Quando saíram da igreja um grande número de pessoas os aguardava e esse grupo os levou a fundar uma nova igreja, denominada AD. De forma particularmente interessante, a AD possui hoje um número muito maior de adeptos no Brasil do que sua própria matriz nos Estados Unidos.

O fervor usado pelas igrejas pentecostais sempre causou espanto e, ao mesmo tempo, despertou curiosidade daqueles que de alguma maneira buscam respostas para seus problemas considerados insolúveis. Assim, os adeptos, levados pela informalidade e simplicidade familiar que o ambiente pentecostal oferece, encontraram respostas e segurança para desfrutar de salvação imediata.

Denota-se que as igrejas pentecostais sempre se serviram da mesma informalidade usada por W. J. Seymour para fundar novas comunidades. “Sempre

²⁷WEBER, M, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, pp. 139 – 161.

inspiradas pela ação do Espírito Santo”, as novas igrejas surgem rapidamente em lugares variados, com a missão de anunciar a fé, curar e libertar as camadas marginalizadas pela pobreza ou migrantes vindos da vida rural, dispersos nas grandes cidades, oferecendo um novo conforto: o conforto espiritual. Para isso, basta ter uma Bíblia ou textos motivadores da mesma, capazes de revolucionar os ouvintes a mudar os velhos hábitos, gerando novos conceitos para o futuro, sem esquecer da oração em línguas (glossolalia) sob ação do mesmo Espírito.

O movimento pentecostal que antes era tido como prática de pequenos grupos, assustou a burguesia e nunca mais parou de crescer. A oração em “línguas estranhas” trazida pelos missionários rompeu o silêncio de um povo sofrido, acostumado a obedecer. O resultado foi uma explosão de novas igrejas, credos e maneiras diferentes de falar com Deus, alargando assim, as portas da sociedade e das igrejas que reinavam nas classes médias de antes, abrindo caminhos para as camadas populares que não se faziam ouvir diante do poder.

Como veremos adiante, em pouquíssimo tempo o pentecostalismo estava em todo o país – dono de um crescimento exuberante – e se espalhava ao redor do mundo, levando os preceitos que tinham suas origens no protestantismo norte-americano.

Um questionamento importante, realizado ainda por esses autores, é de como esse movimento pentecostalista, em sua origem considerado herético e sectário composto por membros negros e humildes, conseguiu se desenvolver e chegar ao Brasil?

4. Crescimento do pentecostalismo no Brasil

Inicialmente, a chegada dos pentecostais ao Brasil, e conseqüentemente, a fundação da Congregação Cristã, em São Paulo (1910) e da Assembléia de Deus no Pará, em 1911, não preocupou os protestantes que já estavam estavelmente instalados no Brasil. Todavia, passado algum tempo, cerca de vinte anos, o cenário começa a mudar. Os pentecostais que antes eram considerados apenas como membros de uma seita e, portanto, não colocavam em risco a estabilidade protestante, porque não teriam probabilidade de crescimento, agora, começam a provocar espanto nestes, pois apresentavam um crescimento maior do que o previsto, chegando a 27% dos evangélicos no Brasil na década de 30.

César & Shaul reforçam essa idéia:

(em 1930) O protestantismo contava com cerca de 1.100 templos, e os recém-chegados pentecostais já tinham 267 lugares de culto e somavam 27% dos evangélicos brasileiros. Essa porcentagem sobe ainda mais em 1970, tendo os pentecostais chegando a 58% da população de evangélicos, com 11.000 templos, estabelecendo uma diferença de apenas menos três mil templos comparados com as igrejas não pentecostais.²⁸

Esse padrão de crescimento permanece até os dias de hoje. Isso pode ser visto, por exemplo, na análise do crescimento da Igreja Assembléia de Deus que possui hoje a maior quantidade de adeptos, cerca de sete milhões no Brasil.

O pentecostalismo, particularmente em sua versão neopentecostalista, participa do processo de “reencantamento” do mundo e do novo modo de

²⁸ CESAR & SHAULL, R, *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*, p.23.

apresentação da religião em nossa sociedade, isto é, um modo marcadamente centrado nos problemas dos adeptos, sejam estes de ordem espiritual, afetiva ou financeira.²⁹

Para a maioria dos teóricos, esse reencantamento, sua repercussão e crescimento entre a massa, é decorrente de um conjunto de fatores desencadeantes. Entre eles, cabe ressaltar o crescimento da indiferença religiosa entre os cristãos, as mudanças sociais rápidas que levaram as pessoas à perda de identidade e o aumento dos problemas sociais ligados à falta de assistência adequada proveniente do governo.³⁰

A população leiga que era tratada pela igreja católica como massa passiva, que precisava apenas seguir os preceitos propostos pelos sacerdotes – que possuíam o conhecimento da doutrina – era agora tratada como igual por essa vertente religiosa e poderia ser salva por si só, isto é, pelo seu conhecimento e comportamentos.

Na década de 1960, estudiosos do fenômeno religioso apontavam o pentecostalismo como *“alienação e ópio do povo”*. Assim, o pentecostalismo era tido como expressão religiosa da situação de violência e escravidão das massas, que empregavam a religião como forma de expressar o seu descontentamento com a situação de opressão. Dentro desta perspectiva, o desafio maior seria descobrir as maneiras de se canalizar o “protesto pentecostal” para projetos de real transformação social.³¹

²⁹ CAMPOS JR, L.C. *op. Cit*, pp. 19-20.

³⁰ TORRESAN, J. L. *A interação pastor X fiel da Igreja Universal do Reino de Deus no jornal Folha Universal* – um jornal a serviço de Deus. (dissertação de mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³¹ TORRESAN, J.L, *op. cit*, p. 62.

Nessa época, entre as décadas de 1950 e 1960, foi que se deu explosão pentecostal, por meio das missões realizadas em todo o território brasileiro³².

O crescimento do pentecostalismo, no período, também encontrava um cenário criado pela igreja católica, pós-concílio de Trento, em 1968. Nesse cenário, a igreja católica buscava diversas estratégias para conseguir de volta seus adeptos, que estavam migrando para diversas outras religiões pelo descontentamento com a igreja. O declínio da igreja católica – com a perda de sua capacidade em influenciar o Estado – também gerou formas similares ao pentecostalismo, com o surgimento dos movimentos religiosos que visavam “recatolizar” a população. Entretanto, as estratégias da igreja católica propostas nesse cenário de crescimento pentecostal não foram tão eficientes quanto as propostas pentecostais e neopentecostais.

O pentecostalismo encontrou formas de acomodação no interior da cultura latino-americana e da nova sociedade de consumo, uma vez que, no decorrer do processo de surgimento e desenvolvimento, foi incorporando símbolos, discursos e forças que seguem o processo ideológico da “teologia da prosperidade”.

A teologia da prosperidade refere-se a um aglomerado de idéias, formuladas nos Estados Unidos, que valorizavam o consumo de bens e serviços como forma de demonstrar que o adepto, ou fiel, convive com Deus.³³

Como se pôde perceber, o pentecostalismo teve, num primeiro momento, sua expansão gerada por um conjunto de fatores sócio-econômico-espirituais que estavam intimamente ligados à situação histórica e social característica do início do século em que se encontravam as massas. São fatores sócio-econômico-espirituais mais significativos para o primeiro crescimento do pentecostalismo: o crescimento da

³² Cf. SANCHIS, P. Pentecostalismo e Cultura Brasileira, in *Revista Sociedade e Religião* - se referencia à essas missões como “Cruzadas de Evangelização”, pois tinham o objetivo de difundir a prática e crença pentecostal em todo o território nacional.

³³ CAMPOS, JR. L.C, *op cit*, pp. 54-55.

indiferença religiosa entre os cristãos e as rápidas mudanças sociais, entre elas a situação de opressão e violência no trabalho, além da falta de assistência médico-social proveniente do governo. Esse contexto social gera o descontentamento das camadas populares, que vivem na miséria e violência, e precisam de um meio social para expressar esta revolta.

D'Epinay, utilizando o exemplo da América latina, explica que o pentecostalismo procurou não se envolver com as realidades políticas e econômicas do lugar, mesmo tendo consciência dos valores que possuía, poderiam exercer uma profunda transformação ao país e em seu desenvolvimento. Este ponto de consideração, inclusive, é constantemente repetido nos encontros da sociedade protestante, pois, considera-se que o movimento pentecostal deveria eticamente passar por estas questões.³⁴

Por sua vez, assim como na ética protestante, um movimento pentecostal com ênfase no social acarretaria um avanço nas realidades imediatas do grupo, que dentre outros fatores, se tornariam beneficiários desse esbanjamento.

Dessa forma, os movimentos religiosos na América Latina, não operam somente no imediatismo das condições de vida familiares, mas também nas transformações em todos os níveis da sociedade, que de certa forma, estará sempre avançada em relação ao seu momento anterior.

Este fator é confirmado segundo outros autores, que entendem a crença nas virtudes sociais dos indivíduos como derivação das práticas protestantes e justificam assim a postura, muitas vezes antipolítica, das igrejas evangélicas.

Posteriormente, o pentecostalismo começou a se adaptar à realidade e abandonar seu caráter revolucionário social responsável pelo seu crescimento

³⁴ D'EPINAY, C.L., *op. cit.*, p. 246.

inicial; tomando a forma atual de instituição religiosa baseada na idéia da teologia da prosperidade que está intimamente relacionada com os preceitos do marketing contemporâneo.

Este segundo momento de crescimento do pentecostalismo possuía uma dinâmica de movimento pentecostal diferente, fazendo surgir novas igrejas com características que as diferenciam daquelas da gênese do movimento. Desta forma, o pentecostalismo começava a se dividir em vertentes, às vezes ortodoxas à origem, mas, muitas vezes, apenas com pequenos resquícios daqueles preceitos iniciais.

No Brasil, o crescimento do número de adeptos nas igrejas pentecostais ocorreu de maneira desigual nas diferentes camadas sociais da população, e concentrou-se, especialmente, nas camadas mais pobres.³⁵

Os participantes da pesquisa dessa dissertação relataram que trabalham como: dona de casa, costureira, professora, vendedor, secretária, lojista, aposentada e em hospital. A renda média familiar dos entrevistados foi de R\$1.580,00 (um mil quinhentos e oitenta reais), sendo que dos oito participantes, apenas cinco participantes deram informações sobre a renda.

Os dados encontrados estão de acordo com o que Mariano aponta sobre a concentração dos adeptos da Assembléia de Deus nas camadas menos favorecidas da população.

Segundo pesquisa realizada na década de 1990, 60% dos pentecostais ganhavam até dois salários mínimos, 29% ganhavam entre dois e cinco salários e somente 10% ganhavam mais de cinco salários mínimos. Outra pesquisa citada por Sanchis, encontrou resultados semelhantes que indicavam a camada mais pobre da população como adeptos pentecostais. A pesquisa mostrou, entre outros dados, que

³⁵ MARIANO, M, *op. cit.*, p. 11; SANCHIS, P, *op. cit.*, p.42.

além de 11,2% dos adeptos serem analfabetos e 68,3% terem cursado apenas até o antigo primeiro grau, 33,3% deles ganhavam até dois salários mínimos, 8,2% estavam desempregados e 27,2% eram trabalhadores autônomos irregulares.³⁶

O Mariano ainda aponta, que entre os fatores que poderiam ter trazido essa grande quantidade de pessoas das camadas mais pobres da população para as igrejas pentecostais, está o fato de estas se sentirem excluídas da sociedade e desesperançosas quanto as suas vidas.

Com propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados - distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados a própria sorte pelos poderes públicos -, tem optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais.³⁷

Todavia, por mais que pareça evidente a relação entre pobreza e pentecostalismo ou marginalização social e pentecostalismo, esse perfil não explica totalmente os motivos de expansão dos pentecostais e muito menos por que houve um crescimento desigual das diferentes igrejas que surgiram desse movimento.

Embora essa relação entre pobreza e pentecostalismo pareça clara, é observado que uma parcela significativa dos adeptos são de camadas sociais mais elevadas da comunidade.

Neste sentido, é importante ressaltar a transformação do ambiente entre os cultos. Em alguns horários, é visível a quem se direciona o acontecimento, seja

³⁶ PIERUCCI, A.F. & PRANDI, R. *A Realidade Social Das Religiões No Brasil*, p.82.

³⁷ MARIANO, R, *op. Cit*, p.12.

com os grupos auxiliares, ou mesmo na quantidade de recursos do lugar, e seus participantes. Há a mudança no público-alvo, fazendo com que a comunidade como um todo cresça em grandes proporções.

Esses fatores que levaram ao crescimento do pentecostalismo não estão totalmente esclarecidos. Mesmo depois de algumas pesquisas, é quase impossível não perceber a importância em esclarecer seu funcionamento e também seu crescimento. Atualmente, o Brasil é considerado a maior comunidade protestante do mundo depois dos Estados Unidos e possui um contingente de cerca de 15 milhões de volantes evangélicos.³⁸

5. Perfil dos pentecostais

Segundo critério histórico baseado no surgimento do pentecostalismo em 1901 nos Estados Unidos, como apresentado anteriormente, pentecostais são todos aqueles que aderiram a grupos religiosos que fizeram da experiência do batismo com o Espírito Santo – por meio de reações físicas diversas, glossolalia e balbuciar de sons inarticulados – o seu caráter diferencial.

Para Passos³⁹, dentre as características principais dos pentecostais pode-se salientar que:

a) o adepto pentecostal se considera diferente do mundo profano (rotina diária) que, para eles, é comandado pelo mal (demônios, etc);

³⁸ CESAR & SHAULL, *op. cit.*, p. 24.

³⁹ PASSOS, J. D. *Pentecostais*, Origens e Começo, pp. 35-39.

b) em vários grupos existe uma grande rigorosidade em relação à forma de se vestir, de se comportar no meio social e, até mesmo, de práticas políticas;

c) as pregações focam a necessidade de mudança do indivíduo caracterizada pelo abandono dos pecados, das dores, problemas e sofrimentos de todos os tipos para uma vida nova repleta de dádivas espirituais e materiais; e:

d) a fim de significar essa mudança, as celebrações, pregações, cantos e participações os fiéis encenam vividamente e emocionalmente essa passagem da calma para a euforia, da passividade à participação intensa, do silêncio à manifestação, da indiferenciação no grupo ao encontro consigo mesmo.⁴⁰

Tal qual aponta Weber, a importância e a existência do elemento emocional foi o que, em grande parte, trouxe os adeptos para a igreja e os fazem permanecer e concordar com as regras e costumes pentecostais. Esta idéia está baseada na premissa de que a dominação – definida como a probabilidade de encontrar obediência dentro de um determinado grupo de pessoas – de caráter carismático estabelece relações de obediência profundas e inquestionáveis.⁴¹

Essa passagem de emocionalidade e participação intensa dos fiéis, é descrita também, por César & Shaul, como uma aproximação. Forma encontrada pelo fiel de expressar suas experiências e encontrar valores que possam aliviar suas dores para enfrentar os problemas do mundo.

Sanchis afirma que, embora os pentecostais acreditem que o mundo dos sinais (imagens, símbolos, etc) é vazio, pois venerar uma imagem deve ser considerado como idolatria, é possível dizer que o culto pentecostal possui uma dimensão simbólica extremamente exacerbada e com o objetivo de penetrar na

⁴⁰ *Ibidem*, p.39.

⁴¹ WEBER, M, *op.cit*, pp.139 – 161.

cultura religiosa popular brasileira. A materialização do simbólico pode ser vista na utilização de:

“água carregada de eflúvios santos, óleo, consagrador, as vezes trazido da Terra Santa, sal grosso purificador, manto vermelho libertador, consagração dos bispos portadora de ‘graças” que permeia todo o culto.”⁴²

Nos cultos observados na AD do Bom Retiro –SP nesse estudo, com destaque para o realizado no dia 24 de julho de 2005, observou-se a grande participação da comunidade para com seu meio ambiente, e a seu líder. O ambiente familiar criado pelo presidente denota uma tentativa de trazer todos presentes para seu círculo, transmitindo-lhes uma sensação de alívio, usando palavras como: “ao sair daqui vocês sentirão as transformações em suas vidas que não será mais a mesma”, como se as tormentas diárias não mais existissem, sensação essa, ampliada pelo frenesi musical, e o êxtase ao quais todos estavam inseridos.

Assim, essa nova experiência gera no fiel um sentimento de confiança para enfrentar suas angústias diária mudando sua forma de pensar e viver, fazendo com que este cada vez mais busque novas conquistas espirituais.

Essas manifestações fazem com que os testemunhos sejam cada vez mais carregados de vitória como, por exemplo, o que segue na entrevista desta viúva, pensionista, 61 anos:

“Me mudei para São Paulo e continuei a prostituição. Comecei a beber, fumar e entrei no mundo das drogas. Foi quando entrei aqui (Igreja Assembléia de Deus) pra não sair mais. Hoje tenho casa em meu nome,

⁴² SANCHIS, P, *op. cit*, p. 125.

televisão, emprego, sou costureira e tenho pensão do meu marido. Deus me quebrou em ossos pequeninos e me reconstruiu inteira refez todos os ossos. Hoje tem 11 anos que sou uma nova mulher”.

Ao testemunhar sobre as experiências vividas no passado, transmitia uma expressão de sofrimento, a impressão era que cada palavra pronunciada pela entrevistada revelava a sua dor, porém, no momento que começou a falar sobre a transformação em sua vida depois da conversão, as palavras pareciam liberadas, soltas, a mesma sorria e olhava constantemente para o alto e glorificava ao Senhor. Percebe-se claramente uma face aliviada das dores do passado e a certeza de novas conquistas espirituais.

“Eu cheguei ate aqui (Igreja Assembléia de Deus) realmente a procura de Deus, os problemas eram muitos, (...). Cheguei aqui com 45 quilos, com filha doente do coração, não tinha expectativa de futuro, achava que eu não era nada. Meu marido era musico (pagodeiro) e queria sair de casa, todas as minhas expectativas tinham acabado. Cheguei a usar drogas para fugir dos problemas. Mas Deus foi falando comigo me dando forças para sair do abismo. Foi assim, aos poucos fui me entregando na palavra de Deus, ele foi me transformando, o meu intimo foi curado, fiquei cheia da graça de Deus.

A entrevistada é professora, casada, 27 anos, que ao ser convidada a falar sobre a sua conversão, relatou que só aceitaria participar se o seu nome não fosse divulgado mesmo mostrando certa reticência inicial em expor sua vida, pois as questões de sigilo já haviam sido apresentadas, houve algo que durante o relato, se transformou em desejo de mostrar cada alteração que a igreja havia lhe trazido.

Quando começou a descrever sobre sua vida, sempre com um breve sorriso, não pensou muito para falar das maravilhas de Deus. Contou dos problemas enfrentados com seu marido antes da conversão. (atualmente convertido, tem uma banda evangélica e se apresenta em diversas igrejas e continuam casados) e da transformação pessoal vivenciada pela mesma. Falou da tranquilidade e harmonia na vida diária deixando claro que tudo isso era só o começo das bênçãos reservadas para eles, falou também que não perde um culto nos finais de semana; sua filha que sofria do coração está curada. No final da entrevista deixou o seu telefone para mais informações sobre seu testemunho caso precisasse no futuro.

Durante as visitas a AD do Bom Retiro - SP pôde-se perceber algumas características marcantes. Os pentecostais falam o tempo todo de suas experiências pessoais por meio do Espírito Santo. Para eles todos os problemas serão resolvidos bastando entregá-los às inspirações de Deus. A aproximação entre Deus e o fiel é de suma importância para que o mesmo receba a graça reservada para ele nos reservatórios do céu.

Outra característica importante para os pentecostais é a frequência nos cultos para abastecimento da alma.

Os cânticos, testemunhos e orações, são proclamados com fervor para receber as graças de Deus e ao mesmo tempo passar para outras pessoas seu testemunho como exemplo.

Toda derrota sofrida anteriormente pelo fiel como exemplo, as tentações, são “obras do demônio”, e o mesmo precisa ser exorcizado até ficar totalmente liberto para depois servir de instrumento libertador para sua família, amigos e familiares mais distantes.

O Batismo pela imersão é essencial para a nova vida do adepto. Se o mesmo não passar pelas águas para receber a nova “unção”, e em seguida, o batismo do Espírito Santo confirmado pelos dons, será sempre uma criatura vinculada ao passado e a graça ficará impedida pelos resquícios do mal. Deus só poderá agir se a mudança for radical.

O roteiro seguido pelos pentecostais nos cultos é semelhante: os cânticos em alta voz, os agradecimentos “gloria a Deus”, “aleluia” são ouvidos a todo o momento, seguido muitas vezes de testemunhos longos contado pelos fiéis: o antes, durante e o depois da sua conversão.

As pregações dos pastores são incisivas, depois de várias leituras de trechos bíblicos, a palavra é proclamada para tocar profundamente os adeptos, a maioria dos pastores perguntam para a comunidade se eles acreditam que a palavra irá salvá-los naquele momento e, depois da afirmativa dos mesmos, seguem-se na palavra profetizando curas, transformações, direcionamentos, libertações etc. E no final de cada culto, o pastor encerra com a pergunta: *“quem quer aceitar Jesus?”*. Muitas pessoas levantam e direcionam-se para o púlpito juntos com os obreiros seguidos de mais orações.

A emoção invade o local quando uma pessoa rompe o silêncio depois da pergunta: *“quem quer aceitar Jesus?”*, e se levanta. Em alta voz a comunidade glorifica ao Senhor. De um lado o convertido inaugural não sabe o que o aguarda, do outro, uma comunidade que já experimentou dessa emoção, conduz o convertido para uma nova vida, o mistério está apenas começando, dali por diante há um longo caminho a percorrer.

As observações realizadas ao templo da AD do Bom Retiro – SP durante a pesquisa empírica, foram de grande importância para apontar o padrão de

comportamento dos adeptos durante o culto e a própria organização do mesmo, apresentado acima. Todavia, a compreensão da dinâmica da Igreja Assembléia de Deus ainda parece longe de ser efetuada. Uma revisão histórica de seu surgimento e funcionamento se tornam essenciais para contextualizar a igreja AD como parte de um movimento religioso, pentecostal e compreender a inserção desta numa sociedade em constantes transformações que, por conseguinte, parecem transformar a própria organização da igreja.

Desta forma, o capítulo seguinte será apresentada uma descrição histórica do pentecostalismo brasileiro e suas “ondas” de expansão, a fim de contextualizar e discutir a Assembléia de Deus como migrante de seu posicionamento tradicional.

CAPÍTULO II

A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS

Como vimos, a igreja Assembléia de Deus nasceu do movimento pentecostal americano em meados de 1901. Por volta de 1910, este movimento enviou missionários para outras partes do mundo. Os missionários suecos Vingren e Berg chegaram ao Brasil, em Belém do Pará e fundaram a Igreja Assembléia de Deus em 1911. Nascida da cisão entre igreja batista, em 1914, se organizou com o nome de *General Council*⁴³ nos Estados Unidos. Se firmou depois com o nome Igreja Assembléia de Deus e, atualmente, é conhecida como a maior igreja pentecostal brasileira em números de adeptos. É considerada também como uma igreja de primeira “onda” que teve um papel importantíssimo em nosso meio por apresentar maneiras e técnicas diferentes vivenciada até aquele momento.

Os fundadores da AD eram tidos como escolhidos de Deus. Com seus *sonhos proféticos, sinais carismáticos e revelações*, logo a obra missionária ganhou fama e se expandiu para outras regiões.

Assim, firmavam nos corações dos fiéis a presença e os sinais de Deus para serem vividos e revividos na história e converter até aqueles de corações mais adormecidos e que viviam distantes da esperança.

⁴³ SOUZA, B. M, *A experiência da Salvação*, pentecostais em São Paulo, p. 30.

1. As “Ondas” do pentecostalismo

A análise do histórico do surgimento e desenvolvimento do pentecostalismo mostra que, desde seu início, ele nunca foi totalmente homogêneo. As duas primeiras igrejas pentecostais brasileiras – Congregação Cristã e Assembléia de Deus, já apresentavam diferenças institucionais e doutrinárias em sua fundação e, ao longo do tempo, ocasionaram formas e estratégias de evangelização e de inserção social diferentes.⁴⁴

Entretanto, além das diferenças já encontradas logo no início da fundação do pentecostalismo no Brasil, é correto afirmar que, este teve inúmeros recomeços que foram classificados também de forma variada pelos pesquisadores do assunto, a fim de tentar compreender a gênese e a história do pentecostalismo.

Freston apresenta este conceito de maneira fácil quando se refere aos movimentos religiosos pentecostais como “ondas”. O autor se utiliza da analogia “ondas” para referir-se ao início, expansão e reversão desses movimentos religiosos ao longo do tempo. Freston coloca que existem três períodos dos movimentos, que correspondem cronologicamente a primeira, segunda e terceira onda, sendo a dificuldade do modelo a separação de igrejas e movimentos de segunda e terceira onda, já que as características acabam por se fundir em muitos pontos.⁴⁵

A análise de Freston sobre o movimento pentecostal se dá a partir de um corte histórico-institucional e da análise de sua dinâmica interna:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com

⁴⁴ MARIANO, R, *op. cit.*, p. 23.

⁴⁵ FRESTON, P, *Nem Anjos nem Demônios*, pp.70-72.

a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza a três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus, (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca.⁴⁶

Passos corrobora com a idéia de classificação do pentecostalismo em três fases (ou ondas). O autor afirma que essa classificação capta com mais precisão o processo de formação do pentecostalismo no Brasil:

(...) suas afinidades com os diferentes contextos históricos que marcam a progressiva passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana e os distintos tipos de igrejas que vão sendo citadas ao longo desse processo.⁴⁷

Para Fonseca, a presença dos evangélicos no Brasil ocorreu já no início do século XIX com a chegada de imigrantes alemães que fundaram a Igreja de Confissão Luterana no Brasil em 1824.⁴⁸ As Igrejas posteriores chamadas de “missão” são pertencentes a três grandes classificações que se referem a suas origens ideológicas: Calvinista, Metodista e Pentecostal.

As denominações empregadas na classificação dos fenômenos religiosos no Brasil, principalmente o pentecostal, tomaram por base a data de chegada de

⁴⁶ FRESTON, P, *op. cit.*, p. 70.

⁴⁷ PASSOS, J.D, *Pentecostais*, Origens e começo, p. 54.

⁴⁸ TORRESAN, J, L, *op. cit.*, p. 32.

seus pregadores ao país ou a data de fundação do movimento. São, portanto, classificações baseadas em critérios históricos que Freston complementa também com a análise da dinâmica interna de sua expansão.

A primeira onda, o pentecostalismo clássico, durou cerca de quarenta anos – de 1910, desde sua fundação no Brasil com as igrejas Congregação Cristã e AD, a 1950.

Até 1950, o pentecostalismo clássico reinou sozinho no país. A fragmentação do pentecostalismo começou nos anos 50, e início dos anos 60, com o surgimento da igreja Quadrangular, em 1951, Brasil para Cristo, em 1955, e Deus é amor, em 1962, num contexto essencialmente paulista.

O crescimento pentecostal que já era grande teve nessa época, maior intensidade. As ondas pentecostais se sucederam com êxito cada vez maior, especialmente pela inserção cada vez mais orgânica no campo religioso popular brasileiro.⁴⁹

Assim, o estilo “*simples, autônomo e improvisado*” das igrejas do período denominado de primeira onda sofreu grande impacto na década de 50 com as novas igrejas pentecostais. O contexto sócio-cultural estava voltado para a modernização e industrialização – o presidente da época era Juscelino Kubitschek, que pregava a necessidade de modernizar o Brasil – e essas características também se faziam presentes no discurso e religiosidade pentecostal.⁵⁰

Os quarenta anos que separam o início destas duas ondas, já justificam o corte histórico-institucional utilizado para diferenciá-las. Todavia, a diferença teológica entre essas se mostram apenas na ênfase que cada conjunto de igrejas

⁴⁹ Cf. SANCHIS, P, *op cit*, p. 126.

⁵⁰ MAFRA, C, *op. cit*, p. 34.

confere a um ou outro dom do Espírito Santo. A primeira onda enfatiza o “dom de línguas” e a segunda onda enfatiza o “dom da cura”.⁵¹

Mafra traz outra característica importante e diferenciadora da primeira e segunda onda, nesta última, houve a quebra da rotina do espaço e de culto como espaço de constrição e simplicidade. A ênfase se tornou à exuberância demonstrada com o elemento-signos da modernidade, que podiam ser vistos desde o vestuário do pastor até outro estilo de manifestação do Espírito expressado nos coros alegres e contagiantes da igreja.

Uma pesquisa na década de 60, realizada por Beatriz Muniz de Souza, sobre as igrejas de primeira “onda”, mostra que o núcleo doutrinário de todas essas igrejas permanecia inalterado em qualquer das ramificações pentecostais. Ao que tudo parece, era apenas a roupagem da igreja aos olhos dos adeptos que haviam se transformado para se adaptarem à sociedade.⁵²

Mafra corrobora essa idéia apontando que:

A ênfase no dom de cura, a incorporação de recursos tecnológicos no culto e no proselitismo e a preocupação em encontrar formas rituais adequadas a um público de massa estão presentes na concepção de outras duas denominações criadas no mesmo período: a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1951) e a Pentecostal Deus é Amor (1962).⁵³

Desta forma, pôde-se notar que as igrejas denominadas de segunda onda possuem características comuns no que tangem a dinâmica de cultura de massas,

⁵¹ MARIANO, R, *Neopentecostais*, Sociologia do novo pentecostalismo, p.31.

⁵² SOUZA, B, M, *op. cit*, p.27.

⁵³ MAFRA, C, *op. cit*, p. 36.

com o apelo ao fascínio e emocionalidade que seus líderes exercem aos adeptos, sem, todavia, ter uma única figura norteadora nesse processo.

A terceira “onda” começa no final dos anos 70 com a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980 e, ao contrário da segunda onda, surgem em um contexto essencialmente carioca. Esse novo corte histórico-institucional é nomeado de neopentecostal e classifica as novas igrejas pentecostais.

Esse período, que se estende até os dias atuais, cria um contexto ainda mais enfático na dinâmica de massas. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus – bispo Edir Macedo – torna-se a personificação da própria instituição religiosa e transfere seu carisma pessoal à igreja. Os preceitos que norteiam a igreja tornam-se menos rígidos em relação a contraposição às tendências da sociedade de consumo atraindo, agora, não só os indivíduos das camadas mais populares – que vindos de ondas migratórias para as cidades do sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro, intensificaram a miscigenação cultural e religiosa com mistos da cultura católica, candomblé e umbandista – mas aqueles das camadas média da população, com a alteração das características do pentecostalismo clássico que se tornavam mais aceitáveis à esses outros públicos com a diminuição da rigidez de costumes e condutas.

Uma análise *a posteriori* mostra que a expansão do pentecostalismo no Brasil, e o seu fenômeno de crescimento em ondas se dão na proporção do crescimento urbano. Assim, o crescimento e a “cisão” das ondas acontecem pela necessidade do surgimento de novas posturas pentecostais adaptáveis às

mudanças da cidade, criando, desta forma, um novo *éthos* pentecostal, juntamente com o novo *éthos* urbano.⁵⁴

2. O perfil da Assembléia de Deus

Em 15 de novembro de 1927, por direcionamento divino (conforme relatam os próprios fundadores Gunnar Vingren e Daniel Berg), chegou em São Paulo, o casal Daniel Berg e sua esposa Sara onde semearam a boa semente do evangelho de Jesus. O primeiro culto foi realizado no bairro de Vila Carrão, nesse culto estavam também o casal de missionários suecos, Simon Lundgren e Linnea Lundgren, onde ficou oficializada a fundação da igreja.⁵⁵

Assim como grande parte das igrejas pentecostais, principalmente em seu início, eram compostas, por uma maioria de adeptos com baixa escolaridade e de camadas mais pobres da população e perseguida tanto pela igreja católica quanto pelos protestantes históricos.⁵⁶

Vale salientar que a rápida expansão da AD pelo Brasil não acontece apenas por “direcionamento divino” como explicam seus adeptos, mas, porque sabiamente acompanha as frentes de migração entre Norte e Nordeste e, depois, com o término do ciclo da borracha, caminha do Norte para o Sudeste. Pôde-se notar que o fluxo migratório de expansão da AD é equivalente ao fluxo migratório dos trabalhadores. Desta forma, foi “seguindo os fluxos da população trabalhadora

⁵⁴ PASSOS, J, D, *op. cit.*, pp.103 – 107.

⁵⁵ Extraído do site da Assembléia de Deus, <http://www.ad.org.br/>, data de acesso: 20/05/2005.

⁵⁶ MARIANO, R, *op. cit.*, pp.11-12.

nas diferentes frentes de trabalho, que, em poucos anos, a “Igreja do Espírito Santo” se afirmou como a maior igreja pentecostal em território nacional”.⁵⁷

A AD hoje, segundo o IBGE conta com 8,4 milhões de fiéis, situando em primeiro lugar entre as igrejas pentecostais do país, com 47% dos adeptos desse grupo religioso.⁵⁸

Ela se encontra na maior parte das grandes cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, onde reúne 760.000 fiéis. Em São Paulo possui cerca de 500 000 adeptos. A terceira cidade é Recife que conta com aproximadamente 300 000 adeptos.⁵⁹

A taxa de crescimento médio anual é de 14,8%, entre 1991 e 2000, situando a AD em terceiro lugar quanto ao aumento de fiéis das igrejas pentecostais. Nos estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte, em média, em cada três pentecostais, dois são membros da AD.

A AD se caracterizava pela ênfase no “dom de línguas”, a crença no retorno de Cristo, na salvação paradisíaca, no forte apelo ao sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo, além do grande antagonismo à igreja católica.⁶⁰

Pode-se destacar em sua essência alguns elementos de orientação e crença como a Salvação. Estando o homem em pecado, reconhecendo e confessando os seus pecados ele recebe imediatamente a salvação; Como a santificação é um processo lento e gradual, à medida que o fiel se aproxima de Deus pelo conhecimento da Palavra, pela prática, vida de oração, ela vai se tornando semelhante ao Senhor até atingir a estatura de varão perfeito como Jesus Cristo; O Batismo do Espírito Santo, que é uma das promessas do Senhor para todos os

⁵⁷ MAFRA, C, *op. Cit*, p.33.

⁵⁸ JACOB, C. R.; HEES, D. R.; WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*, p.42.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ MARIANO, R, *op. cit*, pp. 12-15.

crentes que vivem na graça; Com a cura divina (I Atos dos Apóstolos), recebe o dom de curar os enfermos e libertação de oprimidos pelo demônio, também seguindo os quatro evangelhos de curas realizadas por Jesus e seus apóstolos, e o arrebatamento da Igreja, eles esperam a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo para serem arrebatados e receber a coroa da glória eterna.

Além dos estudos elaborados por Souza, Rolin e Freston, tendo como objeto de análise a igreja AD, pode-se destacar também, a pesquisa realizada por Benedetti que investigou, em Campinas, as características de adesão dos adeptos em duas igrejas da AD: a matriz, com adeptos provenientes de bairro de classe média baixa e a filial com adeptos da classe popular.⁶¹

Das características principais observadas pelo autor, está a descrição de elementos da igreja como: o papel da mulher em cargos de poder; a formação do pastor e sua prática; aspectos ritualísticos como o batismo; a filiação e agregação dos adeptos; o culto; e o controle doutrinal.

A filiação e agregação dos adeptos são concretizadas com a criação e distribuições de credenciais. Essas credenciais possuem informações do adepto como: nome, função, idade, RG, filiação, data e local de nascimento; e são assinadas pelo pastor e pelo secretário da igreja.

Ela funciona como uma identidade do adepto e é utilizada como símbolo de pertencimento ao grupo. O autor diz que, em Campinas, essas credenciais possuem uma ficha com os dados do adepto na igreja, e se ele tiver algum ato de indisciplina, este será registrado em sua ficha, mas a credencial também tem aspectos positivos como no caso de mudança de cidade/estado pelo adepto. Ela serve como um “identificador”, juntamente com uma carta de mudança ou visita, que

⁶¹ BENEDETTI, L. R. in *Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base*, p. 44.

funciona como um passaporte para a entrada e freqüência em um outro templo da AD.

Segundo a pesquisa do citado autor, o *“controle doutrinal é rígido”*, não se realizam concessões sobre as formas de conduta expressas na Bíblia. O autor aponta que há uma certa circularidade nessa teologia, pois em certos momentos a bíblia justifica a doutrina e, em outros, a doutrina justifica a bíblia; o “Eu” leva muito mais a uma leitura literal da bíblia num viés moralista. Complementarmente, então, os costumes rígidos (como cabelos compridos para as mulheres, curto para os homens, condenação de pintura, maquiagem e calça comprida para as mulheres, shorts para os homens, cigarro, bebida para todos) são pregados e justificados porque há condenação (na Bíblia) do que não faz parte da doutrina.

Para a formação ministerial do pastor, este deverá passar pelo chamamento divino e não precisa ter especialização ou formação religiosa, o chamado da parte de Deus é comprovado na disposição para o trabalho e no batismo no Espírito Santo, não envolvendo nacionalidade, idade ou grau de instrução. Existe um caminho a ser percorrido para se tornar pastor, primeiro: presbítero, diácono, evangelista. Reunindo todos os requisitos acima, chega-se à aprovação ou não da pessoa para assumir o cargo almejado.

No ritual do batismo existem duas formas: o batismo pelas águas e o batismo no Espírito Santo. “O batismo em águas”, é ministrado a toda pessoa com doze anos ou mais, e este, deverá proclamar sua fé, sua fidelidade ao Evangelho, as doutrinas da igreja e aos bons costumes publicamente. “O *batismo no Espírito Santo*” continua o mesmo autor, é invisível, pois a pessoa revestida pelo o Espírito Santo não tem conhecimento do fato, tarefa essa designada para o pastor, a pessoa

deverá falar em línguas espirituais, e, conforme as Escrituras, só Deus e seus anjos as entendem.

No que diz respeito à prática de expulsão de demônios, esse ritual é praticado de maneira simples, para isso, basta ordenar aos demônios em nome de Jesus, que os mesmos obedecem prontamente sem barulho excedente, diferenciando dos neopentecostais como ex. a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Deus é Amor.

O autor descreve ainda em sua pesquisa, a prática e o ritual do culto, este de maneira uniforme segue o padrão “idêntico” tanto da sede quando na congregação-filial. Os adeptos vão chegando, todos começam orar em voz alta, em brados, chorando e orando em línguas. O pastor toca a sineta fazendo cessar as orações e inicia-se o culto, marcado por cantos, pregações e testemunhos, seguido de orações e coletas.

Em relação ao papel da mulher em cargos de poder da Igreja Assembléia de Deus, o autor constatou que elas não podem exercer nenhuma dessas funções. As mesmas têm direito apenas de serem membros ou, como atividades extras, dirigir círculos de oração, culto das crianças e coordenar escolas infantis dominicais.

3. As cisões dentro da própria Igreja AD

A igreja AD, devido ao seu rápido crescimento de adeptos, desde sua fundação, gerou polêmica entre as várias denominações existentes consideradas

igrejas evangélicas históricas, segundo Conde⁶²: “O medo de que a Assembléia de Deus viesse a absorver as demais denominações fez com estas se unissem para combater o Movimento Pentecostal”⁶³ gerando denúncias e calúnias publicadas em um importante jornal local, “A Folha do Norte”. A publicação provocou mais curiosidade nos leitores aumentando ainda mais os números de pessoas curiosas que iam à igreja para verificar os acontecimentos anunciados pela imprensa escrita.

O seu processo de expansão no início foi moderada. Freston comenta que nos *“primeiros 15 anos o seu crescimento limitou-se praticamente no Norte e Nordeste”*. No final do ano de 1940, essa igreja espalhou-se para todos Estados brasileiros ultrapassando a igreja Congregação Cristã no Brasil, visto que esta teve sua fundação um ano antes da AD. O autor ainda complementa essa idéia apontando dados que mostram o crescimento da Assembléia de Deus:

Em 1915, 3 estados (1 do Norte, 2 do Nordeste); 1920, 9 estados (3 do Norte, 6 do Nordeste); em 1925, 15 estados (4 do Norte, 6 do Nordeste, 3 do Sudeste, 2 do Sul); em 1930, 20 estados (4 do Norte, 9 do Nordeste, 4 do Sudeste, 3 do Sul) .⁶⁴

Conhecida como uma igreja de *éthos* sueco/nordestino, a AD não viveu só de glória, na medida em que o tempo passava os membros pertencentes, a essa igreja, sentiam a necessidade de normas reguladoras e mais autonomia por parte da administração das igrejas tanto interna quanto externamente. O pastor Gunnar

⁶² Emilio Conde (1901 – 1971) foi jornalista da CPAD, escreveu sobre a historia da AD e seu crescimento em todos os Estados brasileiros. O autor é considerado o apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil. Dedicou três décadas de sua vida ao na Casa Publicadora como escritor e redator do jornal Mensageiro da Paz e atuou também como escritor e articulista. Compôs 32 hinos da Harpa Cristã. Bibliografia de Conde foi extraída do seu próprio livro: Cf. CONDE, E, *História das Assembléias de Deus no Brasil*, texto de capa.

⁶³ CONDE, E. *História das Assembléias de Deus no Brasil*, p. 33. O autor não especificou os nomes das igrejas históricas nessa época em que o fato ocorreu, o escritor denominou de *crentes históricos*.

⁶⁴ FRESTON, P, *op cit*, p 116.

Vingren liderava todas as igrejas no Brasil inclusive, a AD da cidade do Rio de Janeiro.

Os missionários suecos cuidavam da supervisão de todas as igrejas da AD no país e nenhuma autonomia era direcionada aos pastores brasileiros, mesmo tendo boa parte das igrejas no Norte e Nordeste dirigidas por pastores nacionais.

Os missionários brasileiros da AD não queriam dividir o Movimento Pentecostal, mas sim, desejavam uma participação mais ativa frente às decisões da igreja. Sem autonomia, os pastores recebiam as resoluções e as cumpriam, gerando assim, um certo descontentamento por parte dos mesmos.

Gunnar Vingren ainda não tinha se manifestado em relação as decisões dos missionários brasileiros, realizando em 1926, na AD do Rio de Janeiro a primeira Conferencia Pentecostal do Brasil, com intuito de reunir a liderança nacional periodicamente. Todavia, esse evento não contou com a participação dos obreiros brasileiros que, justamente, reivindicavam isso.

Em 1930, foi realizada a primeira Convenção Geral⁶⁵, na Cidade de Natal, em caráter de urgência, com objetivo de *“resolverem certas questões que se prendiam ao progresso e harmonia da causa do Senhor.”*⁶⁶ Nesse sentido, a pauta abordada pela primeira Convenção Geral, entre outros assuntos, contou com a nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste, com o trabalho feminino na igreja, com a circulação dos jornais editados pela igreja e os relatórios de trabalhos realizados pelos missionários.

⁶⁵ Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB, com sede no Rio de Janeiro, considerada a raiz da denominação é a entidade que desde o principio deu corpo organizacional à Igreja. O Pastor José Wellington Bezerra da Costa, que preside também o Ministério do Belém em São Paulo, uma das grandes expressões da denominação no país.

⁶⁶ O pastor José Wellington Bezerra da Costa é Presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB – escreveu a apresentação e introdução do livro: *Historia da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*, pág. 23.

Neste período o Jornal “Mensageiro da Paz” publicou a expectativa dos obreiros:

Já há muito que as igrejas oravam constantemente para o Senhor abençoar essa Convenção. Os obreiros que chegaram em Natal com antecedência ocupavam os dias que a precederam lutando em oração diante do Senhor a fim de que o espírito de união fosse completo, (...). Gloria a Jesus, que sempre nos ouve, quando humildemente e com sinceridade a Ele clamamos.⁶⁷

Assim, envolvidos de grande emoção e repercussão, a primeira Convenção geral de 1930 gerou um clima de harmonia e paz, frente às decisões confirmadas por todos que participaram do evento, fazendo dos líderes “uma grande família por todo o Brasil” e, formadores de novas conversões para aqueles que ainda não tinham experimentado “uma vida nova no Senhor.”

O Pr. Wellington⁶⁸ comenta que os líderes da AD queriam seguir as normas estabelecidas pelos seus fundadores, mas, “*na ânsia de acertar, de fazer a coisa correta, podem ter exagerado um pouco aqui ou ali (...)*”, gerando a necessidade de passar por novas discussões.

Nesse contexto, o movimento foi liderado dessa vez por Paulo Leivas Macalão – gaúcho, filho de militar, que, após ficar órfão de mãe aos vinte anos, foi morar no Rio de Janeiro em companhia de um Tio e converteu-se a igreja AD por influência de alguns assembleianos vindos do Nordeste.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 26.

⁶⁸ O pastor José Wellington Bezerra da Costa é Presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB e pastor presidente da igreja Assembléia de Deus – Ministério do Belém em São Paulo, capital desde 1980.

Paulo Macalão iniciou a sua caminhada em uma pequena igreja AD existente no Rio de Janeiro e logo abraçou a causa de Deus com seu trabalho de dedicação e pregação, combatendo o pecado no mundo e lutando para resgatar as pessoas afastadas e pobres da periferia, o que gerou um descontentamento entre os missionários suecos provocando um cisma ministerial denominado posteriormente de “Cisma de Madureira”.

Forte em seus discursos, este pregava com convicção contra as coisas do mundo, não tinha a compreensão dos missionários suecos que conviviam em seu meio, porém, mesmo assim, foi pregar para aqueles que viviam nos subúrbios do Rio de Janeiro tornando-se rapidamente “*o líder absoluto dos mais miseráveis*”.⁶⁹

Macalão se apresentava de forma simples no vestir, mais ao mesmo tempo de “*estilo destemido e um rigororismo militar*” sem igual, junto com os pobres estava longe de elevar o seu ministério às classes mais altas. Como ele mesmo dizia “Jesus se apossava dos subúrbios” e, assim, entrou em choque com os demais membros da AD. Entretanto, teve uma vantagem: não precisou da ajuda dos suecos para se converter, sua classe e sua formação social era mais elevada em relação aos suecos, não se submetendo as orientações deles.

Foi nomeado pastor em 1930, pelo pastor Pethrus⁷⁰, homem de grande influência dentro da AD. Assim, Paulo Macalão tornou-se independente frente ao pastoreio da AD. Em 1937, iniciou um trabalho em São Paulo, e também em outros

⁶⁹ FRESTON, P. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: A Assembléia de Deus, in *Revista Sociedade e Religião*, p.116.

⁷⁰ Lewi Pethrus, líder da igreja Filadélfia, na Suécia, amigo de infância de Daniel Berg, um dos fundadores da igreja AD no Brasil, Lewi, pastor de ovelhas, depois exerceu a profissão de sapateiro, passou por um período buscando a fé em relação a divindade de Cristo, enquanto estudava em um seminário batista em Estocolmo. Recuperou a sua fé, tornou-se pentecostal em Noruega, assumiu o pastorado em uma igreja batista na mesma cidade acima e foi expulso em 1913. Conheceu também outro fundador da AD no Brasil Vingren e se uniram pelo ideal missionário. Responsável por enviar a maioria dos missionários pentecostais que ajudaram a solidificar a igreja AD no Brasil e ficou conhecido como um grande líder pentecostal no Brasil e no final de sua vida fundou um partido político que atualmente integra o governo. Cf. FRESTON, P, Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: A Assembléia de Deus, in *Revista Sociedade e Religião*, p. 114.

estados do Sudeste e Centro-Oeste. Em 1953, inaugurou o atual templo da sede do ministério de Madureira, em Madureira, Rio de Janeiro.

Segundo Freston, dessa cisão ministerial, se formaram dois grandes Ministérios: “Madureira” e “Missão”, e, muitos seguidores atualmente dizem pertencer ao Ministério de Madureira (Rio de Janeiro) e outros o Ministério da Missão (Belém do Pará).

A pressão contra Madureira e ao seu líder, durou muito tempo. Ele seguiu “*com mão firme*” na sua obra e, ao invés de levar a AD às camadas mais elevadas da sociedade, tornou-se líder dos desfavorecidos, fato que provocou discórdias fortíssimas entre ele e os missionários suecos.

A estrutura rigorosa de Macalão dentro da igreja impediu que ele ultrapassasse os limites de um novo “ministério”, tornando-se mais tarde, presidente vitalício do Ministério de Madureira.

Em suma, Paulo Macalão não criou “*uma nova denominação independente*” e sim, um novo “*ministério*” dentro da AD.

Madureira participava da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, com uma representação significativa dentro da Convenção Geral; mas, acusado de “invasão de campo” e descumprindo as normas da própria Convenção, a igreja de Madureira foi expulsa em 1989, sete anos depois da morte de seu fundador.

Pouco depois da morte de Paulo Macalão, surgiram as primeiras dificuldades entre a “Missão e Madureira”, uma delas era o rigor vivido por Madureira, a outra era dificuldade de locomoção para outros estados por causa da revolução civil vivida nesse período.⁷¹

⁷¹ Em 1932, aproximadamente 200 mil trabalhadores com o apoio dos empresários e latifundiários de São Paulo se uniram contra o presidente Getúlio Vargas. Vargas que assumiu a presidência do Brasil em 1930 em caráter

Assim, os dois ministérios da AD – Missão e Madureira – enfrentavam agora novas dificuldades e tendências a outra cisão. Enquanto que todas as igrejas da AD do Brasil reportavam-se ou a Madureira ou a Missão, começaram a surgir igrejas “independentes” que não se reportavam a nenhum dos ministérios.

Freston ilustra esse período e os conflitos entre os dois ministérios com um caso ocorrido em Campinas, São Paulo. Campinas possuía uma igreja AD desde 1936, fundada pelos suecos, pertencente ao ministério da “Missão”. Seus missionários, impossibilitados de se locomover para outras cidades por conta da revolução constitucionalista, pediram ao ministério de Madureira que lhes enviasse um pastor para a igreja local. Madureira atendeu o pedido.

Passado algum tempo, os fiéis não adaptados aos costumes trazidos pelo pastor de Madureira, costumes estes mais rígidos, abandonaram a igreja e, em 1950, fundaram uma nova igreja ligada novamente ao ministério da missão.

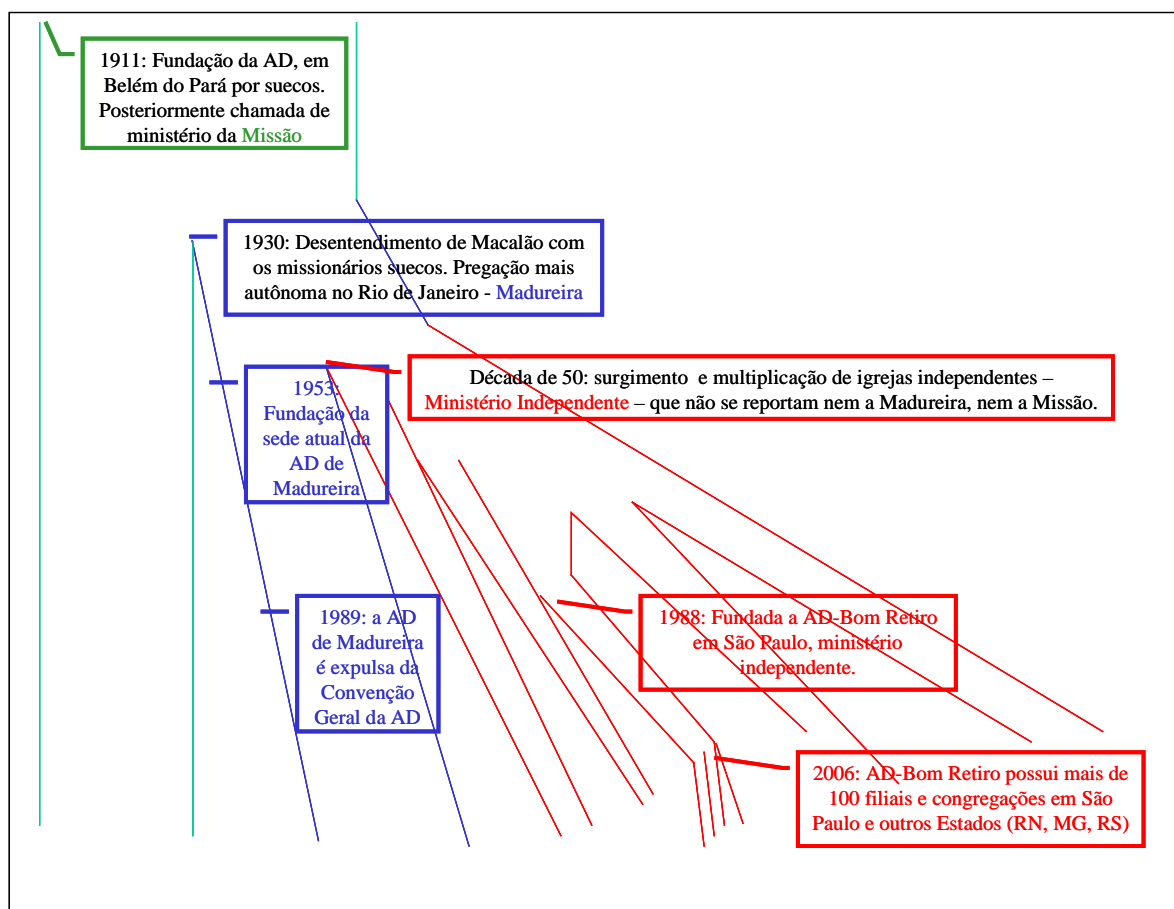
A igreja que estava sob orientação do pastor vindo de Madureira, ficou também descontente com a situação e fundou outra igreja que não estava ligada nem ao ministério da missão e nem ao de Madureira, mas, era independente.

Essa experiência de criação de uma AD independente multiplicou-se por várias regiões do país e permanece até hoje. Das igrejas que não são filiadas nem a Madureira nem a Missão, diz-se que pertencem ao Ministério Independente, mas isso não significa que todas se reportam a alguém em particular que coordene as igrejas independentes. Pelo contrario, cada nova igreja da AD que se diz independente funciona como uma nova igreja-mãe, que pode até, ter filiais

provisório, mas com plenos poderes, destituiu todas as instituições legislativas, desde o Congresso Nacional até as Câmaras Municipais. Os governadores dos Estados foram depostos. Para suas funções, Vargas nomeou interventores. A política centralizadora de Vargas desagradou às oligarquias estaduais, especialmente em São Paulo. As elites políticas, do Estado com maior importância econômica, se sentiram prejudicadas. E reivindicaram a realização de eleições, nova constituição e o fim do governo provisório. O episódio ficou conhecido como a Revolução Constitucionalista de 1932. Cf. CALDEIRA J, *Viagem pela história do Brasil*, p. 273.

espalhadas pelo país ou se limitar a um único templo. Desta maneira, igrejas como AD do Bom Retiro ou AD de Betesda, são ministérios independentes que possuem normas, administração, recursos e etc por si só, e ainda têm filiais em outras regiões.

MINISTÉRIOS DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS



O esquema acima sintetiza as diversas cisões da igreja Assembléia de Deus desde a sua fundação em 1911 até os dias de hoje. Em verde se encontra o tronco original da AD, de ethos predominantemente sueco e com origem em Belém do Pará. Em Azul está a vertente e fruto da primeira discordância dos pastores da AD; Paulo Macalão inicia suas atividades no Rio de Janeiro, após ser ungido por um pastor sueco, e impõe a administração brasileira as igrejas da AD sob sua direção; acaba por criar um novo ministério denominado “Madureira” e, posteriormente, independente da “Missão”. Em vermelho está a terceira cisão, um pouco mais disforme e sem direção única, denominada justamente de ministério “Independente”

por não estar ligada nem a Missão e nem a Madureira. É nesse contexto que surge, em 1988, a AD –Bom Retiro, objeto desse estudo.

Com isso, após vários episódios vividos anteriormente pela igreja AD, esta conta, atualmente, com três grandes tipos de ministérios: 1) o Ministério da “Missão”, de formação histórica e fundada em Belém do Pará; 2) o Ministério de Madureira, mais rígido, fundado no Rio de Janeiro e fruto da cisão nascida da primeira formação, como visto acima denominada Missão; e 3) o terceiro tipo de ministério, denominado Ministério Independente que, embora possua em teoria a mesma base ideológico-histórica da AD, se separa do Ministério de Madureira e, também, não está ligado ao ministério da Missão ou qualquer outra formação da AD; multiplica-se em diversas novas igrejas-mãe.

Nesse contexto de refundações da AD, apresentado acima, nasce a Igreja Assembléia de Deus do Bairro do Bom Retiro, nosso objeto de estudo. Nasce em 06 de março de 1988, na cidade de São Paulo, fundada pelo Pastor Jabes Alencar.

4. O Trânsito religioso nos adeptos da AD

Denota-se que as igrejas pentecostais principalmente as igrejas independentes, atualmente, não estão mais muito preocupadas com as suas raízes históricas. Imbuídas da missão de evangelizar, e, sabendo que na maioria das vezes existe um processo de adaptação por partes dos novos convertidos, ou ainda, convertidos que há muito tempo esperam por “novas profecias” que não se realizaram, surgem cada vez mais novas igrejas e novos pastores, com discursos

mais atuais dentro da AD, para ajudar na cura daqueles que se sentem esquecidos pelo “Senhor”.

Assim, muitos partem em busca de novos horizontes dentro da mesma denominação pentecostal. Observa-se que as placas denominacionais de determinadas igrejas são quase iguais, o que muda ou acrescenta-se é apenas a última palavra: “renovada”, por exemplo, formando um verdadeiro trânsito religioso dentro das igrejas.

As igrejas pentecostais tentam trabalhar a vida das pessoas não convertidas, pela cura e libertação, do corpo e da alma. “Aceitar Jesus como Salvador”, é dado como um momento mágico, significando que os males terão um fim e não demorando muito para que o adepto testemunhe a vitória de salvação em sua vida.

Além do trânsito entre os diversos ministérios da própria AD, os adeptos possuem um perfil migratório interessante de ser discutido. Sabe-se que a religião se traduz como uma tentativa de controlar as incertezas, o que gera a pluralidade de religiões observadas atualmente. Benedetti aponta que essa diversidade em busca da identidade se dá em dois níveis: um nível pessoal e um nível familiar.

No nível pessoal a diversidade se expressa tanto pelo trânsito religioso, quanto pela aceitação e prática de diversos cultos de outros grupos religiosos. Essa é uma característica do fiel da AD, que passou por inúmeras igrejas antes da sua entrada a essa igreja e, mesmo quando pertence a ela, diz ainda ter afinidade por outras igrejas e cultos.

Na análise dos dados da pesquisa da presente dissertação, esse perfil de trânsito religioso também foi encontrado. Pôde-se observar um padrão geral de

migração da igreja católica para a evangélica com duas vertentes: migração direta e indireta, perfil do trânsito: católicos para evangélicos.

- Migração direta de católico para evangélico (4), sendo que um participante freqüentou outra igreja evangélica (IURD) antes de ir para a Assembléia de Deus.

- Migração indireta de católico para evangélico (3), os participantes eram católicos, depois passaram para o espiritismo e, posteriormente, para igreja evangélica. Desses participantes, dois freqüentaram outra igreja evangélica (IURD e Batista) antes de ir para a AD.

No nível familiar, Benedetti aponta que *“cada vez mais a regra é a convivência de várias religiões numa mesma família. A situação parece ser a de cada um com a sua religião”*. O autor coloca que, na maioria dos entrevistados de Campinas, era possível notar que não existia uma coesão familiar em relação à opção religiosa, um ou alguns membros eram da AD enquanto todos os outros se dividiam em católicos, neopentecostais, religiões afro-descendentes, espiritismo e outras.

Benedetti corrobora essa idéia afirmando que:

Na Igreja Assembléia de Deus, a convivência de várias religiões na mesma família é freqüente. (...) Os pais mais jovens nunca declaram a religião dos filhos. (...) Nessa igreja a emancipação só se dá aos 12 anos, quando, se for o caso podem receber o batismo.⁷²

⁷² BENEDETTI, L. R, *op.cit.*, p. 47.

Nas entrevistas realizadas nessa dissertação, também foi observado esse padrão. Era comum os entrevistados falarem que seus familiares pertenciam a outras religiões, como relatam essas duas entrevistadas abaixo: a primeira, uma professora de 27 anos, casada; a segunda, uma aposentada e viúva de 61 anos.

“Cheguei a usar drogas para fugir dos problemas, mas Deus foi falando comigo me dando forcas para sair do abismo. Foi assim, aos poucos fui me entregando na palavra de Deus, ele foi me transformando, o meu intimo foi curado, fiquei cheia da graça de Deus. A minha sogra começou a me perseguir, pois ela é espírita e recebe “guia”.

“Eu já estava cansada daquela vida, não entendia o porquê eu estava vivendo tudo aquilo, minhas irmãs (quatro irmãs) mudaram para São Paulo e foi através de minha irmã mais velha que já era evangélica da igreja batista que eu me converti”.

Todavia, um perfil não analisado na pesquisa do autor foi obtido com as nossas entrevistas na presente dissertação. Esse decorreu do fato do núcleo familiar, embora plural na escolha religiosa, parece ser uma forte influência na adesão a igreja AD. Isto é, para a grande maioria dos entrevistados foi sempre um parente que o levou até a igreja (seja diretamente, convidando-o, ou indiretamente por meio de suas mudanças “para melhor” conforme relato dos entrevistados).

Um adepto casado, vendedor, de 51 anos relata que:

“(…) teve uma fase da minha vida que deixei de freqüentar igrejas, pois à medida que a gente vive, questiona certas doutrinas e como não concordava com elas, resolvi seguir a Deus da minha maneira, e nesta fase

valia tudo, você entende, né? Esta fase durou bastante tempo, e neste período meus pais se converteram, um irmão que era alcoólatra, se converteu e parou de beber, e eles vinham falar que eu deveria seguir o mesmo caminho, pois eu bebia, fumava, gostava de bagunças, etc... Eu ficava muito bravo, pois não gostava de CRENTE! Os anos se passaram, vieram minhas duas filhas, elas cresceram e quando minha filha caçula tinha 19 anos me disse que virou evangélica, de cara fiquei apreensivo, porém concordei e fiquei vigiando de longe. Como sempre procurei conversar bastante com minhas filhas, quando ela chegava da igreja sempre conversávamos sobre o culto, sobre a mensagem e o interessante é que as mensagens do pastor estavam sempre em concordância com os meus pensamentos. Um certo dia, não tinha ninguém que fosse com ela na igreja e acabei indo só para fazer companhia e lá Deus começou a fazer a transformação em minha vida.”

Outra entrevistada, uma mulher aposentada de 58 anos e casada, complementa essa idéia:

“Eu trabalhava no Hospital do Servidor Público e tinha umas colegas que eram evangélicas e estava tentando me evangelizar e eu continuava firme, dizia para elas que cada um tinha que ficar na sua (...) foi através de minha irmã que já era evangélica que eu me converti”.

Mariano aponta que, atualmente, o perfil da igreja AD mudou, ao menos, em parte. Embora seus adeptos continuem sendo em maioria analfabetos e provenientes das camadas menos favorecidas economicamente da sociedade, hoje possuem também setores de classe média, profissionais liberais e empresários⁷³.

⁷³ MARIANO, R, *op. cit*, p.29.

Em 1989, isto é, quase oitenta anos depois de sua fundação, a Assembléia de Deus foi cindida em duas denominações. Hoje, apresenta-se mais flexível e aberta para acompanhar as mudanças na sociedade e naquelas que estão acontecendo no próprio movimento pentecostal.

As razões para a pretensa alteração das características da igreja AD já foram apontadas por Mariano, e dizem respeito ao investimento maciço na mídia – tanto nos veículos de comunicação de massa como rádio e tv, quanto a participação na política partidária – e a conseqüente busca de poder, visibilidade e respeitabilidade pública e social, além de outras modificações em sua estrutura interna. Tais características denotam o prenúncio da acomodação social da AD.⁷⁴

As mudanças da AD foram pouco ou nada estudadas até hoje. Uma possível hipótese de alteração, como veremos no próximo capítulo, talvez seja sua “assemelhação” com as características das igrejas pentecostais mais recentes, aquelas denominadas neopentecostais e que têm um crescimento mais vertiginoso atualmente.

5. Cisões internas, externas e o prenúncio das alterações da igreja AD

As crises vividas pela igreja AD ao longo dos anos – aquela pequena igreja que surgiu em 1911 – ficaram gravadas nas páginas dos livros daqueles preocupados em registrar a sua história.

A teologia dos Ministérios que busca dar uma justificativa tipicamente tradicional para as igrejas, na medida que, reporta a agremiação ao seu fundador ou

⁷⁴ MARIANO, R, *op.cit*, p.30.

a uma Igreja – Mãe primordial, tem tido a função de explicar a lógica da dissidência, germe herdado da própria Reforma Protestante. De fato, os denominados Ministérios acabam favorecendo a sobrevivência de uma sigla geral – Assembléia de Deus – com suas ramificações e divergências ao longo de sua história em terras brasileiras.

Atualmente, a igreja AD “enfrenta crises de vários tipos”, seja pela rigidez pregada em algumas igrejas, pela censura, pela falta de transparência administrativa, ou até mesmo, pelas divisões internas sobre o poder que a igreja exerce.

Freston⁷⁵ classifica a igreja AD dos dias atuais como “*uma complexa teia de redes compostas de igrejas - mães, igrejas e congregações dependentes*”. São dependentes porque tentam manter sua originalidade, conservando as suas raízes históricas e os ensinamentos trazidos em sua fonte formadora. Ao mesmo tempo independentes porque tentam acompanhar a evolução da modernidade vivida pela sociedade atual e, nem sempre, são acompanhadas pela mesma rede.

Desta forma, algumas igrejas continuam conservadoras, outras já em processo de modernização ou quase totalmente adaptadas à realidade atual, mas sempre ligadas pelo lado fraternal, aos pastores da mesma denominação religiosa, a exemplo disso, são os contatos freqüentes de pastores das igrejas conservadoras que até realizam pregações nas igrejas mais modernas e vice e versa.

Diante das pressões do imediatismo, “a fôrma usada” como modelo dentro das igrejas AD perdeu espaço na maioria destas. Se adaptar não é tarefa fácil para uma comunidade acostumada a viver de maneira tão diferente e por tanto tempo dentro de uma sociedade que se renova a cada instante, uma sociedade que traz mudanças e cobra essas mudanças no dia-a-dia na vida de cada indivíduo.

⁷⁵ FRESTON, P, Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: A Assembléia de Deus, in *Revista Sociedade e Religião*, p. 118.

É inevitável nos dias atuais não viver essas alterações. A tendência de cisões internas – talvez para se adaptar melhor a sociedade – é cada vez maior dentro das comunidades religiosas; fato que pode aumentar o trânsito religioso e, muitas vezes, o número dos que não seguem nenhuma religião.

CAPÍTULO III

A ASSEMBLÉIA DE DEUS DO BOM RETIRO

O terceiro capítulo basicamente foi construído a partir das observações empíricas e entrevistas realizadas com adeptos e outros membros da Igreja AD do Bom Retiro - SP no sentido de realizar uma discussão sobre as alterações das características tradicionais da AD, propondo que essa igreja esteja se tornando mais um exemplo do neopentecostalismo de terceira “onda” e, não mais, do pentecostalismo tradicional de primeira onda, como em suas comunidades primeiras e em grande parte das que se expandiram posteriormente.

1. Do depósito ao templo

A igreja de estudo está situada no bairro paulista do Bom Retiro. Foi fundada em 06 de março de 1988 e possui um ministério próprio em relação aos ministérios históricos de Belém do Pará e Madureira no Rio de Janeiro.

No local onde foi fundada a igreja AD no bairro do Bom Retiro, anteriormente funcionava uma fábrica da cervejaria Antártica. Sua arquitetura permanece até hoje como em sua origem, todavia, algumas mudanças foram feitas para a adaptação da igreja no terreno. Dentre as adaptações realizadas estão, por exemplo, a construção de um auditório situado logo na entrada da igreja e algumas

salas para acomodação do seu corpo administrativo; também foi construída uma estação de rádio, novos banheiros, livraria, etc., mas aproveitando o mesmo galpão já existente na estrutura da cervejaria.

O templo da AD - Bom Retiro possui uma área de aproximadamente 5000m², dois estacionamentos nas laterais do templo (com cerca de 200 vagas) e conta em sua infra-estrutura externa ainda com: uma livraria, um restaurante, uma lanchonete, uma loja de produtos naturais, um pequeno auditório externo, uma rádio 660am – gospel, salas de estudos de teologia e amplo espaço (com 3000 m²) utilizado para montar barracas para festas maiores, como congressos, festas, etc; além de dois banheiros.⁷⁶

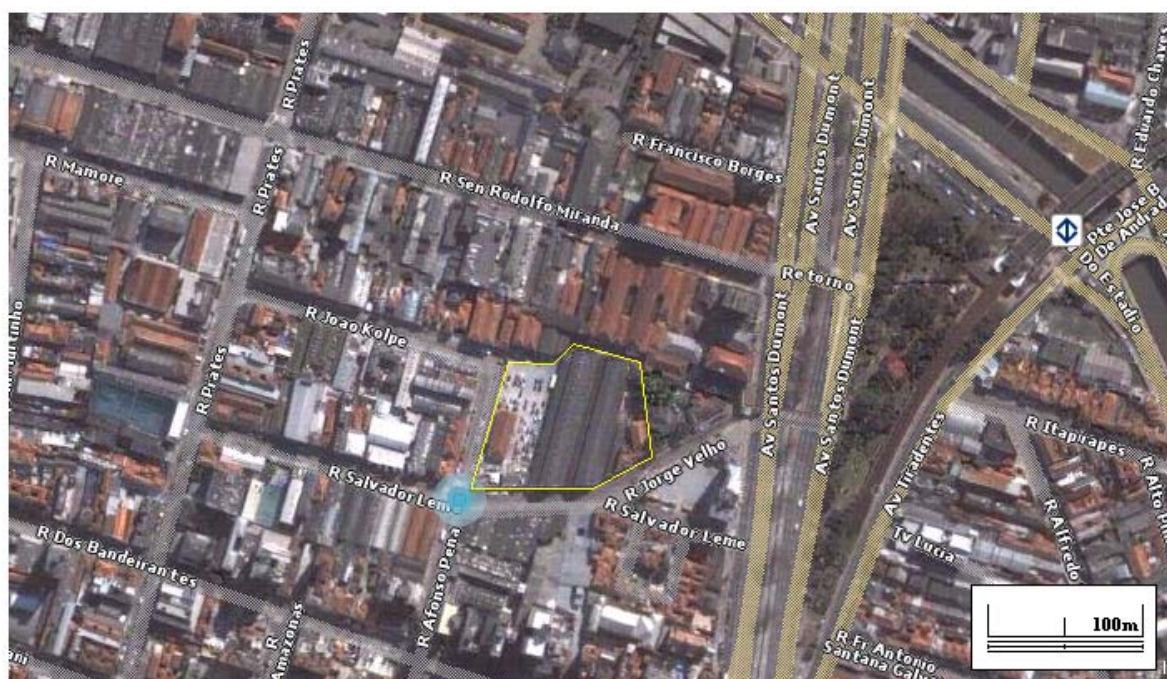


Figura 1: Foto aérea com a localização da AD-Bom Retiro (espaço externo).

⁷⁶ Extraído do texto fornecido pela igreja AD – Bom Retiro, Compilado por Clênio Falcão Lins Caldas em 25.02.02.



Figura 2: Composição de fotos da aparência externa da AD-Bom Retiro vista de frente (pela entrada principal situada à Rua Salvador Leme). A direita da foto está a Rua Jorge Velho, e a esquerda a Rua Afonso Pena. A igreja AD-Bom Retiro toma conta de todo o quarteirão, conforme exposto na figura 2.

O templo fica na lateral esquerda desse terreno, com aproximadamente 3000m². Sua estrutura está organizada internamente em seis (06) corredores com seis (06) blocos divididos da seguinte forma: bancos com cinco (05) lugares cada, distribuídos em quarenta e sete filas (47), com capacidade para 1410 pessoas; além deste espaço ao fundo do templo, (próximo a porta de entrada), há outro espaço repleto de cadeiras individuais que comportam aproximadamente mais 500 pessoas. O altar fica na parte oposta da entrada e possui cerca de 10 poltronas estofadas, 1 banda musical (01 teclado, uma bateria completa, 01 guitarra, 11 microfones, 1 contrabaixo e 11 vocalistas), 01 telão, 01 retro projetor, vários vasos de flores ao redor de palco. No centro do palco o “púlpito” com uma Bíblia aberta, 01 microfone e uma toalha de rosto usada pelo pastor. No centro do templo, entre os bancos onde ficam os adeptos, tem uma grande mesa de som e projeção, responsável por difundir o som da pregação em todas as partes da igreja e projetar imagens no telão que se encontra no centro do altar.

A igreja AD – do Bom Retiro conservou, como apontado, o projeto arquitetônico de fábrica que existia antes de sua fundação. Suas instalações permanecem quase inalteradas.

Uma explicação para essa ação talvez esteja relacionada a tentativa de minimizar os custos de infra estrutura da instituição, visto que a arquitetura de “galpão” atende muito bem as premissas das igrejas pentecostais que não estão tão focadas no luxo de instalações e decorações, mas na capacidade em relação ao número de pessoas e ao relacionamento emocional com estas. Além disso, o local estratégico do grande terreno em que se encontra a AD - Bom Retiro, chama a atenção e reforça a idéia do pensamento empresarial de praça⁷⁷ e de custo-benefício. O terreno está situado em um local com fácil acessibilidade (a uma distância pequena, cerca de no máximo um quilômetro, encontram-se quatro estações de metrô: Luz, Tiradentes, Armênia e Tietê; além da integração trem-metrô que a estação da Luz possui e, um terminal rodoviário na estação do Tietê) é rodeado por um grande centro comercial e uma Faculdade de Tecnologia (Fatec).

Assim, independente da estrutura arquitetônica de galpão adaptada – que atende as necessidades expostas acima – a preocupação desse tipo de instituição leva em consideração as realizações de milagres, curas e libertações proclamadas em seus cultos. Os afagos coletivos que a comunidade experimenta e a afetividade partilhada no ambiente pentecostal é de um carisma sem igual e serve de fortalecimento e apoio na vida particular de cada adepto.

⁷⁷ A palavra “praça” refere-se a um dos conceitos mais importantes do marketing empresarial denominado composto de marketing e largamente discutido por KOTLER, P. *Administração de Marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. No composto de marketing a estratégia mercadológica de uma empresa deve estar baseada em quatro pilares, os 4 P's de marketing: place (praça ou localização), price (preço), promotion (comunicação e divulgação) e product (produto ou serviço). Cf. KOTLER, P. *Administração de Marketing: análise, planejamento, implementação e controle*, p. 555.

Nota-se que a função dos cultos pentecostais é provocar nos adeptos fortes emoções, e para que isso ocorra, o ambiente é cuidadosamente preparado pela Instituição. Seus pastores, portadores de uma fala carismática, cheia de certezas e provocações geram reações fortes naqueles que os ouvem. Sua estratégia de funcionamento traz a certeza de que não importa o tamanho do sofrimento; a função da igreja é tentar apresentar as soluções em seus diversos cultos (cultos temáticos para cada tipo de público possível ou para cada graça que deseja ser alcançada). Fica a critério do “sofredor” escolher qual deles lhe trará a solução, para isso, basta escolher o dia e horário.

O horário de funcionamento da igreja é das 8:30 às 23:00 horas, todos os dias da semana, inclusive aos sábados e domingos. Existem cultos ou “reuniões” realizadas durante o dia todo, todos os dias da semana. Cada reunião possui uma temática ou um público alvo específico: a) Todos os dias há, ao meio-dia, o culto intitulado “Benção do meio dia”; b) as segundas existe um culto específico no período noturno, o “Noite de Poder”, e também o espaço do “curso de teologia”; c) as terças, são cinco cultos que acontecem o dia todo com a mesma temática “Culto da Resolução dos Sonhos”; d) as quartas a temática é a “Vitória” e são 3 cultos, manhã, tarde e noite, respectivamente, com esse enfoque: “manhã da Vitória”, “tarde da Vitória” e “Culto da Vitória”; e) as quintas só é professado um culto, intitulado “Culto Avivamento Profético”; f) as sextas, o enfoque é a família e os cultos são distribuídos ao longo de todo o dia em “Manhã de Jejum e oração”, “Culto de Mulheres Vitoriosas”, “Culto da Família” e “Noite Jovem”; g) aos sábados e domingos a atividade na igreja é acentuada e existe uma série de cultos diferentes dependendo da semana.⁷⁸

⁷⁸ Para detalhes dos horários e nomes dos cultos, ver anexo 2, onde está apresentado o folheto de divulgação dos cultos da igreja AD-Bom Retiro.



Figura 3: Composição de fotos da aparência interna da AD - Bom Retiro. A foto da esquerda mostra vista do fundo da igreja, onde é possível observar os corredores de cadeiras plásticas, o palco ao fundo e a mesa de som (branca) em frente e ao lado esquerdo do palco. A foto da direita mostra, em detalhes, a vista do palco e da mesa de som.

Segundo material fornecido pela própria igreja⁷⁹, a AD - Bom Retiro possui: uma Escola Dominical que reúne aos domingos, cerca de seiscentos estudantes, conta com um corpo diaconal com mais de cem diáconos e diaconisas, um Departamento de Jovens que ultrapassa trezentos moços e mocas, um Departamento de Adolescentes com mais de cem rapazes e mocas, e um Departamento Infantil que agrega mais de cento e cinquenta crianças, um Departamento de Casais com mais de 60 casais, um Departamento de Louvor, com uma forte equipe vocal além dos músicos que compõem o instrumental, um Departamento de Aconselhamento onde há equipes que dão atendimento pelo telefone ou pessoalmente aos que procuram auxílio; além desses, pode-se destacar o Departamento de Evangelismo, Departamento de Sonoplastia, Departamento de Novos Convertidos (com o objetivo de doutrinar e orientar os novos convertidos),

⁷⁹ Em entrevista no dia 04/07/2006 com o Pastor Aécio, relações públicas da AD do Bom Retiro, foram fornecidos diversos documentos da AD, entre eles, entrevistas realizadas pelos pastores, um relato sobre o surgimento da AD do Bom Retiro datado de 2002, além do perfil do Pastor Jabes Alencar, o fundador da igreja.

Departamento do Amor Maior (que atende pessoas com mais de trinta anos, que são solteiras ou viúvas); e um Departamento de Assistência Social que presta auxílio a pessoas carentes e necessitadas da população. Além disso, a AD do Bom Retiro possui, em Atibaia, um local para acampamentos da igreja.

Em relação aos meios de difusão de comunicação massiva, a AD do Bom Retiro possui um programa na rádio Morada do Sol (1260Khz, AM) intitulado “Mensagem de Esperança” e um programa na televisão (Tv – Record, canal 7, que possui orientação evangélica) com o mesmo nome que o do rádio. Desde junho de 1999, a igreja arrendou a Rádio Musical FM 105,7 Mhz, onde apresenta o “Mensagem de Esperança”; apresenta também programa diário de televisão, de igual nome, nos canais da Tv – Gospel, canal 28-NET e Canal 53 UHF.

2 . Grande templo e múltiplas ofertas

A dinâmica dos cultos e da comunicação se insere num conjunto de estratégias que visam persuadir os adeptos por múltiplos meios (livros, programa de rádio, cursos, televisão, festas, cultos, etc.). A estrutura está adaptada para essa diversidade e voltada para um público numeroso que busca soluções e compreensões salvíficas de Deus.

A comunicação estabelecida nos cultos, tecnicamente planejada, reproduz um tipo de relação carismática no sentido de envolvimento dos sujeitos pela via da emoção e da participação frenética. A figura do líder é central e a experiência do sobrenatural parece ser a meta de condução dessa igreja.

Este líder deve mostrar-se continuamente através de atos prodigiosos, sem os quais não recebe o devido reconhecimento. Seus seguidores por sua vez, permanecem dentro de um domínio onde a entrega pessoal é repleta de entusiasmo, esperança, fé e emocionalidade⁸⁰. Essa dominação irracional que é carismática, não está atrelada, portanto, às regras do planejamento anterior, e neste sentido o tipo de poder dali orientado é decorrente da emoção, por atos imprevistos, além do poder econômico.⁸¹

2.1. Cultos: o receptor como foco

Os cultos têm duração aproximada de duas horas e meia, sendo que durante esse tempo a pregação é dividida em: a) louvor; b) oração de libertação e cura; c) pregação da palavra; d) canto; e) nova pregação da palavra, mas de forma breve; f) canto de coletas e dizimo; e por último, g) testemunho dos adeptos.

O louvor é a chamada inicial para que as pessoas participem do culto. Todos são convidados a saírem de seus lugares e a abraçarem outras pessoas com mensagens de boas vindas. Ele é sempre acompanhado pelo cantor do grupo de músicos e um corpo de dança no altar.

Em seguida, inicia-se o momento da oração de libertação e cura que tem como função amenizar as mazelas que afligem os adeptos que estão presentes ou familiares que estão ausentes no culto. O pastor os convida a participar de uma oração especial que servirá de ajuda para os seus familiares. As pessoas que se

⁸⁰ Temos aqui, o sentido do “dever”, empregado com uma conotação puramente psicológica, envolta em atmosfera emocional, e não está relacionado ao dever normativo típico de outras esferas da dominação.

⁸¹ RIVERA, D. P. B. *Tradição, transmissão e emoção religiosa*: Sociologia do Protestantismo contemporâneo na América Latina, passim.

sentirem tocadas deverão trazer fotos, carteira profissional, roupas, etc, para serem ungidas com óleos pelos obreiros e pastores auxiliares que ficam no altar.

A pregação da palavra é feita logo depois, geralmente pelo pastor que iniciou a oração de cura e libertação ou, por outras vezes, pregadores convidados. É feita a leitura de um trecho bíblico e a interpretação do pastor que chama a comunidade que o assiste a mergulhar na palavra proferida, com oração de louvor e orações em línguas, para que a mesma palavra se realize na vida de cada um ali presente.

Após algum tempo de pregação, a equipe de música começa um novo canto, desta vez, um canto de cura a toda comunidade presente, seguido de revelações, dentro da obra que o Senhor já está realizando naquele momento pela revelação da palavra na vida de cada um, momento de grande manifestação de todos.

Na seqüência, é retomada uma nova pregação da palavra, de forma breve, para finalização e direcionamento de coletas e dízimos, novamente se tem um canto e a leitura de mais um trecho bíblico para a realização dos mesmos. O pastor convida a todos a entender sobre as ofertas e dízimos, buscando compreensão na palavra, para que os doadores saibam qual a vontade de Deus naquele momento.

Ao final, o adepto pode dar seu testemunho rapidamente ou até mesmo pedir ajuda dos obreiros para transmitir o seu testemunho, ou ainda, ter o seu testemunho escrito em uma mesa que fica na entrada da igreja (“mesa de testemunhos”); e a maioria se retira da igreja.

Segundo informações fornecidas pela própria igreja AD-Bom Retiro, feita pelo pastor Alencar Gonçalves, vice-presidente da igreja em 11.07.06: *“Temos em*

nossa igreja sede e demais igrejas (filiadas) cerca de 300 pastores e em torno de 1.800 obreiros dos quais os chamamos de diáconos”.

2.2. Os comunicadores da emoção: falando ao coração

Os pastores da igreja AD se apresentam bem trajados, a maioria com ternos e gravatas. A linguagem trazida pelos pastores é de simples entendimento, mas ao mesmo tempo incisiva em suas afirmações. As pregações são fortes, carregadas de certezas que ninguém jamais ousaria duvidar. Em uma das visitas feitas a essa igreja em 26.06.05, o pastor Rubinho disse que o Espírito de Deus estava ali, naquele momento, *“ele está falando que Deus está neste lugar, ele quer quebrar todo mal que está em você, você tem que viver de bem com Jesus”.*

A certeza com que ele pronunciou a profecia dada pelo Espírito Santo provocou uma comoção dentre os participantes muito grande, pessoas chorando, se abraçando, outras acalentando o irmão mais próximo etc, o que deixou clara a importância da figura do pastor dentro da igreja. Os pastores falam pela “unção do Espírito Santo” e isso tem um valor sem medida. Ao final do culto, a impressão era que a comunidade não queria se retirar, a maioria se aglomerou diante de uma porta lateral para falar com o pastor Rubinho.

A influência e o potencial poder que o discurso religioso desperta nas pessoas – o que fez com que algumas igrejas tivessem um singular aumento de adeptos nos últimos anos – se dá pelo ganho de notoriedade que as figuras carismáticas, carregadas de emocionalidade e persuasão, vêm recebendo nas instituições religiosas. As figuras carismáticas, como os pastores e alguns padres,

provocam nas pessoas mistos de sentimentos: da raiva à compaixão, do arrependimento à culpa; mas com um único objetivo de vincular por meio da afetividade as pessoas a um Deus amoroso.

Uma religião de comunidade emocional tem como objetivo expandir essa emocionalidade cada vez mais dentro das igrejas, por meio de um portador totalmente carismático, criando uma necessidade de vínculo dos adeptos a figura representada pelo pastor – no caso da igreja AD – Bom Retiro - de conforto e ao mesmo tempo de salvação para afastar as ameaças que o dia a dia oferece.

Dessa maneira, a comunidade vive um verdadeiro “frenesi” emocional, os testemunhos dos convertidos são cada vez mais valorizados e possuem reconhecimento do grupo de pertença. Dessa forma, servem de exemplo para outras pessoas ali presentes, criando elos cada vez mais fortes entre a comunidade e o indivíduo em torno da figura carismática.

No entanto, se o discurso religioso repousa na representação do Sagrado como valor supremo ao qual se subordinam todos os valores (a atitude e respeito, confiança e veneração só se estabelece se o adepto for emotivamente atingido e atraído por essa figura carismática), ambos se envolvem na mesma noção de dependência, o doar e o receber, criando uma proximidade mais intensa e afetiva entre os membros de uma comunidade.

É possível notar certa semelhança na dinâmica e postura dos diversos pastores tanto em seus discursos durante quanto na pregação do culto. Geralmente eles trazem os últimos acontecimentos vividos pela sociedade, acontecimentos de grande impacto, e começam a descrever o fato, fazendo uma análise entre os males do mundo, dizendo que o “inimigo” poderia ter agido na vida das pessoas ali presentes; e que muitas vezes o “inimigo de Deus” quer desviar o nosso olhar do

Senhor. Falam das nossas atitudes descontroladas diante das facilidades oferecidas pelo mal, fazem uma leitura bíblica de ligação entre Deus e o Mal e desenvolvem uma dinâmica nos fazendo acreditar que não estamos no culto por acaso, mas porque fomos escolhidos pelo Senhor para aquele momento.

Dada a euforia que a figura carismática provoca em seu meio, marcado pela espontaneidade e adesão do grupo, que acredita e aceita viver por meio desse carisma uma vinculação direta com Deus e, sabendo-se que o carisma é irracional e instável, se faz necessário que a instituição igreja administre esse carisma em vários pastores para que a comunidade permaneça na mesma informalidade de conduta e de regras.

O perfil dos adeptos dentro da igreja AD – Bom Retiro tem uma característica comum em relação à cultura de massas: um forte apelo ao fascínio e emocionalidade; a busca, pelas pessoas, a solução para os problemas experimentado na vida de cada um. Os fiéis procuram viver em cada culto uma experiência nova, uma nova mensagem ou uma confirmação de Deus para aqueles que esperam realizar algo novo em suas vidas.

Em relação aos usos e costumes vividos anteriormente pelas igrejas AD, observa-se que, na igreja AD – Bom Retiro, as mudanças comportamentais são visíveis, principalmente no vestuário feminino, as mulheres usam calças compridas, decotes mais alongados, desde que mantidos dentro do padrão de pudor, cortam e tingem os cabelos, usam maquiagens, jóias e bijuterias etc. Uma análise um pouco mais detalhada foi realizada no capítulo II, quando da exposição dos dados da pesquisa nessa dissertação. Foi também observado o trânsito religioso por via tanto pessoal como familiar. No nível pessoal, ocorre principalmente pela aceitação e prática de diversos cultos de outros grupos e pela afinidade encontrada em outras

igrejas. Além disso, observou-se um padrão geral de migração da igreja católica para a evangélica em duas vertentes: migração direta e indireta, com o padrão de católicos para evangélicos. No nível familiar foi observado que existe uma opção religiosa mais diversificada, alguns membros possuem parentes nas igrejas neopentecostais, católica, afro-descendentes, espíritas entre outras. Na presente pesquisa foi observado também que existe uma forte influência em relação a adesão na igreja AD – Bom Retiro, isto é, para a grande maioria dos entrevistados foi sempre um parente que o levou até a igreja, direta ou indiretamente esse ingresso trouxe melhorias na vida dos entrevistados.

3. A Neopentecostalização da AD

Conforme apresentado, as características gerais dos adeptos pentecostais, que vinham de classes sociais menos privilegiadas, giravam em torno da experiência mística, carismática, do batismo com o Espírito Santo e suas conseqüentes reações físicas.

Nos últimos vinte anos, muitas pesquisas e estudos foram realizados sobre o pentecostalismo, e a maior parte das conclusões afirmam que o mesmo seguiu um caminho diferente de sua proposta original. Mesmo com novos estudos voltados para essa “nova” forma de se fazer o pentecostalismo, nossa retrospectiva baseia-se na idéia de que existem diferenças entre a forma de atuação das igrejas pentecostais iniciais e das igrejas pentecostais surgidas nas ultimas décadas. Essas últimas são, por muitos autores, classificadas como “pentecostalismo clássico e

autônomo”, “pentecostalismo clássico e de cura divina”, ou ainda, como “igrejas de mediação e pequenas seitas”.⁸²

A análise das diferenças particulares ao longo do estabelecimento e expansão do pentecostalismo brasileiro está muito bem estabelecido por Freston- em sua teoria que remete a metáfora de “ondas” discutida no capítulo anterior. O autor anuncia que, a dinâmica das igrejas fundadas nos últimos anos no Brasil – e que, em teoria, pertencem ao pentecostalismo – pouco tem de similaridade com aquelas fundadas no início do século passado. Pode-se, portanto, concluir que, apesar da ruptura, existe certa continuidade nas formas de apresentação em cada nova onda.

Essa última “fase” do pentecostalismo brasileiro que possui características diferentes do pentecostalismo clássico (ou tradicional) tem sido chamada de neopentecostalismo.

Oro & Seman apontam que a intensidade da transformação do pentecostalismo nesses últimos anos foi tão exacerbada que a proposição de uma nova denominação para essas igrejas fez-se necessário frente as mudanças encontradas.⁸³

O termo neopentecostalismo está ligado a pessoas com pensamento pentecostal, isto é, aquelas que acreditam nos poderes de cura pelo batismo do Espírito Santo, mas que se consideram adeptas de uma renovação espiritual, seja qual for a sua vertente religiosa.

Autores como Campos, Mariano, Jardimino, Oro & Seman apresentam essas transformações ocorridas. Dentre as principais características estão: a presença marcante de líderes portadores de personalidade forte e, muitas vezes,

⁸² PASSOS, J.D, *Pentecostais*, Origens e começo, p 53.

⁸³ ORO, A. P.; SEMAN, P. Os Pentecostais Nos Países do Cone-Sul: Panorama e Estudos, *in Religião e Sociedade*, p. 86.

carismática; o grande incentivo a expressividade emocional nos cultos; o uso intenso – e talvez abusivo? – dos veículos de comunicação de massa, com programas de televisão (criação de inúmeros canais exclusivamente religiosos), programas de rádio, tablóides semanais, etc; a centralidade do culto no aspecto financeiro (boa parte do culto tem seu discurso focado nas contribuições dos adeptos, mas também na melhora de vida financeira do adepto, baseada na Teologia da Prosperidade); o enfoque na cura divina e exorcismo (que alguns, inclusive dentro do próprio meio neopentecostal, denominam de Guerra Santa); e o exclusivismo frente ao resto das expressões religiosas.⁸⁴

Jardilino reafirma essa mudança no pentecostalismo clássico, apontando que essas transformações levam a um menor controle da vida do adepto, por parte da igreja, e que isto a torna mais atrativa.

De uma forma geral, esse neopentecostalismo enfatiza, segundo Campos:

(...) o exorcismo, cura divina, dons espirituais, continuidade da revelação divina através de líderes carismáticos, e uma parte dele aceita a 'teologia da prosperidade'.⁸⁵

Mariano afirma que o prefixo neo é apropriado, principalmente, por duas razões: a primeira diz respeito a formação recente (temporal) dessas igrejas; e a segunda se refere ao caráter inovador do neopentecostalismo.

Ainda, segundo o autor o movimento pentecostal, destaca quatro características fundamentais:

⁸⁴ ORO, A.P. & SEMAN, P, *op. cit.*, p.89.

⁸⁵ CAMPOS, L. S. *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina um desafio aos protestantes históricos*, p.50.

- 1 - Exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos;
- 2 - Pregação enfática da Teologia da Prosperidade;
- 3 - Liberação dos estereotipados usos e costumes de santidade; e
- 4 - O fato de elas se estruturarem empresarialmente. Elas agem como empresas e, pelo menos algumas delas, possuem fins lucrativos.

Os pontos apresentados pelos discursos dos especialistas mostram uma grande ruptura com as características do pentecostalismo tradicional, marcado pelo: sectarismo e o ascetismo formam então, a base daquele que distingue estes grupos neopentecostais.

Todavia, vale ressaltar que nem todos os traços propostos para caracterizar o neopentecostalismo são exclusivos deste último. Algumas dessas características já estavam presentes anteriormente e, nesta vertente, se mostram apenas de forma exacerbada.

Segundo Mariano, ao que parece, o pentecostalismo tradicional, embora tente limitar e disciplinar as manifestações carismáticas no interior de sua estrutura, vem tentando também uma diminuição da rejeição ao mundo exterior (não sem retrocessos e cismas) gerando essas sucessivas tentativas de acomodação à sociedade para que a igreja se torne mais inclusiva.

Assim como as outras religiões denominações pentecostais, o neopentecostalismo pode ser considerado como uma vertente de afirmação no mundo. Segundo este mesmo autor, as características desta vertente estão

relacionadas às mudanças sociais modernas e alteraram a forma de inserção e atuação dessas igrejas na sociedade.⁸⁶

Cabe ressaltar que a postura contrária ao ascetismo tradicional pentecostal faz dos neopentecostais uma vertente de aceitação e vivência no mundo. Isto é, existe uma inversão de valores: o que antes era rejeitado – como a riqueza e o gozo no mundo – hoje é incentivado, principalmente, pela Teologia da Prosperidade, pelas estratégias de comunicação e pelos modos de organização dos grupos religiosos.

A antiga ênfase na pobreza material e sofrimento da carne – onde a grande maioria dos adeptos eram de camadas populares – é trocada pela ênfase e crença na busca da riqueza, livre gozo do dinheiro, de status social e dos prazeres – o que faz sentido com o aumento do número de adeptos de classes média e alta.

Essa alteração da ênfase dos valores que norteiam os adeptos e suas crenças também versa sobre a observância de regras bíblicas como *“tornar-se herdeiro das bênçãos divinas”* e, nesse sentido, o principal sacrifício demandado por Deus aos seus fiéis é de natureza financeira (dízimos, e entrega de ofertas com alegria, amor e desprendimento). A idéia é que você deve investir em Deus da mesma forma, ou mais como investe em sua vida, e isso diz respeito às finanças também.

3.1. Neopentecostalismo: a ruptura com o tradicional

A vinculação das massas a uma instituição (ou fonte de poder) pode se dar, segundo Weber, especialmente por três formas: a tradicional, a carismática e a racional. A dominação tradicional seria, grosso modo, um vínculo de dependência

⁸⁶ MARIANO, R, *op. cit.*, p. 86.

pautado pela legitimidade das normas da instituição estabelecidas pelo cotidiano, pela tradição. No caso das instituições religiosas, seriam os dogmas e a tradição que legitimariam o poder da igreja. Esse tipo de dominação – na forma pura –, por mais que ainda permaneça, parece estar em declínio atualmente. Esse declínio se deve há uma série de fatores, mas, particularmente, pode-se aventar a alteração dos paradigmas sociais como grande influenciador nesses fenômenos.⁸⁷

Classicamente, a conceituação da igreja AD sempre foi a de que esta era uma igreja tradicional. Todavia, como repetidas vezes já foi dito ao longo desse trabalho, suas características estão se alterando e se afastando da nomeação de igreja tradicional ou clássica.

A sociedade atual nos faz viver em constantes transformações. O avanço tecnológico nos impulsiona de tal maneira que já não conseguimos mais voltar; tentamos nos desvencilhar do passado e, ao mesmo tempo, resguardar as nossas tradições, um processo que muitas vezes parece contraditório e caótico. A religião também passa por essas transformações e se esforça para se adaptar ao novo mundo, mas ao contrário do consumismo e experiências vividas pela sociedade, a religião só se adapta a aquilo que já foi anunciado e aprovado pela própria sociedade, conservando supostamente sua tradição e fundamentos.

Atualmente, a religião experimenta essas transformações. As igrejas buscam a cada dia, novas estratégias para atenderem as necessidades atuais dos adeptos – ou potenciais adeptos – e, com isso, mudam seu perfil, sua estrutura e aderem a novas concepções anunciadas pela realidade social.

A AD - Bom Retiro é um exemplo vivo dessas mudanças. Sua dinâmica de funcionamento, com cultos destinados a diversos perfis de adeptos (agora é a

⁸⁷ WEBER, M, *Economia e Sociedade*, pp. 140 – 146.

igreja quem tem que se alterar para atingir adequadamente o adepto e não mais o adepto quem deve ser doutrinado pela igreja como uma massa), com a utilização dos meios de comunicação massiva (como visto, a igreja possui uma editora, um canal de televisão e um canal de rádio), e a relação mais individualizada com o adepto (a maioria dos adeptos não se conhece e entram e saem do culto sem trocar nenhuma palavra com ninguém) enfatiza essa adaptação à sociedade contemporânea.

Segundo o próprio fundador da AD - Bom Retiro, as igrejas tradicionais também tentam se adaptar a realidade, embora ainda de forma muito incipiente. Vejamos as observações do Pastor Jabes Alencar a esse respeito na entrevista feita para a revista *Eclésia* em 2006.⁸⁸

“Vejo que o número de evangélicos está crescendo exponencialmente. Isto é resultado de investimentos em evangelismo. Tenho notado, também, que até as denominações mais tradicionais estão mais abertas para estratégias de evangelismo pela televisão e outros meios de comunicação. Mas precisamos melhorar muito ainda. Temos que sair mais, realizar mais cruzadas, “invadir” o terreno do inimigo e resgatar as vidas. É nosso tempo de agir.”

A denominação da Assembléia de Deus, sempre foi considerada uma igreja tradicional e rígida. O ascetismo sempre foi glorificado e imposto aos seus membros que, então, viviam de forma extremamente rígida e eram chamados de “crentes” com um tom pejorativo, insinuando um estereótipo do “crente” como um

⁸⁸ As informações relatadas foram obtidas em entrevista realizada com o Pastor Aécio, no dia 04.07.06 na própria igreja AD - Bom Retiro. O pastor Aécio é, como dito, Relações Públicas da igreja e nos forneceu diversos documentos. Dentre os documentos fornecidos estavam duas entrevistas do fundador, o Pastor Jabes Alencar. Uma entrevista que, no momento da elaboração dessa dissertação a entrevista ainda não havia sido publicada, mas que será veiculada na edição número 0117, da revista *Eclésia* -2006 e outra entrevista que foi publicada na Revista *Consumidor Cristão* em 2005.

sujeito rígido e retrógrado. A AD - Bom Retiro parece romper com essas características. Foi possível notar nas diversas visitas ao templo matriz, que homens e mulheres se vestem e se comportam de uma maneira menos formal. A aceitação dos adeptos se tornou mais fácil com essa maleabilidade. Muitas vezes os indivíduos têm vontade de participar de uma determinada igreja, mas não se identificam com ela, não se identificam com o perfil dos adeptos dela. Grande parte das pessoas não querem ser taxadas de “crentes”, pejorativamente, e querem estar dentro da igreja e da sociedade ao mesmo tempo.

O fundador da AD pastor Jabes na mesma entrevista declara que:

“A assembléia de Deus Bom Retiro marcou na historia das Assembléias de Deus um novo momento, rompendo com tradições que nada acrescentam ao desenvolvimento espiritual. No aspecto doutrinário – fala de doutrinas elementares que gerenciam a vida crista como um todo – temos os mesmo fundamentos das demais Assembléias; mas no que se refere aos costumes, pregamos a liberdade e educamos essa liberdade. No aspecto litúrgico também somos diferentes: nossos cultos são mais participativos, com louvor congregacional e prioridade absoluta para a Palavra. Não ocupamos o tempo do culto com participações isoladas.”

Assim, a AD - Bom Retiro percebeu tais diferenças rapidamente, alterando sua metodologia, provavelmente, com o intuito de se tornar mais identificável com os adeptos presentes e com potenciais adeptos. O corpo diretivo da igreja confirma essa informação, pelas próprias palavras do fundador Pastor Jabes, que vê nessa mudança um fator positivo:

“No Brasil, a Assembléia de Deus tinha o estereótipo de uma denominação radical, pautada pelo rigor dos costumes. Rompemos com essa idéia. Não mudamos os princípios, mas evoluímos com a metodologia. Deus confirmou.”

O Pastor Jabes completa ainda na mesma entrevista, essa idéia afirmando que a dinâmica menos rigorosa da AD - Bom Retiro foi a responsável pelo aumento do número de jovens na igreja.

“(...) nossa metodologia de trabalho é bastante dinâmica. Creio que tenha sido essa estratégia que atraiu a juventude para a nossa igreja. Também porque sou jovem (risos). Quanto as diferenças entre o Bom Retiro e as demais Assembléias, vejo que nós avançamos não para competir, nem mesmo para agredir algo que vinha sendo feito, mas para afirmar que a tradição não é atestado de compromisso com Deus. Claro que todo extremo é perigoso, por isso temos sido cautelosos quanto aos excessos. Não podemos “engessar” a igreja com métodos obsoletos.”

O pastor Jabes seguramente afirma a nova postura da igreja AD – Bom Retiro frente às outras igrejas da mesma denominação. Preocupado com velhos padrões estabelecidos pela igreja em sua origem, e sabendo que a juventude atual procura nova linguagem para se adaptar, mudou sua estratégia de agir aderindo aos novos hábitos sociais. Segundo ele, os “velhos hábitos”, na verdade, estão ultrapassados, visto que a rigorosidade tradicional já não é costume popular e seus métodos já não funcionam mais. Todavia, é necessário estar atento com os excessos; isto é, o meio termo – nem completa rigorosidade, nem completa flexibilidade – parece ser o caminho.

De maneira geral, os adeptos da igreja AD – Bom Retiro também comemoram essas mudanças adotadas pela igreja. Alguns dizem que se a igreja não fosse renovada eles se mudariam para outras, mostrando que tais opiniões são muito comuns nos jovens que freqüentam a igreja.

Em entrevista realizada com um jovem em 10.07.06, membro da igreja AD – Bom Retiro que antes pertencia a igreja Assembléia de Deus-Belém, pertencente ao ministério do Belém, comemorava a nova escolha, dizendo que as mudanças são bem vindas nas comunidades cristãs, porque dessa forma as igrejas serão canais de graças para a conversão de milhares de pessoas, principalmente, para os mais jovens.

“No meu ponto de vista, o que houve com a igreja cristã nos últimos dias é algo lindo; porque a igreja acompanha de fato o crescimento da sociedade, e isso para a nossa fé é muito importante, pois abriu várias janelas de oportunidades para a salvação de vidas em Cristo Jesus, pois com essa evolução e crescimento, as pessoas passaram a conhecer Jesus e não os costumes e dogmas criados por homens. Assim, as pessoas vão adorar a Deus com liberdade sem opressão das invenções dos homens”.

“*As janelas de oportunidades (...), evolução e crescimento*” citada pelo jovem entrevistado acima se faz presente dentro da AD – Bom Retiro, pela grande quantidade de jovens que freqüentam essa igreja; pela presença de jovens pastores responsáveis pelos serviços e pregações na igreja; e pela quantidade de bandas musicais que se apresentam nos cultos com músicas bem atuais, tocadas dentro e fora da AD, sendo gravadas até mesmo pelos padres carismáticos da igreja católica, estreitando cada vez mais suas diferenças.

O jovem ainda falou dos velhos moldes trazidos pela igreja AD em sua origem, rebatendo a maneira antiga de viver e de pensar. Ele diz que hoje já não tem mais espaço para imposição dos homens ditando regras e condutas criadas por eles mesmos, o que vale, comentou, “*é a vontade de Deus na vida de cada um*”.

Em suma, a sociedade capitalista infligiu um conjunto de alterações no *modus vivendi* das massas. O aumento da velocidade da criação de modelos e da quantidade de informações, o aumento da competitividade no mercado de trabalho, o aumento da quantidade de horas de trabalho e a pressão pela perpetua capacitação e agressividade indiscriminada gerou pessoas cada vez mais individualistas, que não podiam confiar em ninguém (pois, afinal, todos são potenciais competidores) e que se sentiam, no fundo, sozinhas, desamparadas e excluídas.

Frente a esse tipo de população, um discurso dogmático e ascético pouco se torna atrativo, pois o indivíduo, já fatigado pelo mercado, não se satisfaz em encontrar nas instituições religiosas apenas mais normas e regras a seguir que foram determinadas, muitas vezes, por outras gerações; mesmo porque, essa sociedade “maltratante” criou suas próprias formas de minimizar a dor, que ela mesma gerava, com um tipo de hedonismo calcado no consumo e no imediatismo: estratégia brilhante para perpetuar um círculo vicioso contínuo e quase imutável do capitalismo vigente. Assim, a dominação tradicional, ao menos no que se refere às instituições religiosas, parece ter perdido um pouco seu poder dentro desse contexto.

Por outro lado, a dominação carismática – antítese desse modelo tradicional? – vem ganhando força nesse campo. A dominação carismática está pautada na vinculação e estabelecimento de dependência (poder) pela afetividade e

emocionalidade. A figura de um líder – sacerdote, profeta ou mago – tem como prioridade monopolizar o poder que se apóia no carisma, pois isso torna esse poder legítimo. Esse carisma está relacionado a “uma qualidade considerada extraordinária que faz de seu portador um enviado de Deus e um detentor de forças sobrenaturais” e fundado “na revelação pessoal, na aceitação das ordens criadas ou reveladas por uma pessoa e na entrega cotidiana a sua santidade, heroísmo ou exemplaridade”.⁸⁹

Para que o reconhecimento e a vinculação à figura carismática permaneçam, é necessário que o detentor do carisma mostre continuamente a posse do carisma por meio de prodígios. Dessa forma os seguidores têm o dever no sentido estrito da palavra, de permanecer dominados e a entrega pessoal é repleta de entusiasmo, esperança, fé e emocionalidade. Nas comunidades tipicamente carismáticas, o vínculo emocional é o elemento dominante de coesão e legitimidade. A dominação carismática é considerada irracional, pois não se atrela à regra e ao planejamento premeditado, por isso seu poder orienta-se pela emoção, pela imprevisibilidade e sua economia da autoridade “depende das coletas e das doações do dia a dia”.⁹⁰

4. As produções neopentecostais da AD Bom Retiro

As ofertas são vistas, na lógica pentecostal do ponto de vista do adepto, como o preço ritualístico para se conseguir a solução dos problemas que Jesus possui. Para eles a demonstração da fé – e isso inclui, os sacrifícios dos mais diversos tipos, como de postura e oferta de dízimos – e a crença arraigada

⁸⁹ WEBER, M, *op cit*, pp. 140-144.

⁹⁰ *Ibidem*, pp. 141 -142.

profundamente no coração de que Jesus é o detentor do poder e da salvação, faz com que os adeptos tenham certeza de que aceitando Jesus a solução para todas as suas mazelas virá, pois é direito seu conforme, a doutrina.⁹¹

Essa lógica de ofertas do ponto de vista da igreja remete, segundo Passos, a uma estrutura inversa e complementar que aponta a igreja como uma fonte de relacionamento com Deus que leva, em última instância, a relação de “fé - doação”. Se o fiel precisa entrar em contato com a palavra de Deus – embora possa fazer isso isoladamente – mas enxerga nos pastores representantes divinos, então a igreja se torna a mediadora essencial no processo de estabelecimento e manutenção da fé. Complementarmente – por causa da idéia arraigada da teologia da prosperidade – o fiel sabe que precisa mostrar a Deus o tamanho de sua fé e isso só pode ser feito via sacrifícios e investimentos, enfim, das doações.

As visitas e diversas entrevistas realizadas com os membros da AD - Bom Retiro mostram que essa igreja vem tentando se adaptar a realidade social permeada pela contemporaneidade.

4.1. O discurso e a orientação para a prosperidade na AD

As orientações proclamadas pelos pastores nos cultos das igrejas pentecostais parecem vitais para os adeptos, principalmente quando se trata de prosperidade. Em visitas feitas nos cultos na igreja AD – Bom Retiro, foi observado que no momento das ofertas, os fieis participavam de maneira espontânea diante do apelo para as mesmas; dentro do cenário apresentado: a música, a palavra Bíblica,

⁹¹ PASSOS, J. D, *Como a Religião se Organiza: tipos e processos*, p.52.

a escuta silenciosa de cada um para saber qual o propósito de Deus diante das ofertas concedidas; é um momento muito forte e que acontece em clima de total respeito e obediência.

Na hora do dízimo e ofertas no culto das 15h realizado em 21/05/06, o pastor leu a passagem bíblica “Malaquias 3:6” falando da fidelidade das pessoas nos pagamentos e ofertas, “porque o Senhor é fiel, nós também devemos ser”. Os obreiros começaram a passar com os envelopes no meio da assembléia, os fiéis receberam o envelope para recolhimento da quantia ofertada; a música sendo cantada pela irmã que anteriormente vendia as bijuterias, o pastor pedindo para que todos fechassem os seus olhos para ouvir a voz do Senhor, “pois era real a presença de Deus naquele local”, todos orando e os obreiros passando para o recolhimento dos mesmos.

Terminada a pregação no culto das 17h realizado em 28/05/06, o pastor começou a falar dos problemas financeiros que alguns ali presentes estavam passando e, por causa do egoísmo da falta de desprendimento que muitos não conseguiam a graça de melhorar as suas finanças, foi observado que se tratava da “oferta”, em seguida surgiram (entre homens e mulheres), mais ou menos 09 pessoas com um carnê e coador (como os de café usados antigamente) com semblantes sérios, olhares fixos, foram se posicionando na frente do púlpito e assim que o pastor terminou de falar que também Jesus estava curando muitas “vidas financeiras” e ainda que não fosse naquele dia, a benção ia acontecer e ainda que não acontecesse teríamos que continuarmos firmes na fé, os obreiros foram passando de fila em fila recolhendo a oferta acompanhada de um canto pela banda presente.

No culto das 15h realizado em 29/05/05, o pastor também falou de uma campanha “portas abertas”, as pessoas retiravam um “Folder” onde marcavam os nomes das pessoas e qual a graça que precisavam, com isso, segundo o pastor, firma-se um compromisso com Deus e não mais com ele, e o fiel terá que comparecer durante 07 domingos, no mesmo horário fazendo com que o mesmo não quebre seus votos de “obediência”.

Outro aspecto importante apresentado pelo vice-presidente da AD - Bom Retiro, pastor Alencar na entrevista realizada em 11.07.06, o mesmo disse que a prosperidade deve ser alcançada em vida, ainda que a paz eterna seja um dos objetivos transmitidos aos adeptos e independente de sua conduta.

Questionado sobre essa fala de prosperidade e o imediatismo nas coisas de Deus, ele nos informa que:

“Cremos e pregamos a prosperidade, baseada na Palavra de Deus. De fato, existe a prosperidade eterna, mas o Senhor Jesus citou sobre aqueles que o seguirem, neste mundo ganharão cem vezes mais e no futuro a vida eterna. Com isto, o cristão pode gozar de benefícios não somente no porvir. Cremos que a prosperidade não está fundamentada no ter muito e sim no pouco que possui, ela é fiel a Deus e honra seus compromissos. Conheço pessoas que ganham pouco e são prosperas e conheço pessoas que ganham muito e não são”

Na fala do pastor, pode-se notar uma relação de racionalidade quando diz que as pessoas podem ser prósperas com o pouco, adiantado que a prosperidade não está no acúmulo de bens, mas, na maneira de viver bem consigo mesmo.

Com as visitas, foi possível observar que boa parte do discurso da AD está centrado na prosperidade e no sucesso. Exemplo disso foi observado em uma

pregação de um culto realizado em 24.07.05, proferida pelo pastor Silmar Coelho, que começou a pregação apresentando todos os seus trabalhos entre livros, DVDS e vídeos cassetes, comentando a temática de cada trabalho publicado. Argumentou que fez doutorado em Las Vegas e que todos os seus conhecimentos estavam ali. Em seguida, leu na carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios, 9.10, sobre a semente que supre, multiplica, enriquece e aumenta e, repetiu várias vezes, terminando com elogios aos entusiasmos das mulheres. Foi conduzindo a pregação nessa temática, *“Deus multiplica, para Deus multiplicar, você precisa fazer alguma coisa pra isso Se ele der o pão, a semente você planta, você esta comendo semente? Se você tiver comendo a semente vai faltar para plantar e o que você vai colher?”*.

Da mesma forma como o dinheiro é muito citado por conta do dizimo e doações, foi observado que a assembléia presente ao culto, estava totalmente voltada para o altar, todos visivelmente alegres, aplaudiam a todo o momento a fala do pastor que não poupava brincadeiras. A palavra foi direcionada sobre os gastos excessivos que fazemos com compras, pagando altos valores. Como exemplo o próprio pastor citou um par de sapatos que havia comprado e que estava usando, pelo valor R\$120,00, valor esse, considerado pequeno diante dos prazeres de consumo mas, na hora da oferta as pessoas diminuíam esse valor, contribuindo com apenas R\$1,00. Logo em seguida, pediu para os obreiros realizassem a coleta das ofertas seguida de oração sobre os envelopes e também para as pessoas que iam contribuir naquele momento. Terminada a coleta o pastor continuou em sua pregação seguida de cantos.

O discurso também é apresentado como uma graça de Deus pela postura e conduta na vida do adepto. O culto proferido em 07.08.05, o pastor Rubinho começou lendo a parábola de Lazaro e em seguida começou a perguntar: “Hoje

Jesus pergunta, onde está o morto?" a palavra era de ânimo, : "Se Jesus ressuscitou Lázaro, não pode curar uma dor de cabeça ?" e seguiu na palavra dizendo que as pessoas não sabiam confiar, não conheciam a palavra de Deus, por isso não sabiam as maravilhas que Deus preparava para as mesmas, falou também da unção que tem a palavra, a transformação que ela, a palavra, realiza na vida das pessoas, a partir do momento em que elas passam a confiar.

Brincou muito com as pessoas *tentando descrever aquele momento da ressurreição de Lázaro, perguntou a todos: "Será que Lázaro saiu daquele lugar com o olhar triste, com desconfiança, lógico que não. Eu acredito que Lázaro saiu pulando, gritando de alegria ao ver que estava vivo" "Têm muitas pessoas aqui hoje que estão mortas"* e à medida que ele falava as pessoas iam glorificando a Deus, e o pastor pedia aos participantes daquele culto, para mudarem sua conduta de vida, dizia ainda em alta voz: *"não vivam mortos, mas, ao contrário, mudem de vida para viverem melhores em Deus, meus queridos"*.

Deus também é um investimento, não só emocional e de fé, mas "do ouro e da prata". Em todas as visitas feitas na igreja AD – Bom Retiro, os pastores procuravam mostrar ao fiel, vários tipos de cura, inclusive "curas financeiras". Na fala dos pastores, ficava claro que: se o fiel não passar por uma cura completa, tanto emocional, quanto física e financeira, ele ainda não estará totalmente confiante no poder curador. É importante apontar que os pastores ressaltam que essa graça pode não vir de imediato, mas, para aquele que confiar nas bênçãos e promessas de Deus, a prosperidade fará parte de sua vida ainda na Terra.

4.2. Os rituais e símbolos da AD – Bom Retiro

As igrejas evangélicas pentecostais evangélicas inseriram em seu meio o uso de ritos e práticas vindas do passado, principalmente as igrejas consideradas neopentecostais que usam as “unções sagradas” como forma de mediação entre o sagrado e o profano.

A igreja AD – Bom Retiro admite usar “óleos ungidos” em suas liturgias como fonte de libertação e cura para os doentes, estendendo essa unção também nos pertences e roupas daqueles que estão mais afastados de Deus. Isso pode ser exemplificado na observação de uma das visitas na AD - Bom Retiro realizada em 21/05/06 às 15h: enquanto o pastor Wellington pregava, os fiéis colocavam fotos, carteira de trabalho e pertences em geral, para ambos, pastor e obreiros, ungirem com óleo esses pertences, “ministrando o poder do Espírito Santo”.

Durante a pregação, o pastor convidava os fiéis para entregar os seus problemas, mágoas, dores, falta de dinheiro, depressão entre outros males, porque Deus naquele momento “ia trazer a vitória” de maneira particular, na vida dos presentes no culto.

Quando o pastor Rubinho na observação de campo realizada em 26/06/05 às 15h começou a pregação, em outra observação, pediu para todas as pessoas que estavam com as chaves de casa, carro, etc, se dirigirem ao palco, pois Jesus “ia derramar suas bênçãos” em cada carro, casa e todo poder do maligno seria queimado. As pessoas prontamente o atendeu colocando tais objetos no palco, uma das obreiras foi levando um a um para receber o óleo ungido e uma oração juntamente com o pastor Tiago ao lado do altar.

Nas várias observações feitas na igreja AD, não se viu nenhuma prática de exorcismo durante os cultos. Somente uma vez, foi observado que o pastor Rubinho, depois de pregar no culto das 15h em 26.06.05 fez uma oração em um fiel e ordenava, em nome do Senhor Jesus, que o maligno saísse imediatamente daquela vida, mas de maneira discreta e sem chamar atenção dos demais presentes.

Em outra ocasião, durante conversa feita pela pesquisadora com alguns membros e um pastor, os mesmos informaram que se acontecer alguma manifestação diabólica durante o culto eles expulsariam na mesma hora “o maligno” com a intercessão de todos participantes presentes sem tentar esconder o fato, e finalizando a fala concluíram: “O demônio precisa ser exorcizado do mundo”.

De maneira geral, a prática de “expulsão de demônios” não é muito usada dentro da AD – Bom Retiro. Na visão dos pastores e adeptos dessa igreja, a não manifestação diabólica não significa que o mal foi banido do meio, podendo aparecer a qualquer momento. Por isso o fiel deve se manter vigilante, segundo os mesmos, e deve “orar e vigiar, pois o demônio está procurando a quem devorar”.

A igreja católica tem em sua tradição, costumes e rituais de eficácia simbólica, ou seja, faz a unção de objetos e esses passam a ter valor representativo no divino, santificado, podendo ser mediadores do poder divino. Por outro lado, o protestantismo rompeu com essa prática simbólica arraigada nos signos concretos (imagens de santos, etc) e centrou-se na vivência da palavra. Ao mesmo tempo, é nessa prática que se dá a simbologia eficaz, isto é, é por meio das palavras proferidas pelos pastores que se faz a unção das pessoas, objetos, etc durante as pregações. Assim, o pastor emana o poder de unção na palavra proferida e esta palavra vale significativamente o mesmo que os signos ungidos do catolicismo.

4.3. Teatro e templo na AD

A igreja AD – Bom Retiro nos mostra que existe uma mudança de comportamento em seus cultos em relação às outras igrejas da mesma ordem assembleiana. Em suas apresentações evangelísticas há a sensação de que se está assistindo a um grande espetáculo. Suas apresentações mostram a grandeza de Deus encenada de maneira a despertar inspirações mais profundas na vida dos mais afastados e descrentes de graças.

Em observação de campo, realizada em 04.09.05, no culto das 15h, temos um exemplo do tipo de encenação rotineira na AD - Bom Retiro. O louvor teve duração de cerca de quarenta minutos, com o som altíssimo, onde o cantor repetia diversas vezes o refrão do *hino “abraça-me .não posso viver longe do teu amor, Senhor...não posso viver longe do teu afago Senhor...abraça-me, abraça-me com os teus braços de amor”*, e logo o pastor Wellington saiu no meio da assembléia abraçando a todos por onde ele passava e pedindo para que os mesmos se abraçassem como se fossem abraçados pelo Senhor.

Em outra visita em 07.08.05 às 17:30 h, o pastor falava de mágoa e a cantora começou o louvor com cantos bem direcionados ao “poder” e “a confiança” em Jesus Cristo. A letra da primeira música voltava várias vezes no refrão, as pessoas que assistiam ao culto cantavam com fervor, emocionadas, dando graças ao Senhor com palavras de confiança; “aleluia senhor”, “sim senhor Jesus derrama sua unção”, “oh glória aleluia”, “sim eu creio”. Muitos oravam em “línguas dos anjos” e até o pastor que presidiu o culto, pastor Rubinho, por vezes dava socos no ar de

certeza, e, repetia várias vezes: “este local vai ser revestido de glória do senhor, pois aqui o demônio não tem poder; Vá saindo em nome do Senhor Jesus!”.

Vale ressaltar que quando o pastor Rubinho, utilizando sua convicção discursiva, dirigiu-se à platéia, e criou uma espécie de “atmosfera mágica” envolvente no culto, transformando-o em um canal “animado” de graça e fazendo da igreja um agente condutor de conversões.

Na entrevista do pastor Jabes feita para *Revista Consumidor Cristão* em 2005, ele comenta que:

“Nossos projetos são sempre evangelísticos. Tudo o que fazemos está voltado para a conquista de almas. Grandes eventos são uma estratégia, daí porque temos realizado a Cruzada Impacto da Fé, em todo o país, programas de radio e tv, e as festas na igreja: Festa dos Estados, Festa das Nações, Festas das Águas, Congresso de Avivamento, além dos outros eventos que desenvolvemos na nossa programação normal”

O título da Revista acima, não aparece ocasional nem inocente, mas, expressa neste contexto, uma sugestão comercial de divulgação massiva, não se restringindo apenas a uma comunidade de “irmãos”, mas ao contrário, essa revista atinge um público diversificado, que congrega o grande espaço da AD – Bom Retiro.

Neste âmbito, a igreja AD – Bom Retiro cada vez mais se esforça para atrair novos adeptos ao seu meio: seja pela fala de seus pastores, seja pela eficácia de seus eventos e cruzadas, o objetivo mesmo é evangelizar, e transformar o velho em novo, gerar vida nova aos adormecidos de maneira, sobretudo, envolvente e eficaz.

4.4. Organização e lógica empresarial

A comunidade tida como emocional e carismática em primeira vista, não está atrelada às normas das organizações racionais. Entretanto, o sucesso da comunidade carismática afetiva demanda mudanças em sua forma inicial, pois a irracionalidade presente nessa forma não garante os interesses materiais do grupo e do líder. Assim, a permanência dessa comunidade e desse poder exige a racionalização, a consolidação da tradição, ou ambas as coisas, incorporadas ao seu funcionamento.

O que se pode ver nas igrejas denominadas como neopentecostais é sua vertiginosa expansão e, conseqüentemente, sucesso. É impossível acreditar que todo esse sucesso seja decorrente simplesmente da boa vontade dos adeptos em suas doações e do improviso dos pastores em gerir a igreja. Na verdade, o que se observa é que existe uma grande eficiência no sistema de planejamento e gestão da igreja que se torna, de fato, uma organização empresarial e não mais apenas uma instituição religiosa organizada.

Ao entrar no espaço da igreja AD - Bom Retiro, nota-se propagandas diversas em seu quadro de avisos. Anunciando festas, cultos com pastores famosos, apresentações de bandas musicais, passeios nos arredores de São Paulo, sem falar dos anúncios de seus programas televisivos. O “folder” de apresentação da igreja é bem chamativo, com fotos de seu fundador e esposa, onde o Pr. Jabes de Alencar dá as boas vindas dizendo que a comunidade é formada por pessoas “*que buscam ser tocadas e transformadas pelo poder de Deus*”; oferece os serviços dos Departamentos com seus obreiros sempre prontos a ajudar. Apresenta ainda, toda

programação de cultos, a frequência da rádio, o canal de televisão, mapa de localização da AD de como chegar, uma ficha para preenchimento para os visitantes, horário de funcionamento da livraria; oferece cursos de formação para professores de Escola Dominical, preparação para Batismo, Intercessores, Teologia e o endereço de suas filiais espalhadas por todo Brasil.

Não só a divulgação parece ser realizada de forma empresarial. No sentido de aprimorar a qualidade do seu “serviço”, os pastores são treinados a terem postura e discurso mais ou menos coerente com seus demais colegas, o culto segue o mesmo estilo e lógica padronizada; os meios de comunicação massiva são largamente utilizados; e as estratégias de marketing dentro e fora da igreja causam inveja a grandes agências publicitárias.

Como se pode ver, a relação da dominação tradicional com a dominação carismática parece necessitar de uma dinâmica dialética e não antagônica para seu pleno sucesso. Nesse sentido, a criação de um tipo misto ou uma síntese dos tipos carismático e tradicional estudada nas categorias de Weber parece ser a escolha mais adequada.

4.5. Ofertas carismáticas e organização racional

Analisando as igrejas neopentecostais de forma geral, é possível perceber esse tipo misto de dominação. O neopentecostalismo é marcadamente centrado na figura do líder carismático, no espetáculo, na atmosfera emocional que permeia seus cultos e seus templos, todavia, a lógica empresarial – tipicamente racional – por traz do espetáculo é o que parece, de fato, sustentar essas

comunidades por um tempo maior – ou independente – da figura do pastor que formou a comunidade afetiva, ou da irracionalização e falta de estabilidade que fazem parte dessa comunidade.

Como visto, dentre as características neopentecostais mais marcantes estão: o discurso voltado para a prosperidade individual; a comunicação com base no teatro, isto é, a utilização de espetáculos para atrair os fiéis; a estruturação da instituição igreja de forma empresarial e administrativa; e a presença marcante de rituais e símbolos da luta contra o demônio (exorcismo, processos de cura, etc). Nesse sentido, buscou-se levantar elementos da AD - Bom Retiro que contivessem, de alguma forma, essas quatro características apresentadas.

A igreja AD - Bom Retiro é bem organizada: a impressão é de uma grande empresa, uma organização empresarial. A movimentação de trabalhos no interior da igreja é enorme durante a semana, desde a tentativa de colher uma simples informação até a eficácia do atendimento telefônico, pois o que não faltam são pessoas para a orientação. É possível observar muitos funcionários trabalhando, alguns cuidando da limpeza no interior da igreja de maneira geral, outros sempre fazendo alguns reparos, entrada e saída de entregadores de mercadorias, como exemplo, galões de água, caixas de papel sulfite, etc. Além disso, existem na igreja: uma loja de produtos naturais, livraria, lanchonete, “stands” com vendas de DVDS; Em tempo de festas na igreja, “stands” de bijuterias, propaganda de bancos anunciando venda de cartões de créditos entre outros produtos. Na entrada da igreja, porteiros uniformizados controlam a entrada e saídas dos carros no estacionamento. Nas salas direcionadas aos pastores que prestam plantão em diversos horários na igreja, sempre apressados pelos corredores falando em seus

celulares, nota-se a presença de secretárias sempre prontas para um bom atendimento.

As instituições religiosas mantêm em suas organizações processos administrativos, tais como outras empresas não religiosas. Elas planejam e elaboram sua rotina de trabalho com o mesmo cuidado que empresas comuns para atender a demanda como verdadeiros prestadores de serviços, e que de fato o são, com a mesma preocupação e responsabilidade social de bons serviços.

Conforme as categorias de Weber, fica bem nítida a passagem das dominações carismáticas e tradicionais para o racional, ou seja, essa funciona em virtude de interesses de natureza material, ou puramente objetiva.

A dominação carismática é irracional à medida que seus detentores se apresentam possuidores de carisma e a intenção dessa categoria repousa na veneração extracotidiana de santidade. Por outro lado, a dominação tradicional procura se legitimar na crença ou na santidade das ordens, obedecendo-se em virtude da crença pessoal, mantenedores da tradição.⁹²

As características racionais de dominação, assim como as outras formas de dominação, se encontram bem aplicadas na AD - Bom Retiro. Baseiam-se na legitimidade das normas, regras objetivas, na hierarquia de funções e no planejamento cotidiano, possibilitando que os serviços administrativos tomassem importância necessária de maneira a garantir sua manutenção dentro do universo de subsistência.⁹³

Essa organização racional, e ao mesmo tempo burocrática, é baseada na idéia de ordem social e material, e pode ser vista nas leis e sanções administrativas,

⁹² WEBER, M, *op cit*, p. 140.

⁹³ *Ibidem*, p. 141.

na divisão do trabalho, na produção documental de informações, e no pleno desenvolvimento do aspecto técnico no modo de se fazer administrativamente⁹⁴.

Conforme apresentado no item de descrição etnográfica da igreja AD no início desse capítulo, a AD – Bom Retiro possui uma organização que se assemelha a empresarial, visto a série de departamentos focados a públicos-alvos diferentes, além de grande ênfase na divulgação da igreja por meio dos meios de comunicação de massa.

Ao que parece, a estratégia mercadológica da AD - Bom Retiro se apóia nos fundamentos básicos de marketing e se preocupa com todos os seus pilares: praça (localização dos templos em relação a fácil acesso e pontos estratégicos de grande circulação); promoção (realizada brilhantemente pelos meios de comunicação massiva); produto (ou no caso da AD, serviço, que se refere a promoção de bem-estar, ligação com Deus e oferecimento de apoio e esperança de melhora nessa vida); e preço (pago por meio dos dízimos, doações e ofertas dos adeptos).

Existe uma diferença de serviços prestados pelas instituições religiosas em relação às outras instituições comerciais não religiosas. As instituições religiosas têm a missão de – além de administrar os serviços burocráticos, rotineiros realizados em toda empresa – administrar, principalmente, o carisma em torno dos seus líderes.

Dessa forma, a igreja, fundada em sua lógica empresarial, se torna detentora das ofertas carismáticas e dos fiéis, usando de sua estrutura dirigente e organização racional. Envolve uma estratégia de comunicação e reúne os fiéis –

⁹⁴ WEBER, M, *Ensaio de Sociologia*, pp. 129-132.

pelo carisma, no uso do poder metodológico –, e, por meio destes, se reproduz na lógica do espetáculo e na lógica da experiência estética.

Assim, com a chegada dos novos tempos e dentro do processo que chamamos de modernidade, as instituições religiosas estão alterando o seu *modus vivendi*. Adepta a essa alteração, a igreja AD – Bom Retiro tem se destacado frente às outras igrejas da mesma denominação. Ao que se observa, a igreja se adaptou mais rapidamente aos valores vividos pela sociedade atual, embora ainda conserve, na fala de alguns pastores, a preocupação de não “exagerar demais” com as novas tendências. Seria medo de perder sua tradição? Não se sabe ao certo. Talvez ainda, demore algum tempo para saber qual o rumo que as instituições tradicionais pentecostais irão tomar, mas não há como excluir a idéia de que o caminho da neopentecostalização será mesmo inevitável no futuro para a sobrevivência dessas igrejas.

CAPÍTULO IV

AD – BOM RETIRO: PENTECOSTALISMO E MODERNIZAÇÃO

A compreensão dos motivos que geraram as alterações da igreja Assembléia de Deus – do seu aspecto tradicional para esse mais neopentecostalizado – é uma tarefa desafiante que, muitas vezes, se orienta por caminhos tortuosos. Já foi visto que a AD - Bom Retiro não se trata apenas de uma amostra aleatória da igreja AD, discípula da mesma igreja mãe, que foi fundada inicialmente em Belém do Pará. É a representante viva de um novo tronco das AD e se considera independente, embora siga basicamente as mesmas doutrinas daquela primeira. Ao contrário dos preceitos rígidos vividos em sua origem, a AD – Bom Retiro traz um perfil mais informal, adaptando-se nos moldes atuais da sociedade. Suas mudanças são significativas principalmente, no que se diz respeito a celebração dos cultos, vestimentas femininas mais flexíveis, uso de maquiagens, cabelos modernos para as mulheres etc.

De fato, sua forma de atuação é outra. Sua metodologia a faz uma mestra em adaptação a realidade sócio-cultural moderna, realidade esta que vem impactando deveras nas taxas de crescimento e decaimento das instituições religiosas mundiais e brasileiras.

Compreender, então, quais são os fatores sócio-culturais que influenciaram essa “neopentecostalização” da AD - Bom Retiro perpassa, necessariamente, pela análise do tempo e espaço dessa igreja vista sob a luz dos

processos de modernização e urbanização, pelos quais passaram São Paulo no decorrer do último século.

1. O Bom Retiro: das varandas às televisões

É verdade que uma grande metrópole não agrega valores familiares muitas vezes trazidos por aqueles vindos de lugares tão longínquos vividos, principalmente como nas zonas rurais. Os indivíduos vindos das pequenas cidades ou de pequenas vilas, ao se depararem com a cultura dos grandes centros, geralmente, partem em busca de algum suprimento como forma de acalmar a alma maltratada pelas frustrações e experiências mal sucedidas experimentadas nas grandes cidades. Além do mais, a razão da vinda é motivada pela busca de melhores condições de vida que, a priori, fica colocado como possibilidade para aquele que migra.

Não poderia ser diferente para aqueles que partiram em busca de realizações em suas vidas escolhendo São Paulo como moradia pelas ofertas de trabalho e de ascensão social.

Considerada uma das cidades mais importantes da América Latina, São Paulo é hoje um lugar de muitos contrastes, de muitos domínios. Não apenas uma aldeia que cresceu, mas uma megalópole, que faz brotar muitos sonhos e ao mesmo tempo é dona das decepções. De muitos credos e raças, São Paulo mudou a história do Brasil com sua força econômica e a seu estilo multicultural. É hoje a maior cidade da América do Sul e compõe uma rede de múltiplas culturas de origens planetárias diversas. No ano de 2005, a população na cidade atinge a marca de 10.744.060,

sendo que quase 8% destes (810.102 pessoas) moravam sem qualquer tipo de urbanização (água, esgoto, eletricidade, etc).⁹⁵

De cenário assustador e de indivíduos confinados em si mesmo, para quem não a conhece, São Paulo pode chocar a primeira vista. A ocupação desordenada e as transformações diárias contribuem para as incertezas e inseguranças que assolam os mais desavisados.

Fundada em 25 de janeiro de 1554, e separada do litoral pela muralha da Serra do Mar, a região de São Paulo desenvolveu-se a partir do litoral em direção ao interior, nos caminhos descobertos pelos Bandeirantes em suas explorações em busca de riqueza para si e para o reino português.

Um dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo, a região onde hoje está instalada a igreja AD já abrigou os grandes casarões dos iminentes cafeicultores durante o auge deste ciclo, que teve como ponto culminante a inauguração da estação da Luz, no final do século XIX, com o objetivo de ser a sede da recém criada Companhia São Paulo Railway. Nas primeiras décadas do século XX, foi a principal porta de entrada à cidade, mas sua maior importância era econômica: por ali passava o café em direção a Santos e chegavam os produtos importados que abasteciam a cidade (em uma fase ainda pouco industrializada).

Sendo assim, durante este período a intensa urbanização já era vivida pela sociedade paulistana.

⁹⁵ IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística e Fundação SEADE. Extraído do site: www.ibge.com.br, data de acesso em 02.09.06.

1.1. Dias antes da Luz

A região do Bom Retiro, cercada por natureza positiva, irrigada pelos dois grandes rios – Tietê e Tamanduateí, além de inúmeros canais e vias fluviais logo propiciou ambiente favorável ao tropeiro passar pela vila de São Paulo. O microcosmo ali criado com o estabelecimento dos mesmos foi o mais importante centro comercial da época, pois era ali que os exploradores descarregavam seus produtos aos escravos e cidadãos em geral, que usando as facilidades do terreno, faziam chegar às cozinhas e despensas dos moradores estabelecidos na região dos Campos Elíseos, bem como na outra direção, à Várzea do Carmo, de costas para o Mosteiro de São Bento e o centro da cidade.

Era comum na época, grande movimentação de mulas carregadas em direção ao mar e com isso destinadas aos estrangeiros em sua maioria, bem como na direção contrária, levando necessidades de fora à demanda no interior.

Justamente por isso, a região também passou a ter um aspecto negativo proporcionado pelas atividades paralelas à vida comercial, como contravenções de todos os tipos, um relativo tráfico de propriedades, e outros problemas.

Outro fator que também contribuiu para esse “submundo econômico” foi a maciça imigração estrangeira do início do século XX. Por outro lado considerado um bairro de constantes inundações, o chamado Bom Retiro não era um local desejado para construir ou começar algum tipo investimento imobiliário, mas, por ser um ponto de fácil acesso para o centro, ganhou notoriedade na região.⁹⁶

⁹⁶ TRUZZI, O. M. S. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo, in *Estudos Históricos* n. 28, p. 03 - 15.



Figura 4: Bairro do Bom Retiro com destaque para a localização e área de atuação da AD. Atualmente, na região onde está localizado o bairro Bom Retiro concentra-se um grande eixo de transportes coletivos, um centro comercial com ofertas diversificadas e ainda varias igrejas de diferentes credos. Pode-se notar a existência de sinagogas, igreja católica, colégios religiosos e grandes templos evangélicos, como é o caso da igreja AD-Bom Retiro (em destaque) objeto desse estudo.

1.2. De capital da solidão para capital do desassossego

Durante século XIX e início do século XX, a situação econômica e política em países como Itália, Alemanha, Espanha e Irlanda, e de diversos povos e minorias que viviam sob o domínio dos impérios austro-húngaro, russo e otomano, produziram grandes levas de emigrantes. Por outro lado, nações do Novo Mundo com rápida expansão econômica na indústria ou agricultura, dentre elas o Brasil, necessitavam aumentar sua mão-de-obra para continuar sua expansão. O resultado foi uma grande imigração européia para as Américas, principalmente de italianos (que se estabeleceram principalmente nos EUA, Brasil, Argentina e Uruguai), espanhóis (na Argentina, Brasil e EUA), portugueses (nos EUA, Brasil, Canadá, Venezuela e Bermudas), alemães (nos EUA, Brasil, Argentina e Chile) e escravos (poloneses e russos nos EUA, Brasil e Argentina, e ucranianos no Brasil e Argentina). Tamanho foi o crescimento da cidade na virada do século, basta observar que em 1895 a população de São Paulo era cerca de 130 mil habitantes, dos quais 71 mil eram estrangeiros, chegando a 239.820 em 1900.⁹⁷

Alguns povos ou grupos eram vítimas de discriminações e perseguições em seus países de origem, como os judeus da Europa Oriental, e os armênios, que viviam no Império Otomano. Isto fez com que muitos decidissem emigrar para fugir destas perseguições, a partir de fins do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Nos países de acolhimento, muitos encontraram tolerância, liberdade religiosa e condições de prosperarem economicamente. Um exemplo foi o pintor

⁹⁷Departamento do Patrimônio Histórico – DPH, da Prefeitura do Município de São Paulo (www.prodiam.sp.gov.br/dph/historia), que tem como título A Cidade de São Paulo e Sua História.

expressionista Lasar Segall, russo de origem judia, que emigrou para o Brasil e tornou-se um dos mais destacados nomes da arte moderna do país.

Do Oriente Médio para as Américas pode-se especialmente destacar a corrente imigratória de povos árabes, principalmente sírios e libaneses, que se fixaram no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e outros, incluindo tanto cristãos quanto muçulmanos. Os imigrantes árabes fixaram-se principalmente nas grandes e médias cidades e dedicaram-se em geral ao comércio. Também vieram numerosos contingentes de japoneses, chineses, indianos (estes em geral se fixaram nas colônias inglesas, como a Guiana) e, a partir do século XX, coreanos.

O fluxo da Europa Ocidental para as Américas reduziu-se com o início da Primeira Guerra Mundial, principalmente os oriundos de países como Itália e Alemanha, que se envolveram naquele conflito. Por outro lado, a imigração de povos minoritários dentro dos impérios russo e otomano, tais como os poloneses e ucranianos no primeiro e os armênios no segundo, cresceu.

Para o Brasil, a porta de entrada destes povos foi aberta com a inauguração da estação da Luz, que se notou saltos populacionais cada vez maiores. Pessoas e famílias inteiras normalmente pobres em busca de moradias baratas e empregos sem especialização foram ocupando os espaços então deixados pelos barões do café, que seguiram para a região da Avenida Paulista e bairro do Higienópolis, e com elas, seus costumes e culturas.

O espaço urbano então tomou nova forma, das fábricas instaladas nas proximidades do bairro, como por exemplo, Brás e imediações, os trabalhadores – que eram formados não só por homens, mas também mulheres e crianças, normalmente em condições sobre humanas de exploração, se espalhavam nas vilas

operárias e cortiços⁹⁸. Numa época onde o discurso tido como oficial era o da higienização e mais tarde, da eugeniação. Em meio aos seus casarões ainda existentes na época, começava a mostrava sinais de decadência; em vez de jardins e praças de piqueniques, surgiam moradias coletivas e casas bem mais modestas, o que antes era local desejado, se tornaram pouco a pouco local de cortiços.

É desta época o fortalecimento da medicina enquanto ciência, com a maciça propaganda dos seus discursos contra ambientes insalubres, fechados, ocupados por um excessivo número de pessoas, alcoolismo e prostituição; todos estes fatores encontrados em torno das fábricas e vilas e, principalmente, na sociedade “encortiçada”.⁹⁹

Um fator que comprova esta definição foi o batismo – não oficial – que a região acabou recebendo, principalmente após o estabelecimento do Terminal Rodoviário da Avenida Duque de Caxias, de “Zona do Lixo”, em contrapartida com a “Zona do Luxo”, que fazia divisa nos arredores da Avenida São João em direção à região da Consolação e o bairro da Bela Vista.

Nesta época a região já abrigava casas do baixo meretrício e inúmeros bares, além de habitações de baixo custo e pouca ou nada qualidade, se tornando um ponto propício para as várias formas de desvios e desvirtualismos.

Impulsionada pelas novas frentes de trabalho, São Paulo concentrou numerosas categorias produtivas e acumulou diversas atividades. Já não podia ser vista como uma simples aldeia em crescimento, mas ao contrário, a metrópole estava presente, cada vez mais assegurando a permanência de pequenos e grandes comércios para o futuro.¹⁰⁰

⁹⁸ TRUZZI, O, M, S, *op. cit.* p.12.

⁹⁹ MATOS, M. I. S, *Trama e Poder: a trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café* (São Paulo, 1888-1934), pp. 31- 46.

¹⁰⁰ SANTOS, M, *A Urbanização Brasileira*, pp. 66 -104.

2. O Pentecostalismo Da Periferia Ao Centro

O pentecostalismo brasileiro nos seus primeiros tempos, está mais voltado para a população carente e de baixa renda que se concentra na periferia das grandes cidades. Geralmente são pessoas humildes vindas de região rural ou pequenas cidades, caracterizadas pelo abandono público, partem em busca de novas condições econômicas. Essas classes ao se depararem com as dificuldades dos grandes centros urbanos se agrupam em lugares coletivos ou em terrenos baldios vivendo em péssimas condições sociais.

O fenômeno das massas que agregaram e agregam as periferias dos grandes centros urbanos, sempre foram vistos como nichos não só para as igrejas, mas também pelas fabricas e indústrias que viam e vêem nesse público, serviços de mão-de-obra barata. De um lado os necessitados ávidos pelo consumo e ascensão social, por outro lado, vítimas da própria economia e fonte de renda para os mais ricos.

Nas metrópoles: a negatividade do trabalho, o processo do que se define como acumulação primitiva, fundante do capitalismo, mas presente hoje, agora e aqui: as pessoas estão perdendo tudo - o emprego, especialmente o industrial; o espaço da moradia. São itinerantes dentro da cidade; a vida, com a violência - e estão inseridas perversamente no mundo do espetáculo, que lhes retira a identidade. Com o que ficam? Com a negatividade absoluta do processo moderno do sistema produtor de mercadorias: com a miséria absoluta e a violência.¹⁰¹

¹⁰¹ DAMIANI, A. L. *The metropolis and the industry: reflections on critical urbanization*, p. 08.

Assim, os novos moradores das cidades, na esperança de encontrarem em seu meio, as mesmas relações sociais de suas origens, se desiludem e passam a “habitar” o universo momentâneo da oportunidade, muitas vezes passando à margem dos acontecimentos.

Ao constatar essa realidade brasileira, as igrejas pentecostais parecem ter encontrado um terreno sólido para plantar suas sementes transformadoras como fonte de cura por meio do “Sagrado” como forma de redenção pelo sofrimento humano.

2.1. O microcosmo das vilas operárias na transição da realidade

As vilas operárias foram uma forma de extensão da vida cotidiana dos trabalhadores nas fábricas, e tinham por objetivos a fixação da mão-de-obra, mantê-la a menor custo e procurar identificá-la com a empresa.

Normalmente com péssimas condições de moradia e super populosos, esses lugares eram então identificados como *“moradias coletivas e precárias, fonte de tuberculose, alcoolismo e vícios, um ambiente perigoso, principalmente para mulheres e crianças”*.¹⁰²

Na verdade, muito mais que uma maneira de morar, as vilas representaram a vontade de impor ao imigrante-operário uma maneira de ser da fábrica, onde podemos claramente associar à ocorrência de greves, isto é, nos

¹⁰² Cf. MATOS, I, S, *Trama e Poder: a trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café* (São Paulo, 1888-1934),

momentos de maior efervescência do movimento operário, seu cotidiano vinha a debate, e a questão habitacional, entre outras, necessariamente aparecia.

Esses fatores são comuns em regiões que apresentam um crescimento demográfico rápido e desordenado constante, como a maioria das metrópoles mundiais.

Os urbanistas da época, por sua vez, se preocuparam em levar o desenvolvimento estrutural, principalmente aos bairros da classe média e rica, deixando de lado os lugares periféricos, como boa parte da região do Bom Retiro, caracterizada principalmente pelas vilas e moradias de baixo custo, procuradas também pelas pessoas do ambiente rural, que na busca de melhores condições, deixavam suas terras em direção à cidade.

Ao chegarem aqui, os migrantes rurais se desiludiam, por perceber que a realidade se mostrava completamente oposta àquela na qual haviam imaginado, e acabavam se reunindo nos chamados “sítios sociais”¹⁰³, compostos por extremos; regiões supervalorizadas, higienizadas e fortificadas, bem como regiões decadentes e miseráveis.

Estes espaços então adquirem vivências e significações importantes para estas pessoas, colocando no lugar seus sonhos, desejos e realizações. Neste contexto, as igrejas de um modo geral, e o pentecostalismo em particular, se apropriaram dessa condição massificada para enraizarem suas estruturas de formação.

Essas instituições não surgem de acordo com o sentido da cidade, mas ao contrário disso, se formam em lugares e momentos-marco importantes e de grande necessidade e aflições por parte das pessoas à sua volta. Neste sentido,

¹⁰³ SANTOS,M, *op. cit*, pp. 73 – 76.

podemos perceber a formação de centros pentecostais desde cômodos apertados e sem infra-estrutura, até a reapropriação de construções que serviam a outros fins.

No caso da igreja AD – Bom Retiro, a ocupação da antiga fábrica, além das razões imobiliárias (grande espaço obtido por menor custo), a localização é também um fator determinante, sendo uma região de grande fluxo populacional, de produção econômica de pequenas empresas e de comércio popular. Como vimos, o neopentecostalismo continua oferecendo seus serviços às classes populares e estratégias que atraem setores médios da sociedade que, via de regra, estão em busca de manutenção do “status quo” ou mesmo de ascensão social.

2.2. Igrejas: em busca de necessidades da comunidade

Como vimos anteriormente, as comunidades religiosas se formaram em torno de necessidades em comum, cresceram a partir da periferia, formando grupos diferenciados dos demais existentes no mesmo local, tornando-se geradores de salvação ou de soluções para os desprovidos, uma vez que estes precisam das mesmas como forma de identificação e representação daquilo encontrado, muitas vezes, nos ambientes rurais ou de origem. Daí é de onde formam as associações de bairros e as assembléias, buscando discutir entre si as formas de melhorias de suas próprias condições, e com isso, o crescimento mútuo. Seus membros, então, assumem cargos e funções nesta estrutura de relações, e passam a servir à situação sustentados seus gastos com a expectativa de melhorias neste ambiente, acreditando que suas sobrevivências dependerão do resultado de seus esforços.

As comunidades pentecostais classificadas como primeira “onda”, se aproveitando dessa necessidade de re-significação do rural para o urbano, formaram comunidades urbanizadas com a idéia de reutilizar aquilo que eles traziam consigo, a exemplo: “todos irmãos”¹⁰⁴, “o sofrimento faz parte de nossas vidas”, “a salvação um dia chegará”, etc.

Essa linguagem é utilizada, nos grupos pentecostais tradicionais, dentre eles a Assembléia de Deus originária, onde acreditam na salvação pós-morte, vivem de maneira diferente dos demais grupos e estão centrados no ascetismo, que é o entendimento de que a felicidade, ou o benefício, chega somente após a morte do indivíduo, a salvação celestial.¹⁰⁵

Dessa maneira, começa a ser trabalhada, então, a postura dos fiéis na renúncia da circunstância atual, preparando estas pessoas para a santidade e prosperidade, que só chegará com sacrifício. E este é quem vai construir o futuro próspero do mesmo, seja na terra ou não.

Por muitos anos essas igrejas conseguiram formar em suas comunidades grupos diferenciados que acreditavam que as posturas radicais (ascéticas) pregadas pelos discursos de seus pastores os transformariam em “escolhidos de Deus” tendo como certa a salvação no céu.

Em meados dos anos 1951 e 1970, o pentecostalismo brasileiro passou por mudanças transformadoras com a chegada de novas igrejas que em seus discursos pregavam uma linguagem mais atrativa unindo os ensinamentos antigos às técnicas modernas. *A urbanização e a formação de uma sociedade de massas*¹⁰⁶ rompem com suas limitações dos modelos vividos no passado. Os discursos

¹⁰⁴ COSTA, J.W.B, *op. cit*, p. 11.

¹⁰⁵ Cf. SOUZA, B, M, *A experiência da Salvação*, pentecostais em São Paulo, *passim*.

¹⁰⁶ FRESTON, P, *op cit*, p. 72.

pregados pelas igrejas pentecostais consideradas de primeira “onda”¹⁰⁷ já não tinham mais eficácia nos anseios de seus adeptos visto que a salvação e prosperidade só seriam encontradas pós-morte.

Essas mudanças tiveram uma rápida aceitação visto que as sociedades se encontravam nos limites extremos das situações marginais. As experiências trazidas pelos conceitos de vida rural necessitavam de novos modelos.

2.3. Arrebatação evangélica teocentrista

As igrejas consideradas independentes e as neopentecostais conhecedoras destas necessidades, e sabendo que não podiam manter esses grupos coesos em forma de comunidades baseadas apenas nas premissas pós-morte, investem em suas fundações com discursos preparados ao encantamento de seus ouvintes. Nessas falas, existe um novo convite: viver as promessas reservadas no ensinamento teológico, que irão levá-los a pensarem de maneira individual, ou seja, os grupos nas comunidades acabam investindo em si, uma vez que este “prêmio” não chega de maneira coletiva, mas recebidos individualmente, conforme a fé, confiança e troca da premissa básica pela crença: “dar a Deus e receber de Deus” para isso, “oferto tudo que tenho e ganho mil vezes mais”.

Dentro desta vivência, a modernidade vai trazer uma situação de abandono e carência do coletivo, passando a priorizar, novamente e na própria religiosidade popular, a falta de temporalidade e localidade.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.70.

O ambiente do pentecostalismo clássico perdeu espaço dentro do que podemos definir como “comunidade” ou “irmandade”, que foi aproveitado pelas igrejas pentecostais independentes e neopentecostais, que vão elevar a noção do individual na busca pela sua própria satisfação de necessidades, que neste momento não são apenas as básicas ou fisiológicas.

Essas novas necessidades serão geradoras de um novo conflito, onde a noção do “ter” vai assumir uma importância muito maior do que a noção de “ser”. Olhando estas igrejas como fonte de novas conquistas e onde se pode assumir a idéia básica de mercado – existe uma demanda (necessidades) e existe uma nova oferta. Vejamos a relação entre as demandas e ofertas da cidade e as Igrejas pentecostais tradicionais e as igrejas neopentecostais:

Relações entre demandas e ofertas no Pentecostalismo clássico – Resistência

DEMANDAS METROPOLITANAS	OFERTAS PENTENCOSTAIS
Pentecostalismo Clássico	
Diversidade religiosa	Ascetismo e dogmas
Bem estar moderno	Afastamento em busca da salvação pós-morte
Prosperidade e riqueza	Discursos para Ética moral, santidade, recolhimento e salvação.
Sucesso Individual	Salvação de Comunidade de irmãos, salvação coletiva.
Ascensão social	Pobreza material e sofrimento da carne para atingir a salvação eterna

Pode-se observar que as igrejas pentecostais clássicas resistem às demandas das grandes cidades em relação à cultura moderna urbanizada. Essas igrejas vivem na certeza que só poderão desfrutar dos prazeres celestiais em algum

momento após a vida, pois acreditam que a salvação só ocorrerá após a morte; Rejeitam, portanto, a prosperidade, riqueza além da ascensão social, já que estes são vistos como fonte de perdição. Os seus discursos são centrados na ética, recolhimento ou a abstenção dos prazeres do mundo, pobreza e santidade, a Palavra bíblica é um manual de regras e instruções a serem vividos fielmente e, neste sentido, acabam adotando posturas ascéticas e sectárias.

Relações entre demandas e ofertas no Neopentecostalismo – Reprodução

DEMANDAS METROPOLITANAS	OFERTAS PENTENCOSTAIS
Neopentecostalismo	
Diversidade religiosa	Flexibilidade
Bem estar moderno	Afirmção do bem estar como dom e possibilidade.
Prosperidade e riqueza	Riqueza é dom de Deus, conseguida pela atitude de doação (dízimo)
Sucesso individual	Sucesso individual
Ascensão social	Ascensão social

As igrejas consideradas neopentecostais trabalham justamente o inverso, vão ao encontro com essa mudança, na possibilidade da individualização das pessoas, uma vez que sua reprodução vem com as ofertas. São, portanto, reformuladas no estabelecimento dos vínculos e da confiança ao líder, muitas vezes, sem-rostro.

Podemos notar que a postura das igrejas pentecostais tradicionais têm características contrárias em relação às igrejas neopentecostais. Estas assumem características atuais associadas as grandes demandas urbanas, onde, a despeito de heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas, transformam os indivíduos em uma grande “cultura de massa”. Seus fiéis perdem o compromisso de comunidade, e diante de novas expectativas, procuram apagar suas mazelas de modos particulares. Em termos sociológicos, trata-se de um caso de reprodução cultural e cujo centro localiza-se o indivíduo como consumidor das ofertas religiosas. A possibilidade de adesão voluntária, posta pela diversidade cultural urbana, rompe com a tradição religiosa anterior e insere o indivíduo num campo institucional de baixo controle sócio-religioso. Se, por um lado, essa inserção absorve o indivíduo religioso numa dinâmica sócio-cultural um tanto massificante, por outro, pode possibilitar uma espécie de “reflexividade religiosa”, conforme Antony Giddens caracteriza a sociedade moderna.¹⁰⁸

Essas novas possibilidades, por sua vez, são fruto de sociedades humanas cada vez mais vinculadas à obtenção plena da vivência dos prazeres – hedonismo – e juntamente com a tele-tecnologia, são extremamente imediatistas, bem como mutáveis, e vão se adaptar à medida da intensidade da vivência do indivíduo.

Portanto, as novas demandas metropolitanas requerem novas ofertas por parte das igrejas, e é fator principal delas, perceber essas mudanças e proporcionar ao indivíduo uma experiência que lhe dê o distanciamento dos dados estatísticos e ao mesmo tempo, um retorno satisfatório destes desejos atuais.

¹⁰⁸ Sobre o conceito de reflexividade cf. GIDDENS, A, *Sociologia*, p. 540.

3. Igrejas pentecostais e neopentecostais na Modernidade

A Modernidade trouxe consigo uma série de novas demandas e novas necessidades humanas que também vão englobar as igrejas pentecostais e neopentecostais. Por um lado, a garantia da tradição entra em choque direto com essas mudanças e vão negar em seus discursos, à medida de estabelecer uma experiência que envolva o fiel por completo, retirando-o de seu espaço constituído e coloca-o sempre mais como centro de referência de si mesmo e da sociedade. Vejamos a definição de modernidade sugerida por Antony Giddens:

“[Modernidade] refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do séc. XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. (...) Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensibilidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extencional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana.”¹⁰⁹

Segundo Giddens, a história apresenta rupturas não sendo, pois, linear. Neste sentido, as instituições religiosas. Apesar de possuírem um forte vínculo com

¹⁰⁹ GIDDENS, A, *As consequências da modernidade*, pp, 12-13.

a tradição, tiveram que se reorganizar assumindo um formato “moderno”. Com isso, absorveram as inovações, recursos e linguagens (tais como o teatro) mídias eletrônicas e impressas, que serviram de instrumentos direcionados predominantemente “a massa de consumidores” espirituais.

Nesse contexto, a grande facilidade na adesão de novas idéias e valores religiosos, por parte do indivíduo, se dá da mesma forma que o intercâmbio das idéias que se verificam nas práticas capitalistas modernas.

Em geral, a modernidade abrange certas características como um ideário (ou visão de mundo) que está relacionada ao projeto de mundo moderno. Ela é identificada com a crença no progresso linear, com o planejamento racional de ordens sociais ideais, com as verdades absolutas e totalizantes com a padronização do conhecimento e da produção. Características essas que são decorrentes de uma visão de mundo rígida, originada do contexto da Revolução Industrial e do surgimento da então nascente sociedade capitalista.¹¹⁰

A História da modernidade é permeada por diversas nuances e marcos, e embora alguns autores apontem que a modernidade tenha surgido anteriormente, foi apenas no séc XVIII que o chamado projeto da modernidade entrou em foco.

Esse projeto abrangia o esforço dos pensadores iluministas em desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e as leis universais e a arte autônoma; e tinha como objetivo e promessa a idéia de que o domínio científico da natureza promoveria liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. Nesse sentido, o pensamento iluminista estava enraizado na

¹¹⁰ Grande parte das discussões e análises trazidas nesse capítulo sobre, o processo de modernização e conceituação de modernidade foram extraídas do livro “GIDDENS, A, *As conseqüências da modernidade*, que de maneira apropriada entende “modernidade” como ruptura com a sociedade tradicional, ruptura progressiva que abarca as possíveis fases da época moderna desde sua emergência até sua dissolução nos tempos atuais..

idéia do progresso e buscava, ativamente, a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade.

O projeto da modernidade pode ser considerado como um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos. Dentre os elementos principais da modernidade estavam: a descoberta científica (progresso linear) e a busca pela excelência individual em nome do progresso humano. Os iluministas enxergavam e aceitavam as mudanças e viam a questão da transitoriedade, do fugidio e do fragmentário como condição necessária por meio da qual o seu projeto modernizador poderia ser realizado. Ainda entre as crenças fundamentais do projeto estava aquela que dizia que a arte e as ciências iriam promover o controle das forças naturais e a compreensão do mundo e do eu, da moral, da justiça e até da felicidade.

Giddens diz que a modernidade pode ser entendida como um fenômeno que promove a abertura de *“múltiplas possibilidades de mudança liberando as restrições dos hábitos e das praticas locais”*.¹¹¹

Nessa conjuntura de consequência da Revolução Industrial e das novas formas de produção e circulação do capital vigente, surgiu uma crescente necessidade de enfrentar os problemas psicológicos, sociológicos, técnicos, organizacionais e políticos da urbanização maciça (em vista da revolução, houve uma migração do campo para as cidades, gerando urbanização e, conseqüente modificação do espaço e tempo). Esse foi um dos contextos em que floresceram os movimentos modernistas.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 28.

A racionalização – proposta de uma nova ordem social de forma racional, isto é, por via da eficiência tecnológica e do tecnocentrismo – almejava a emancipação humana e a emancipação do proletariado. O principal problema do modernismo heróico (aquele no qual o artista proporia representações resolutivas para a sociedade) foi o fato de que uma vez abandonado o mito da máquina, qualquer outro mito poderia alojar-se na posição central da “verdade eterna” do projeto modernista.

Em suma, no contexto da modernidade estava implícita a promessa de felicidade para a população em geral, visto que as alterações que se configuravam na sociedade geravam, teoricamente, mais condições para o progresso mundial. Esse progresso estava centrado em inúmeras características, desde o avanço científico e tecnológico, o desenvolvimento dos meios de comunicação e técnicas de tele-difusão, até a “liberdade” que parece permear o modo de pensar e agir das pessoas.

É possível traçar um paralelo entre a urbanização, em decorrência do grande fluxo migratório para as “cidades”, e o crescimento inicial do pentecostalismo, visto que nesses centros urbanos emergentes, emergiam também as necessidades dos conjuntos de migrantes desgostosos com a realidade social encontrada e, desacreditados da conquista do sucesso que vieram buscar em São Paulo, necessidades essas preenchidas pelo apaziguamento que o ascetismo pentecostal sacrificante como a vida na cidade, prometia num futuro pós - morte. Nesse mesmo sentido, a alteração cada vez mais rápida da sociedade, com o aumento da pobreza, abandono e a pungência da necessidade de alteração social que as classes menos favorecidas vislumbravam, transforma as igrejas pentecostais, por volta da década de 50 a 70. Transforma, porque essas assumem uma diferente estratégia para

minimizar o sofrimento dos indivíduos na cidade urbana moderna e, ao contrario de se tornarem mais rígidas e ascetas presenteando os adeptos com a salvação pós - morte, apresentam características também modernas: individualismo, sucesso imediato e consumismo (religioso, no caso).

Essas alterações são o prenúncio do surgimento da terceira “onda” pentecostal denominada neopentecostalismo, pois, como vimos, esse último – com sua teologia da prosperidade – almeja apaziguar a alma sofrida do adepto na terra em troca de outros sacrifícios.

A análise dessa dissertação propõe que não só as novas denominações das igrejas pentecostais assumiram essa postura neopentecostal, mas as denominações antigas parecem – ao menos em relação à Assembléia de Deus – criar ministérios neopentecostalizados, com o intuito de se adaptar melhor a realidade social contemporânea.

Se antes os indivíduos pareciam submissos e conformados com suas vidas e sociedade: *“nossos pais agrupavam-se em silêncio em volta da elite clerical que parecia tudo pensar por eles”*, atualmente mostram uma identidade mais autônoma: *“descobrimos o gozo de pensar alto, de transgredir tabus e de falar no plural”*.

Nesse novo contexto, características como imaginação, originalidade, desafio e criatividade são vistas como virtudes valorizadas e o oposto é desprezado socialmente.¹¹²

A sociedade moderna não pode pagar pela felicidade que prometeu, pois gasta quase todas as suas energias no acúmulo – de dinheiro, conhecimento, etc – pelo acúmulo (pelo capitalismo selvagem, egoísta e individualista – já que são esses

¹¹² PARADIS, A, Ética e crises sociais na sociedade contemporânea. In *Revista Sociedade e Religião*, p. 96.

seus pressupostos) acreditando que isso lhe trará felicidade, uma felicidade que não vem, mas que muitas instituições estão tentando comercializar.

Especificamente nas igrejas pentecostais e neopentecostais, os fiéis são duplamente investidos. Se por um lado recebem a promessa do alcance de Deus via igreja, por outro têm a oportunidade de serem reconhecidos como sujeitos merecedores da salvação.

Analisar a proliferação de igrejas e denominações nesse panorama se torna mais interessante e inteligível, pois mostra o quanto as instituições religiosas parecem estar afinadas com a sociedade capitalista moderna (ou já seria pós-moderna?) e o tipo de população “carente” que foi construída e modelada por esse contexto.

3.1. Os fiéis da AD – Bom Retiro: convicção do próprio valor

As igrejas oferecem um espaço privilegiado para o exercício do que pode ser chamado de “experiência de libertação”. Libertação esta, implícita na idéia do indivíduo, mas não vivenciada de fato por ele, ou seja, em nossa sociedade o indivíduo não “está preso” a uma comunidade, ele possui plenos direitos de se manter protegido com o escudo, no caso a igreja, perante a comunidade ao qual está inserido.

Todavia, esse progresso teve suas repercussões culturais criando uma impressão de *nonsense* na população. O mal-estar situa-se, especialmente, no nível da identidade, pois alterou o sentimento de pertença coletiva: os indivíduos que foram culturalmente massacrados para possuir uma formação competitiva,

rompendo vínculos com suas raízes culturais e âncoras comunitárias, não encontraram novos modelos de substituição e não sabem o que esperar de seus próprios futuros.

Dessa forma, esse indivíduo que se sente fragilizado e com estabilidade imediata, muitas vezes é levado pelo imediatismo das necessidades, da moda e dos padrões universais, envolto em uma hipervia de informações exageradas com vários pontos-ápice, não consegue assimilar seus sentimentos ou a diversidade social e produz, apenas, novos nichos estereotipados na sociedade¹¹³. Eles descobrem, então, que aquela promessa de felicidade feita pela modernidade não é de todo real. E se submetem sem se dar conta que já não conseguem mais retomar o sentido daquilo que se deseja, um referencial de conduta.

Filho da mobilidade e da mudança, o *homo americanus*, pragmático de nascença, já não tolera os vínculos de socialidade estáveis, as amizades calorosas, o afeto, a ternura e o amor nos quais geralmente já não acredita(...), tudo reflete a angústia profunda que subtece a cultura de massa da sociedade norte-americana, sofrendo, diz-se, da perda do sentido da convivibilidade, de comunidade e de equilíbrio dos grandes conjuntos.¹¹⁴

O indivíduo que está nesta situação procura na igreja um consolo, ou um ponto de equilíbrio, um novo referencial de confiança para tentar amenizar o conflito em que se encontra neste momento. A igreja, por sua vez, sendo fonte de referência, trabalha consciente para suprir essas necessidades.

As conexões criadas dentro das instituições religiosas, mesmo que geradoras de confiança no primeiro momento, tendem a desaparecer com o passar

¹¹³ PARADIS, A, *op. cit.* p. 97.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 99.

dos tempos. Ao começar o processo de conversão religiosa e sentir outra vez que existe a possibilidade de mudar o rumo do seu destino, o indivíduo se isola do ponto de partida -, no primeiro momento ele precisa de alguém em quem se apoiar, no segundo, ele se sente mais corajoso -, suas forças vão surgindo lentamente, o medo já não é tão latente, então ele se une aos grupos mais fortalecidos e experimenta dar os seus primeiros passos pela fé, quem sabe, ele não será canal da graça para outras pessoas.

Esse processo de conduta dentro das instituições religiosas é gerador de confiança e ética social, pois, o indivíduo passa a fazer parte do sistema institucional, ele passa a ser visto como pessoa merecedora de confiança e é apontado como resultado do investimento feito pela igreja formando um meio de novos contatos, Giddens denomina esse processo como “sistemas abstratos com rostos que são importantes como uma maneira de gerar confiabilidade contínua”¹¹⁵, dentro do ambiente freqüentado. Os laços de confiança, portanto, se ligam às atividades daqueles nos sistemas abstratos, e os códigos e suas sanções se tornam os vínculos de confiabilidade e de controle interno.

Dentro da nossa sociedade quaisquer instituições desvinculadas com tradições anteriores, apresentam uma facilidade de inserção, pois os sujeitos apresentam uma disposição de adesão ao novo. Fenômeno este, bem aproveitado pela instituição religiosa agora diferenciada das anteriores, já que demonstra mais afinidade com instabilidade da economia do que com a solidez da instituição religiosa da idade média.

Pode-se dizer que surge uma confiança entre o indivíduo e a igreja, uma vez que a igreja não irá revelar para comunidade os segredos trazidos e depositados

¹¹⁵ GIDDENS, A, *op. cit.*, p.90.

em cada culto pelo fiel e ainda, a oportunidade de ofertar todo o mal e sua dor e, em troca, receber o “bem”. Assim, o resultado é de um investimento atualizado em cada encontro, fiel e igreja, ambos não se conhecem (*“compromissos sem rostos”, ou a manutenção da fé no funcionamento e do conhecimento em relação ao qual a pessoa leiga é amplamente ignorante*)¹¹⁶ e, entretanto, confiam. O adepto encontra um sentido até então fracionado.

Pode-se dizer que a confiança do fiel na sua igreja é o sentimento mais presente na relação entre ambos. Quando se refere a confiança, aqui não está se referindo a “fé”, mas em crença. O indivíduo acredita que a instituição, no caso as igrejas, em seus discursos, vão abrir para ele oportunidades e conquistas imediatas, criando uma expectativa de mudança jamais almejada por ele até então.

Giddens diz que *“a confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou sistema; ela é o que deriva da fé. A confiança é precisamente o elo entre fé e crença, (...)”* Portanto, o indivíduo precisa confiar na pessoa em que a igreja se diz representar, no caso Deus, para exercitar a sua fé, ele acredita estar no lugar apropriado para isso.

Diante do perigo, o indivíduo corre o risco de colher ou não as promessas profetizadas por essas igrejas, e ao mesmo tempo ele não tem essa consciência de que está correndo o risco de não realizá-las. Na verdade o adepto não sabe o perigo que corre. Assim, sem se conhecerem, indivíduo e igreja se envolvem na mesma estrutura e partem em busca de manutenção para tal confiança.

Alimentados por essa confiança, nas entrevistas feitas na igreja AD - Bom Retiro, essa combinação de risco e confiança se faz presente. Os adeptos esperam realizar as profecias proclamadas pelos pastores ou outros membros da igreja sem

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 91.

questionamentos, de um lado “os profetas” afirmam que é vontade de Deus realizar as profecias proclamadas, do outro, os fiéis esperam as mesmas acontecerem em suas vidas sem se importarem com a demora, o importante é saber que Deus tem um propósito na vida do “profetizado”.

As igrejas parecem criar nos adeptos um senso de confiabilidade e pertença pessoal inquestionável, que será usada mais tarde como base geradora de novas convicções, mesmo que as profecias não se realizem não foi o “profeta” que errou, mas o fiel que não cumpriu pontualmente o manual de instruções.

Assim, diante dessa convivência familiar “sem rosto” onde não se corre o risco dos segredos virem à tona, pode se andar livremente no dia seguinte sem medo de ser descoberto.

A modernidade se faz dona dos aflitos que ganham confiança e direcionamento em uma comunidade de contatos “estranho”¹¹⁷, onde o envolvimento é apenas momentâneo, depois podemos simplesmente olhar em outra direção e seguir o nosso destino, sem nome.

3.2. O pastor: perito nos ensinamentos

Diante do cenário assustador, desestruturado e sem apoio da modernidade, o ser humano necessita de alguém “ou grupos” que se sintam “responsáveis”¹¹⁸ por ele para dividir suas angustias. Nesse caso as instituições pentecostais e neopentecostais se fazem importante pelo cenário que elas propiciam aos seus participantes.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 84.

¹¹⁸ *Ibidem*, p.87.

Servida por grupos voluntários de leigos e leigas bem treinados para essas tarefas, o indivíduo encontra conforto. Em seu primeiro contato com essas igrejas, haverá sempre alguém que lhe servirá de apoio e confiança em sua nova caminhada.

A igreja AD - Bom Retiro conta com uma extensa equipe de ajuda para quase todos tipos de problemas, tanto de ordem espiritual e social. Citados anteriormente no capítulo III, os grupos, formados dentro do Ministério pastoral servem de base para muitos que ingressam nesta igreja. São vistos como primeiro contato e fonte de ajuda para solucionar os males que assolam a vida dos adeptos que estão procurando talvez, o seu último recurso.

Arrastados pela carência afetiva deixada pelos novos tempos e diante do mal-estar que parece não ter solução, o homem precisa de sustentação básica para viver. A religião ainda é o ponto de partida e luz para essa busca. Os pastores ainda são os intermediários de Deus, os milagres ainda são os mais desejados e a solução para quem não quer viver mais nesse “abismo”.

Tidos como Intercessores entre o “bem” e o “mal”, os pastores trazem em seus ensinamentos carismáticos, novas receitas que adicionada a vontade de Deus, penetra no mais íntimo de nosso ser, nos provocando a viver novos contatos e mudar os caminhos já entregue a derrota.

Considerados como profetas, os pastores são verdadeiros peritos de Deus dentro das igrejas pentecostais e neopentecostais. De olhares firmes, são marcantes por onde passa, todos querem chegar perto dos pastores de suas igrejas, parecem guardar um “segredo” que só deve ser confiado à eles.

Extremamente carismáticos os pastores criam um vínculo de confiança entre eles e a comunidade que pregam. Durante as visitas dentro da igreja AD-Bom

Retiro foi observado que os pastores que pregavam lá não poupavam palavras de confiabilidade, deixavam claro que a distancia que os separavam da comunidade era apenas o púlpito, falavam de suas famílias, dos problemas de ordem financeira enfrentado muitas vezes por eles, entre outros, assumindo o modelo de um novo caminho para os que aceitarem experimentar a nova sorte..

Geradores de uma confiança passiva, os pastores influenciam no indivíduo um desejo ardente de novas conquistas, embora muitas vezes nem sempre são bem sucedidos, correm o risco de fazer um investimento fracassado afastando cada vez mais o indivíduo do sagrado. Mas, na verdade, o investimento é para que tudo saia bem, aumentando a relação de confiança entre ambos.

A modernidade nos permite viver pelo desejo de “ser” e de “ter” momentâneo, de maneira a não se conformar com a situação atual. Logo, o indivíduo parte em busca de novas realizações. As igrejas pentecostais são geradoras desse conforto, dessas novas promessas, atraindo cada vez mais, pelos discursos dos pastores, que em todos os momentos se renovam em busca de novos atrativos.

“A natureza da barganha é governada por misturas específicas de deferência e ceticismo, alívio e medo”¹¹⁹, assim, em meio a todo esse envolvimento entre ele e pastor, o indivíduo pode recuar e tomar outro rumo se tornando extremo a toda experiência religiosa. Atualmente é comum ouvir pessoas dizendo que pertenciam a determinada igreja, mas não freqüenta mais, depois que o pastor se mudou ou depois de algumas desilusões vivida nessa igreja.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 93.

3.3. Discurso: o palco da prosperidade

Na maioria das vezes as pessoas que procuram a tão almejada “luz” estão geralmente desorientadas e sem esperanças, com isso, buscam ouvir nas igrejas tudo aquilo que acham válido para uma purificação interior, independente de suas necessidades. Sendo assim, principalmente nas igrejas evangélicas, pastores que gesticulam durante suas falas apontando diretamente para o público, que movidos por uma grande carência espiritual, recebem tais palavras como se fossem direcionadas exclusivamente a eles fazendo com que suas angústias desapareçam momentaneamente, tornando-se de imediato uma espécie de “instrumento”, ungido pelo o Espírito Santo de Deus.

O discurso religioso está revestido de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus, que fala em seu lugar, mas que também não é Ele: é o que Orlandi chama de ilusão da reversibilidade: *o como se fosse sem nunca ser*¹²⁰. Na verdade, o discurso é estruturado por meio de uma indireta interação entre Deus e Seu representante aqui na Terra, ou seja, os pastores. O recurso usado como forma de permear suas palavras com os textos Bíblicos vem confirmar a autoridade da fala que o discurso possui, com isso garante maior aprovação, aceitação e conformação às palavras de Deus. Assim, os discursos são chamados de “performativos” do tipo *crer é, tem que, permaneçamos*¹²¹, exercem a função de chamar/ convidar/ convocar o ouvinte à fé e aproximá-lo de Deus.

Seguindo as características remontadas aos fiéis, o discurso persuasivo dos pastores vem pela fé, incontestavelmente, desencadeando uma atitude de submissão e conformação ao discurso proposto.

¹²⁰ ORLANDI, E. P. *Palavra, fé, poder*, p. 253.

¹²¹ *Idem*, *Discurso e leitura*, p. 42.

O discurso religioso caracteriza-se com um discurso assimétrico, uma vez que as relações entre locutor e ouvinte se estabelecem em planos distintos: um da ordem espiritual (a voz de Deus) e outro de ordem temporal (os ouvintes terrenos), portanto, trata-se de um tipo de discurso em que a interação é estabelecida de forma a conter a reversibilidade e cujo sentido fica aprisionado pelo próprio dizer: único e inquestionável, onde o “divino” é sustentado, desde seu início e origem, pela desigualdade de papéis e de lugares.

O intertexto constrói-se como estratégia de autoridade, como advertência, colocando o leitor numa situação em que não há saída: ou ele segue as palavras de Deus, ou está arruinado. Advertência nesse contexto assemelha-se à ameaça, e não há chance para a não-adesão prática e discursiva. As palavras de Deus são incontestáveis, e o texto que se desenvolverá a partir desse fragmento que introduz o livro será o reflexo de uma verdade já anunciada.

A fala discursiva dentro da igreja AD - Bom Retiro, para quem chega abatido a esta igreja, é um balsamo, cheia de desafios e ao mesmo tempo consoladora, os pastores apostam tudo naquele momento para chamar a atenção de quem os ouve. As promessas de Deus são verdadeiros “oráculos” a serem cumpridos para quem vivem nas descrenças da fé e envolvidos pela solidão do imediatismo oferecido pela modernidade.

Usando de manobras fortes e de teor emocional, a fala religiosa assume ares de convencimento ao defender que as promessas de Deus e seus desejos para a vida dos fiéis são de abundância material, de prosperidade e de bênçãos. Assim, jogam com palavras de forma a intencionar que, pela aliança firmada com Deus, as coisas boas são de Seus servos. A promessa de bem estar parece ser a chave: a sociedade moderna é a sociedade da aposta no futuro melhor.

3.4. Culto: espetáculo da emoção ao efêmero

Como Harvey coloca que a modernidade abrange ao mesmo tempo o transitório, o fugidio e o contingente como uma metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável.

Essa vida moderna – que estava permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente – trazia uma série de conseqüências:

- a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado ou qualquer ordem social pré-moderna;
- a transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo e sentido de continuidade histórica; e
- a modernidade envolve uma ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes (pois é caracterizada por um processo interminável de rupturas e fragmentações internas inerentes).¹²²

Diante dessas rupturas trazidas pela modernidade, as igrejas pentecostais e as neopentecostais tentam se atualizar o mais profundo de Deus para os seus ouvintes. Sem se importarem com “o ridículo” em cada culto realizado, elas se abrem em cortinas da emoção para seus pastores, onde vale tudo: cantar, dançar, gritar, profetizar, orar, etc., a alegria é a coadjuvante principal e colaboradora do lúdico, transformando assim, o seu ambiente em um dos palcos mais agradáveis de se participar.

¹²² HARVEY, D., *op. cit.*, p. 21.

As promessas de realizações de cura, libertação e orações “proféticas” têm o seu lugar de destaque. Certos da vontade de Deus, pastores e fiéis se confundem nas orações, cada um em seu papel vive aquele momento como sendo único. A confiança é o elo entre eles, mas ao mesmo tempo de maneira abstrata, sem se conhecerem realizam ao que chamamos de “espetáculo de significados” mais difícil de se entender.

As alterações vividas no contexto urbano parecem mesmo não deixar saída para os mais simples ou aqueles vindos dos meios rurais. Impulsionados as novas ofertas anunciadas todos os dias pelos meios de comunicação, conviver nas grandes metrópoles não é tarefa fácil. O indivíduo ao se deparar com um mundo novo cheio de “tudo”, mas ao mesmo tempo carente do “todos” e diante do que chamamos de Modernidade, como encontrar parte do mundo deixado para trás? Seria as igrejas o único recurso? Não sabemos ao certo, talvez o tempo seja o grande provedor dessas e de outras perguntas que ainda surgirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer desse trabalho, o Pentecostalismo é um movimento que surgiu nos Estados Unidos no começo do século XX. Diferente do Protestantismo histórico, descendente da Teologia da Santidade do Metodismo Wesleyano, e do Movimento “Holiness” acredita viver a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo por meio de um novo batismo no mesmo espírito, além de realizações de curas e milagres, glossolalia, curas físicas e espirituais, bem como no diálogo com Cristo.

As mudanças sociais e urbanas advindas do seu nascimento, e o surgimento de novas necessidades sociais fortaleceram as práticas de outros pequenos grupos formados, principalmente, por pessoas de baixa renda e marginalizados, que no início não chegaram a “incomodar” as grandes igrejas Históricas já instaladas. Porém, ao passar do tempo, o resultado visto foi uma explosão de novas igrejas, credos e maneiras diferentes de falar com Deus.

No Brasil, o surgimento se deu no ano de 1910, com a fundação da igreja Congregação Cristã do Brasil em São Paulo e, logo em seguida (1911), a fundação da igreja Assembléia de Deus na cidade de Belém do Pará, no extremo oposto no país: juntas elas formam o marco do Pentecostalismo brasileiro, com um novo tipo de igreja e de experiências religiosas. As igrejas formadas traziam um perfil de práticas diferentes de ver o mundo.

Para essas, toda a formação do mal advém do demônio, as interpretações na palavra são extremamente rigorosas, fundamentalistas, e há uma modificação

nos hábitos e rotinas cotidianas (formas de vestir, comportamento social, relacionamentos, etc). As vidas dos adeptos estão focadas no sofrimento terreno como forma de receber as bênçãos celestes do Paraíso. Por isso, suas pregações são carregadas de emocionalidade e obediência, na figura de culto ao líder, muitas vezes carismático, que leva as pessoas a se aproximarem da divindade por meio da reformulação do imaginário de base.

Todavia, como vimos, o pentecostalismo também foi se modificando e se adaptando, desde seu surgimento, à realidade social brasileira conforme essa era alterada. As diversas fases (ou ondas, como apontou Freston) seguiam as alterações do contexto social, urbano e econômico brasileiro e, seguindo essa estratégia, fizeram prosperar a expansão pentecostalista. Na verdade, podemos observar um duplo movimento na história do pentecostalismo assembleiano; um primeiro de institucionalização do carisma pentecostal original, que resultará numa igreja com características comunitárias e regras disciplinares bem demarcadas, as clássicas localizadas, sobretudo nas periferias das cidades; um segundo movimento coloca em crise a primeira na medida em que se adapta às demandas sócio-culturais da cidade e às estratégias neopentecostais.

A igreja Assembléia de Deus firmada no bairro do Bom Retiro, que foi objeto dessa pesquisa, deve ser analisada como a terceira versão do pensamento assembleiano iniciado em 1911; surgiu, na verdade, já com um reflexo das diversas cisões internas de posturas e pensamentos dos pastores, iniciada pelo Pastor Macalão nos anos de 1930 – e que visava atender a uma nova demanda social.

Esta igreja, fundada em 1988 pelo Pastor Jabes Alencar, traz características da primeira formação – no que se refere à interpretação da palavra – mas conseguiu se reproduzir em si mesma, de maneira a se tornar independente

junto às demais e se assemelhando às igrejas denominadas de terceira onda pentecostal, ou neopentecostais.

No decorrer da pesquisa, havia a idéia que esta igreja continuava a praticar seu cotidiano da mesma maneira que suas correspondentes mais tradicionais, porém notou-se um rompimento com estas características, de forma a tornarem prática, a busca do engrandecimento social e material. Atualmente seus objetivos principais vão ao encontro às necessidades de uma sociedade modernizada, com a mesma velocidade e intensidade do hedonismo calcado no consumo e no imediatismo, uma estratégia para buscar a cura para as mazelas sociais contemporâneas no aqui e agora; perpetuando, de certa forma, o ciclo vicioso e contínuo quase imutável do capitalismo vigente.

Tangendo para a análise sociológica da igreja, no que se refere à dominação tradicional, aparentemente a AD – Bom Retiro perdeu parte desse caráter, promovendo formas distintas e únicas para manter seus adeptos em um clima lúdico, explorando formas de um espetáculo efêmero. Os costumes levados pelos fiéis diferem-se totalmente daqueles esperados em sua origem. Hoje acompanham as tendências modernas de busca da satisfação material, seja através de roupas de grife, bem como celulares e carros, dentre outros, mostrando que a classe excluída já não é mais o único foco principal dessa igreja.

Administrativamente, podemos perceber uma adesão de massa transitória e serviço instantâneo de característica racional. Existem equipes preparadas especialmente para cada tipo de demanda, e que almejam o melhor ganho resultante delas.

Podemos perceber o quão importante é para a entrada e permanência dos fiéis essa visão de modernidade arraigada na igreja: a diminuição do ascetismo

tradicional e a aproximação das características da modernidade trazem a tona sentimentos de pertença e esperança de uma recompensa terrena pelos seus esforços, sacrifícios e mazelas.

O emocionalismo e a espontaneidade dos fiéis ainda é conservado por essa comunidade; a liberdade de expressão, uso de vestimentas, jóias, tinturas, etc, para as mulheres permite uma observação mais clara, de que esta igreja não prega o rigorismo trazido em sua origem. De maneira geral, os adeptos da igreja AD – Bom Retiro dizem que estão satisfeitos com a nova igreja assembleiana, uma vez que, podem viver mais tranquilos no seu dia-a-dia sem medo de infringir as regras “sagradas” contidas na palavra de Deus. Na fala de muitos, Deus também é moderno e gosta das coisas belas.

Outro aspecto relevante encontrado nas observações empíricas na igreja AD – Bom Retiro, é o expressivo número de pessoas pertencentes à classe média participante dos cultos, contrastando com as informações advindas do passado.

Pode-se concluir que, a Assembléia de Deus no bairro do Bom Retiro, embora use a mesma denominação de “Assembléia de Deus”, se distanciou largamente de sua origem. Os hábitos praticados atualmente em seus domínios, mostram uma igreja que caminha lado a lado com as “necessidades sociais” vividas no contexto urbano por seus membros, ou seja, uma comunidade massificada e capitalista. Suas características assemelham-se, em grande parte, àquelas típicas das igrejas denominadas neopentecostais, que se apóiam na sociedade midiática e fazem da teologia da prosperidade uma forma de estratégia para encontrar e servir a Deus.

A história do cristianismo não constitui uma exceção a esse processo que observamos e constatamos na igreja AD – Bom Retiro, na medida em que se centra

como um longo percurso de adaptações aos mais variados contextos. O neopentecostalismo parece ser, de fato, uma versão modernizada do cristianismo participante de uma sociedade cada vez mais individualizada, consumista e estética.

Todavia, apesar da análise ter sido rica, existem limites para as generalizações dos dados encontrados. É possível afirmar a partir da pesquisa realizada nesta igreja, que a neopentecostalização seja uma constante em todas as igrejas dessa mesma denominação. Embora, os dados encontrados refletiram características específicas de um determinado público, região, pessoas e comércio do bairro do Bom Retiro ou, ainda seja, característica daquela vertente assembleiana nomeada como ministério independente.

Porém, as características encontradas podem refletir um fenômeno maior nas igrejas tradicionais em geral, especialmente naquelas das grandes cidades que estejam se adaptando a uma modernidade urbanizada. O cenário apresentado nessa dissertação deixou claro, por meio das falas dos próprios adeptos, que ainda existem igrejas que mantêm sua forma tradicional e, conseqüentemente, sua postura ascética rígida, motivo esse que também contribui para a entrada de muitos adeptos na AD – Bom Retiro. Assim, as igrejas de denominação assembleiana parecem ser múltiplas em suas formas de atuação e, esse panorama indica que seriam necessários mais estudos específicos sobre a temática que levassem em consideração o processo de neopentecostalização ou manutenção das características tradicionais-clássicas naqueles ministérios da igreja AD apontados no decorrer desse trabalho: ministério de Belém, ministério de Madureira e ministério Independente. O processo de neopentecostalização é um fato, mas será que a manutenção das igrejas tradicionais clássicas também não é um fato complementar ao fenômeno da modernização das cidades?

O processo de neopentecostalização reproduz uma cultura de consumo, uma cultura moderna que é tipicamente efêmera por definição; uma cultura que prega a acentuação do individualismo, do distanciamento dos laços comunitários, da competição a qualquer preço e da felicidade imediata ao custo da permanente adaptação as mudanças sociais. Será que esse processo – como a própria modernidade – não estará fadado ao fracasso pela impossibilidade da renovação permanente da estética de consumo?

Há muito ainda a se avaliar, especialmente no que tange as necessárias comparações entre as igrejas pertencentes às diversas vertentes assembleianas; caminho esse muito relevante para próximos estudos.

Em suma, pode-se dizer que a igreja AD – Bom Retiro conserva poucos traços das igrejas consideradas clássicas de primeira “onda” e assemelha-se em maior parte as igrejas neopentecostais. Acreditamos que ainda faltam muitas informações esclarecedoras para que se pudesse obter uma análise completa e de entendimento aplicável para as outras igrejas da mesma origem. A possibilidade de a neopentecostalização ser apenas uma etapa de um círculo vicioso que levará as igrejas de volta ao ponto de partida – a “tradicionalização” –, ou até mesmo para a não religião, só poderá ser respondida nas próximas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *Religião e Repressão*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- BASTIAN, J. P. *La Mutación Religiosa de América Latina*: Para una sociologia del câmbio social en la modernidad periférica. México, D.F: Fondo de la Cultura Econômica, 1997.
- BENEDETTI, L. R. *Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base*. Rio de Janeiro, CERIS: Ed. Vozes, 2001.
- _____, _____. *Templo, Praça, Coração: A articulação do campo religioso católico*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP-CER, 2000.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.
- BURGESS, S. M.; MCGEE, G. B. *Dictionary of Pentecostal and charismatic movements*. Michigan: Zondervan Publishing House, 1995.
- BURKE, P. (org). *A Escrita da História - novas perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992.
- CALDAS, C. F. L. *Alargando tendas para salvar almas: a História da igreja evangélica Assembléia de Deus – Bom Retiro*. Artigo publicado na AD – Bom Retiro , São Paulo, 25/02/2002.
- CAMPOS JUNIOR, L. C. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ed. Atica, 1995.
- CAMPOS, L. S. *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina, um desafio aos protestantes históricos*. São Paulo: AIPRAL, 1996.
- _____, _____. *Teatro, Templo e Mercado*. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.
- CASTELIS, M. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume II - O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CESAR, W.; SHAULL, R. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis, R.J. : Ed. Vozes, 1999.
- CONDE, E. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2005.

COSTA, J. W. B. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

D'EPINAY, C. L. *O Refugio das massas*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1970.

DAMIANI, A. L. *The metropolis and the industry: reflections on critical urbanization*. São Paulo: Terra Livre, 2000.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

ECO, H. *Como se faz uma tese*, Coleção Estudos 85, São Paulo: Perspectiva, 2001.

FILORAMO, G. *As religiões de salvação*. São Paulo: Ed. Hedra, 2005.

FRESTON, P. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, R.J: Ed. Vozes, 1996.

_____, _____. *Uma breve historia do pentecostalismo brasileiro: A Assembléia de Deus*, Revista Sociedade e Religião – ISER, Rio de Janeiro, 1994.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*, São Paulo: UNESP, 1991.

_____, _____. *Sociologia*, Porto Alegre: Artmed, 2005.

HARVEY, D, *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JACOB, C. R.; HEES, D. R.; WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RIO, Ed. Loyola, 2003.

JARDILINO, J. R. L. *Sindicato dos mágicos – um estudo de caso na eclesiologia neopentecostal*. São Paulo: CEPE, 1993.

KOTLER, P. *Administração de Marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. São Paulo, Atlas, 1998.

LACOSTE, J. (org). *Dicionário Crítico De Teologia*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

LELIEVRE, M. *João Wesley, sua vida e obra*. São Paulo: Ed.Vida, 1997.

MAFRA, C. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARIANO, R. *Neopentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MATOS, M. I. S. *Trama e Poder: a trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café (São Paulo, 1888-1934)*. São Paulo: 7Letras, 2002.

MENDONÇA, A. G. O. *Celeste Porvir – A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura* - São Paulo Cortez 1988.

_____, _____. *Palavra, fé, poder*. São Paulo, Pontes 1987.

ORO, A. P. ; SEMAN, P. *O Pentecostalismo nos países do Cone-Sul: Panorama e Estudos.. Religião e Sociedade.*, Rio de Janeiro, 1997.

PARADIS, A. *Ética e crises sociais na sociedade contemporânea*. Revista Sociedade e Religião – ISER, Rio de Janeiro, 1994.

PASSOS, J. D. *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____, _____. *Pentecostais – Origens e começo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

_____, _____. *Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses: uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal*. Tese de doutoramento. São Paulo: PUC-SP, 2001.

PEREIRA, P. C. X. *São Paulo, uma ou várias cidades e Histórias?* Artigo publicado na FAUUSP, São Paulo, 2000.

PIERUCCI, A.F. & PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RIVERA, D. P. B. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: Sociologia do Protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

ROLIM, F. C. *Pentecostalismo, Brasil e América Latina*. São Paulo: Ed.Vozes, 1995.

SANCHIS, P. *Pentecostalismo e Cultura Brasileira*, Revista Sociedade e Religião - ISER, Rio de Janeiro, 1977.

SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SHELLEY, B.L. *Historia do Cristianismo: ao alcance de todos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SOUZA, B. M. *A experiência da salvação – pentecostais em São Paulo*. – São Paulo: Ed. Duas cidades, 1969.

TORRESAN, J. L. *A interação pastor X fiel da Igreja Universal do Reino de Deus no jornal Folha Universal – um jornal a serviço de Deus*. (dissertação de mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? – Iguais e diferentes*. São Paulo: Ed. Vozes, 1997.

TRUZZI, O. M. S. *Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo*. IN Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

_____, _____. *Patrícios Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, _____. *Economia e Sociedade*. Brasília, Ed. UNB, 2003.

_____, _____. *Ensaio de Sociologia*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.

WESLEY, J. *Sermões* vol 2. São Paulo: Ed. Imprensa Metodista, 1994.

_____, _____. *Sermões* vol 4. São Paulo: Ed. Imprensa Metodista, 1997.

Sites da internet:

Assembléia de Deus, www.ad.org.br, data de acesso: 20/05/2005;

Departamento do Patrimônio Histórico – DPH, da Prefeitura do Município de São Paulo, www.prodam.sp.gov.br/dph/historia, data de acesso: 02/09/2006.

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIROS DE ENTREVISTAS PILOTO

Idade _____

Estado Civil _____

Ocupação (profissão e função atual): _____

Escolaridade: _____

Renda Familiar: _____

Origem (cidade e estado de nascimento): _____

Opção religiosa atual: _____

Desde quando: _____

Opção (ou opções) religiosa (s) anteriores: _____

Período em que pertenceu a esta (s) igrejas (s): _____

Motivo do ingresso na Igreja Atual: _____

Relate uma experiência religiosa significativa que te motivou a ingressar (ou a permanecer) na Igreja Atual:

ANEXO 2: FOLDER DA PROGRAMAÇÃO DOS HORÁRIOS DOS CULTOS



DD GOSPEL
A RÁDIO QUE JAMA VAI

PROGRAMA RÁDIO
Segunda
à Sexta-feira
das 12h00 às 13h00

NOSSAS REUNIÕES

<p>■ ■ ■ SEGUNDA ■ ■ ■</p> <p>19h30 - Noite de Poder 19h45 - Curso de Teologia</p> <p>■ ■ ■ TERÇA ■ ■ ■</p> <p>09h00 - Culto da Res. dos Sonhos 12h00 - Culto da Res. dos Sonhos 15h00 - Culto da Res. dos Sonhos 17h00 - Culto da Res. dos Sonhos 19h30 - Culto da Res. dos Sonhos</p> <p>■ ■ ■ QUARTA ■ ■ ■</p> <p>09h00 - Manhã da Vitória 15h00 - Tarde da Vitória 19h30 - Culto da Vitória</p> <p>■ ■ ■ QUINTA ■ ■ ■</p> <p>19h30 - Culto Avivamento Profético</p>	<p>■ ■ ■ SEXTA ■ ■ ■</p> <p>08h00 - Manhã de Jejum e Oração 15h00 - Culto de Mulheres Vitoriosas 19h30 - Culto da Família 21h00 - Noite Jovem</p> <p>■ ■ ■ SÁBADO ■ ■ ■</p> <p>09h45 - Curso de Teologia 19h30 - 1º Sábado Santa Ceia do Senhor 19h30 - 3º Sábado Culto de Missões os demais sábados eventos especiais</p> <p>■ ■ ■ DOMINGO ■ ■ ■</p> <p>08h00 - Jejum das Causas Impossíveis 10h00 - Escola Bíblica Dominical 12h00 - Culto em Espanhol 15h00 - Culto das Portas Abertas 17h00 - Campanha da Vitória 19h15 - Culto de Celebração</p>
---	--

DE SEGUNDA A SEXTA CULTO

"BÊNÇÃO DO MEIO DIA"

AS 12h00

ANEXO 3: FOLDER DETALHADO COM HORÁRIOS, CURSOS E FICHA PARA VISITANTES

[illegible]

Pastor Alencar



Com muita alegria, queremos dar-lhe as boas vindas. Nós sabemos que há um grande número de igrejas onde você certamente poderia estar hoje. Agradecemos por você ter escolhido adorar a Deus conosco. A Assembléia de Deus - Bom Retiro, é uma comunidade de pessoas que buscam ser tocadas e transformadas pelo poder de Deus. Nosso desejo é que você seja tocado pela união do Senhor e que não seja apenas um visitante, mas que participe ativamente de nossas reuniões. Nossa visão é que ser crente é ser livre e ser alegre, portanto adore a Deus com liberdade. Temos uma equipe de obreiros prontos para ajudá-lo e vários departamentos onde, certamente, há um lugar para você. Nossas portas estão abertas para todos aqueles que querem as bênçãos de Deus. Seja bem-vindo, receba o meu carinho e de toda nossa família!

Pr. James de Alencar
Pastor Presidente



PROGRAMA DE MENSAGEM DE ESPERANÇA

REDETV
CANAL 9

Aos Sábados 8:30h

Nossas Reuniões

SEGUNDA	SEXTA
19:30h - Culto Profético	8:00h - Manhã de Jejum e Oração
19:45h - Curso de Teologia	11:00h - Culto das Mulheres Vitoriosas
TERÇA	SABADO
Culto da Ressurreição dos Sonhos	19:30h - Culto da Família
8:00h / 12:00h / 15:00h / 17:00h / 19:30h	DOMINGO
QUARTA	8:00h - Jejum das Causas Impossíveis
9:00h - Manhã da Vitória	10:00h - Escola Bíblica Doméstica
15:00h - Tarde da Vitória	12:00h - Culto em Espanhol
19:30h - Culto da Vitória	15:00h - Culto das Portas Abertas
QUINA	17:00h - Campanha da Vitória
19:30h - Culto Avivamento Profético	19:15h - Culto de Celebração

DE SEGUNDA A SEXTA
CULTO "BÊNÇÃO DO MEIO DIA" ÀS 12:00h







MELHOR PROGRAMAÇÃO
Gospel
DE SÃO PAULO

660AM
SINTONIZE
24 HORAS NO **AR**

A RÁDIO QUE AM A VOCE



RENDIMOS A GENTILEZA DE PRECISAR DESTACAR E DEVOLVER NO BALcão CENTRAL. VOCE E SEMPRE SEM VINDO

Nome: _____ UF: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

E batizado nas águas? ☐ Sim ☐ Não A que Igreja pertence? ☐ Sim ☐ Não

Deseja tornar-se membro de nossa Igreja? ☐ Sim ☐ Não

Gostaria de receber uma visita da nossa Igreja? ☐ Sim ☐ Não

Tel: () _____ E-mail: _____

Data: _____

ANEXO 4: ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bom, eu espero que esse momento seja mais um bate papo, mais informal... você pode falar o que você quiser e, se não se sentir a vontade sobre algo, não precisa falar.

#1) Pra gente começar, eu queria que você falasse um pouco sobre você. Como é sua rotina, se trabalha, estuda...

- idade
- estado civil
- se tem filhos
- onde mora
- profissão
- renda (pessoal) e da família

#2) Como você chegou aqui na igreja A D?

- quando entrou (ano)
- porque entrou (motivos)
- como descobriu a igreja? Alguém indicou?
- E antes como era? Pertencia alguma outra igreja? Qual (is)? Por quanto tempo?
- Se pertencia, por que saiu?

#3) E como é aqui na igreja hoje? Conte um pouco sobre a A D...

- rotina da igreja
- costumes
- regras
- dizimo

#4) Você já esta aqui há anos. Você sentiu alguma mudança nesses costumes dentro da igreja? Conte um pouco pra mim.

- como era antes em relação às regras
- em relação às vestimentas, linguagem
- em relação aos comportamentos

(se a pessoa estiver a pouco tempo, perguntar: Você sabe como era a igreja antigamente?)

#5) (se a pessoa disse que existia diferença) Você acha que essas mudanças foram boas ou ruins? Porque?

- o impacto das mudanças na rotina do adepto
- as impressões sobre a mudança
- se a mudança contribui para a permanência do adepto na igreja

#6) bom, agora nossa entrevista já esta acabando... eu gostaria que você falasse um pouco sobre o futuro, quais são as suas perspectivas, seus planos, e no que você acha que a igreja participa deles.

ANEXO 5: ENVELOPE DO DÍZIMO



"Monta o Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua tenda; e então se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão os teus lagares."
Provérbios 3:9 e 10

Bradesco
Ag. 114/7
C/C 47625-0
CNPJ 58.926.205/0001-82

☐ **DÍZIMO**

☐ **Oferia Especial**
Para: _____

11 - 3313-4545

Nome: _____ Valor: _____

ANEXO 6: FICHA DE MEMBROS



Assembléia de Deus | Bom Retiro
 Rua Afonso Pena, 560 - Bom Retiro - São Paulo - SP
 CEP 01124-000 Tel/Fax: (11) 3313.4545
 adbr@adbr.org.br

RM:

FichadeMembros

ASSEMBLÉIA DE DEUS BOM RETIRO

() SEDE
 () FILIAL _____

Favor preencher à máquina ou letra de forma e anexar 02 fotos 3x4

Nome:		Sexo: () Masc. () Fem.	
Igreja de Origem:	Nome do Pastor:	Data de Batismo	
Endereço Completo:		Nº / Complemento	
Bairro:	Cidade:	UF	CEP
Fone Residencial:	Fone Comercial:	Celular:	
Data Nascimento	Natural de: / UF	Email:	
RG	CPF	Profissão:	
Estado Civil: () Casado(a) Nome do Cônjuge _____ () Solteiro(a) () Viúvo(a) () Divorciado(a) () Outros			
Filiação Pai:			
Mãe:			
OBS: _____			

"O amor é o cartão de identidade
do Cristão" 

ANEXO 7: FOLDER DA CAMPANHA PORTAS ABERTAS

Campanha
Portas Abertas

A Chave da Vitória está em suas mãos

*Eis que estou à porta e Bato;
se alguém ouvir a minha voz
e Abrir a porta, entrarei em
sua casa e com ele cearei, e
ele, comigo.*

Ap 3;20

Venha e traga sua família!



Igreja Assembleia de Deus
Ministerio Bom Retiro

Campanha
Portas Abertas

Dr. Rubinho e esposa



*Disse Jesus: Eu sou a porta. Se alguém Entrar
por mim, será salvo; entrará e sairá e achará
pastagem.*

Jo 10, 9



TODOS OS DOMINGOS AS 15:00HS

ASSEMBLEIA DE DEUS-BOMRETIRO
RUA APURIO PERLA, 500 - BOM RETIRO - SÃO PAULO
ENTRADA LIVRE 011-3383-4043

ANEXO 8: FOLDER DE CURSOS

**CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA
ADBR BOM RETIRO
NOVAS TURMAS**

SEGUNDAS, TERÇAS, QUINTAS (19:30 ÀS 22:00 h)
E SÁBADO (10:00 ÀS 12:00 h)

10 MÓDULOS COM DURAÇÃO DE 3 MESES CADA.
COM 20 MATÉRIAS - VAGAS LIMITADAS

INSCRIÇÕES BALCÃO DE INFORMAÇÕES

OU PELO TEL 3313-4545 9770-7809 CEL
E-mail: irs.mmrs@terra.com.br (Secretário: ILÇO)

**CURRÍCULO DO CURSO
BÁSICO DE TEOLOGIA ADBR**

Mod. 01: O Pentateuco;
Os Evangelhos
Mod. 02: Hermenêutica;
Evangelismo e Missões
Mod. 03: Seitas e Heresias;
Doutrina do Espírito Santo
Mod. 04: Atos, Rm, Hb e Apocalipse;
Livros Históricos
Mod. 05: Cristologia;
Doutrinas Bíblicas
Mod. 06: História da Igreja;
Cartas Gerais
Mod. 07: Cartas Paulinas;
Geografia Bíblica
Mod. 08: Bibliologia;
Livros Poéticos
Mod. 09: Livros Proféticos I;
Teologia Pastoral
Mod. 10: Livros Proféticos II
Homilética

**RESERVE A SUA VAGA
AGORA!!!**

ANEXO 9: FOLDER DA FESTA DOS ESTADOS

ENTRADA FRANCA

9ª FESTA DOS ESTADOS

COMIDAS TÍPICAS, PARQUE INFANTIL,
BANDAS E CANTORES

DE 8 A 17 DE JULHO 2005

ASSEMBLÉIA DE DEUS BOM RETIRO

RUA AFONSO PENA, 560 BOM RETIRO - SP (PRÓXIMO AO METRÔ TIRADENTES)

INFORMAÇÕES (11) 3313.4545

A CONFIRMAR

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

CASSIANE | ALINE BARROS
MATTOS NASCIMENTO | LAURIETE
EDUARDO E SILVANA
MARA MARAVILHA | EYSHILA
SORAYA MORAES | BANDA GROW
OFICINA G3 | FERNANDA BRUM
MINISTÉRIO APASCENTAR
LUDMILA FERBER | DAVID QUINLAN
MAURI D'JESUS | NILVA LIMA
ROBERTO MARINHO
ENTRE OUTROS

APOIO:

REALIZAÇÃO: